

magru floriano

ROTEIRO CULTURAL DE SÃO PAULO

Esboço fenomenológico de uma
incursão cultural na terra bandeirante



Capa: arte sobre foto de Magru Floriano elaborada na Pinacoteca do Estado de São Paulo tendo ao fundo as esculturas 'Brasileiro' e 'Primavera' de Raphael Galvez.

FLORIANO, Magru. Roteiro cultural de São Paulo – Esboço fenomenológico de uma incursão cultural na terra bandeirante. Itajaí: Brisa Utópica, 2019.

AGRADECIMENTOS

À Sheila Sant'Anna Braga e Antônio Vaz de Souza pelo abrigo.

À Carmen por muitas dicas e companhia em alguns roteiros.

A todos os amigos do Facebook que deram dicas para a incursão: Aline Meira, Carlos Guerios, Carmem Sylvia Dellova Cavalcanti, Dione da Silva Andrade, Elis Fachini, José Haroldo Festa, Leandro Vinicius Hahn, Manoel Rocha Júnior, Marlise Groth, Osmar Schroeder, Renato da Silva Rothbarth, Simone Casimiro de Oliveira, Vê Domingos, Wladimir Mafra

Aos amigos-pet Betina e Pink por terem atacado com determinação, diuturnamente, minha solidão na terra bandeirante.

‘Por pequena que seja, não há coisa nenhuma indigna de atenção; o pequeno é grande e o grande é pequeno’

Victor Hugo – Os Miseráveis.

INTRODUÇÃO

Muitas foram as vezes que viajei a São Paulo e visitei suas instituições culturais. Mas dessa vez foi diferente, porque permaneci na cidade por um mês. Tempo suficiente para realmente me perder na cidade, misturar ao povo e viver sua cultura.

Saí às ruas de São Paulo com uma lapiseira e um bloco de notas – que havia comprado em um ano anterior na Bienal do Livro de São Paulo – decidido a anotar todas as minhas impressões acerca do cotidiano da cidade e minhas sensações diante de obras de arte, monumentos e pessoas. Escrever imediatamente aquilo que estava se passando na minha cabeça, sem filtro, sem intenções e importunações ideológicas.

Na mente, servindo de farol, a frase de Victor Hugo *‘Por pequena que seja, não há coisa nenhuma indigna de atenção; o pequeno é grande e o grande é pequeno’*. Ideia que já vinha cultivando em meu espírito de escritor desde a juventude quando da leitura da novela *‘Noite’* de Érico Veríssimo e, também, *‘Walden’* de David Henry Thoreau. Sendo assim, tentei não me deixar envolver pelo grande apenas por ser grande e não deixar escapar o pequeno que é essencial. Nisso me ajudou muito uma breve noção que tenho de Fenomenologia e outros métodos de observação/vivência de mundo que aprendi com a Filosofia e a Sociologia.

Fiz uma incursão direcionada para o cotidiano do povo, artes plásticas, arquitetura e artes públicas [monumentos, praças, murais, intervenções ...]. Deixei um pouco mais de lado a música e o teatro porque são artes que requerem uma incursão noturna mais intensa e tensa. Também pesou muito nessa escolha - do diurno em detrimento do noturno – a experiência que tive na década de oitenta quando fiz uma viagem cultural, com mochila às costas, em companhia do artista Paulo Pinheiro entre Curitiba - São Paulo – Rio de Janeiro. Ali senti, de forma dramática, que tem de se fazer escolhas porque o corpo começa a cobrar um preço muito alto, perdendo muito a qualidade do seu olhar sobre as coisas por conta do cansaço físico e psicológico.

Como estava completamente sozinho em São Paulo, esse mergulho na noite bandeirante deixei para uma segunda oportunidade quando não estiver só e, também, estiver mais preparado financeiramente. Afinal, ao contrário das artes plásticas, o acesso à boa música e ao bom teatro custa muito em São Paulo. Frequentei, por exemplo, exposições de qualidade internacional [Paul Klee, Rugendas...] e bons museus

[Tribunal de Justiça, Caixa Econômica, MAM, MAC ...] com ingresso livre. Na mostra de Djanira - no Masp - paguei apenas dez reais e, visitei a Cripta da Catedral Metropolitana com ingresso de oito reais. Em contrapartida a peça teatral ‘O fantasma da ópera’ teve ingresso de valor mínimo cotado em cento e cinquenta reais [meia entrada para idoso].

Há uma desproporção gritante no acesso às artes, com o bom teatro e a boa música [como o show do Paul McCartney e o Festival Lollapalooza – que ocorreram em São Paulo nesse final de março] custando o que o povo jamais poderá pagar. Na contramão desse elitismo do teatro e da música, o Centro Cultural Banco do Brasil ofereceu acesso gratuito à exposição monumental de Paul Klee, um evento também de qualidade internacional. Bem pertinho dali o Centro Cultural da Caixa fez o mesmo e ofereceu gratuitamente ao público uma mostra imperdível do gravurista Rugendas.

Mas, dizer o que sobre tudo isso, se nas mostras de Paul Klee e Rugendas encontrei dezenas de admiradores enquanto nos shows de Paul McCartney e dos roqueiros do Lollapalooza contou-se aos milhares aqueles que formam o que podemos qualificar como multidão. Nesse momento, compreendo, entra em cena a lógica tirânica do mercado e a vontade psicopática do modismo. Jovens deixam de comer visando economizar o suficiente para estarem em São Paulo ouvindo as bandas de rock internacionais. O mercado se alimenta dessa fome neurótica da juventude. Digo isso sem deixar de registrar, também, que há uma antropofagia entre burgueses endinheirados que compram obras de arte por milhões de dólares. De um lado e de outro, definitivamente, a arte não é para os normais.



Janela da OCA do Parque Ibirapuera – São Paulo

CAPÍTULO ÚNICO

1 – Cheguei. Meus pés pisam em terra firme do território bandeirante. Estar em São Paulo é estar num grande mirante de onde se tem uma vista privilegiada do Brasil. Mas, daqui, com binóculos, vemos o mundo.

- Estar só, no meio de milhões é uma sensação impar. Eu não sou ninguém, e não tenho qualquer importância para tantos que passam apressados por mim, numa corrente que leva ao Metrô.

- Tudo parece tão automático: homens, portas, escadas rolantes ... as pessoas andam juntas e estão distantes; possuem o mesmo objetivo, mas vão sós; estão lado a lado andando na mesma direção, mas possuem destinos próprios.

- São Paulo já teve cheiro de pastel de feira, mas, agora, cheira a pão de queijo. A Guerra dos Emboabas terminou mais uma de suas batalhas, com os paulistas ficando com os pães de queijo dos mineiros. Uma pepita de ouro cultural.

- Antes de entrar no vagão do Metrô cento, sem pressa, para comer um pão de queijo e me impregnar do espírito paulista. Será que era melhor comer um pastel? Mal cheguei e já estou dilacerado no meio de uma guerra cultural. Na certa serão muitas as batalhas em que estarei envolvido durante minha estada por aqui. Melhor já ir me acostumando.

- Aproveito esse breve momento para observar pessoas. Parecem todas iguais. Uma, mais uma, outra e mais outra. Gente e mais gente, indo e vindo, como formigas. Nada de novo aparentemente.

- Sei que ver toda essa gente como massa me tira a possibilidade de ganhar um Prêmio Nobel de Literatura. Não ter empatia para ver a história dramática de cada um me faz ter olhar comum e literatura simplista para alguém de Mário Vargas Llosa ou Gabriel Garcia Marquez.

- Olho para tudo e todos e vejo padrão, norma, mais do mesmo. Esse olhar genérico, insensível... me diferencia dos gênios e me coloca entre os comuns. Não conseguir perceber o drama que acompanha o olhar de um homem diante do balcão de vidro da lanchonete é a minha limitação de artista da escrita a ser superada neste momento. Tenho de ver em seu olhar a fome, o desespero de não ter dinheiro para comprar um pão de queijo ou pastel ... o destino à espreita. Ele é para mim apenas mais um homem

diante do pão que tem a potência de matar sua fome. Fosse eu um Victor Hugo e viria ali um Jean Valjean [protagonista de ‘Os miseráveis’].

- Mas deixo meu potencial Jean valjean partir sem que minha sensibilidade de artista se perturbe a ponto de pensar uma obra literária a seu respeito. Em poucos minutos em São Paulo já perdi milhares de oportunidades de ter um bom personagem e escrever um grande livro. Melhor esquecer o Nobel de Literatura e viver São Paulo com profundidade.

- Longe dos dramas pessoais e do Nobel de Literatura, volto-me para a minha solidão – estou só em São Paulo e não sei bem ao certo por onde começar a minha incursão cultural. Minhas referências são o MASP e a PINACOTECA DO ESTADO. Quando pensei a viagem imaginei começar pelo óbvio e visitar o MASP e as instituições no seu entorno, contudo, ficou mais a mão começar pela Pinacoteca.

2 – Eu vim do Sul para viver artes em São Paulo e, também, respirar História. As vezes tenho a impressão que um quadro de Tarsila do Amaral dialoga diretamente comigo, sem pedir permissão à minha consciência. Talvez resida aí o grande mistério de como a arte fascina tanto uma pessoa como eu e não diz absolutamente nada para uma grande maioria. É que, acho eu, a arte tem acesso direto às minhas sensibilidades íntimas. Desdenha do meu ego, superego, razão, consciência segue em linha reta, sem obstáculos até alojar-se no centro da minha mente para dialogar com minha pia-mater.

- Se Djanira, Tarsila, Di Cavalcanti, Portinari ... tem acesso livre até o centro da minha mente, onde tenho instalado meu paraíso utópico, então a arte me é extraordinariamente necessária para uma existência feliz. A arte abre trilhas ao centro de mim, tendo acesso ao meu paraíso. É isso.

- Sem a arte, talvez, jamais teria acesso ao paraíso. Sem essa trilha aberta por Tarsila, talvez não fosse possível sonhar, ter esperança, pensar em utopia e em felicidade. Todos os outros caminhos são asfaltados pela consciência. Eles são homogêneos, padronizados e servem justamente para me fazer parecer mais um, gente igual à gente. Mas o artista não é bem assim igual. Ele tem trilhas que desviam da razão e consciência. Trilhas secretas cujos acessos estão em Tarsila, Di Cavalcanti, Volpi. A arte é a chave da arte. A arte é o enigma e a solução da arte.

- Tendo essa comunicação direta entre a obra de arte e meu paraíso, resta-me, cada vez mais, pensar menos diante de uma obra. Parar de racionalizar e deixar a imagem seguir

sua trilha é o meu maior esforço agora. Há uma semiótica a ser assimilada em diversos aspectos e total complexidade existencial.

- Por conta dessa desnecessidade de racionalizar diante da arte consigo me aproximar cada vez mais da obra abstrata. A forma específica [figurativismo] já não é necessária para me abrir as sensibilidades porque elas, as artes, abriram outras trilhas ao paraíso sem passar pela razão, a lógica, a consciência.

- Há uma libertação da mentalidade clássica, greco-romana, que nos impôs a ditadura da razão. Abstração estética é, agora, libertação. Dizer isso não me tira o prazer de experimentar sensações diante de todas as artes, sendo abstratas ou não. Libertar-se não quer dizer, incontinente, recusa ao contraditório. Libertar-se de verdade significa incorporar à sua vivência, estar-no-mundo, essa dialética da contradição existencial plena e absoluta. O abstracionismo radical de Manabu Mabe pode e deve dialogar com a forma modernista de Victor Brecheret, o rigor formal de Ricardo Cipichia e o transvanguardismo de José Leonilson.

3 – Estou diante de uma equação que instiga a minha inteligência. A arte [notadamente a arte plástica, visual] me deixa em estado de êxtase e me fornece uma sensação de felicidade. Uma felicidade que não vem através da razão ou consciência, mas em forma pura de plena existência. Basta estar-no-mundo, estar diante da obra, sem qualquer outra imposição física ou mental. Liberar em definitivo essa trilha, retirar obstáculos, não deixar a razão colocar ali novos obstáculos, nem permitir que a consciência instale novas armadilhas pelo caminho eis minha luta a partir de agora. Estar-no-mundo basta-me!

4 – Estar em São Paulo é, antes de tudo, um exercício de adaptação às proporções. Aqui, tudo é grande, volumoso, distante, rápido. Quantidade. O mistério, ou prazer, está em garimpar qualidades entre quantidades.

- Estou me propondo, inicialmente, a garimpar em duas minas já abertas e bem visíveis: a primeira, os museus e galerias; a segunda, a cultura expressa no comportamento das pessoas que estão no meu entorno. Uma me revelará obras físicas, com estética previsível, desejável, procurada; outra, me revelará a estética da vida, da gente que garoa desejos e intenções sobre o asfalto negro, quente e impermeável de uma cidade que se recusa a ser generosa, apesar de a todos sempre acolher.

- Sei que no final de tudo essas duas minas estarão se encontrando nos meus labirintos mentais. Os tipos retratados por Almeida Júnior, Tarsila do Amaral, Menotti del Picchia e Di Cavalcanti, em determinado momento, devem passar por mim na rua, na estação do Metrô.... eles estão aí, cabe a mim reconhecê-los.

5 – Antes de viajar a São Paulo, ainda em Itajaí e Balneário Camboriú, estive em diversas clínicas fazendo exames de rotina. Nas salas de espera tive oportunidade de observar que todas possuíam muitos quadros em suas paredes. Parei diante de algumas dessas obras e pude perceber que esse meu pequeno gesto causava admiração nas demais pessoas. Pelo simples fato da maioria das obras ser abstrata, essas pessoas deviam estar se perguntando: ‘O que ele está fazendo?’ Acontece que ninguém tem o hábito de olhar para essas obras. Sai e entra gente o tempo todo e as obras são invisíveis, imperceptíveis.

- Tá certo que muitas obras parecem estar ali na parede como mero detalhe, cumprindo a missão de tapar buraco ou apenas deixar o ambiente menos frio e monótono. São obras sem alma e cumprem funções mais de agrado ao corpo que ao espírito.

- Mas parece que o comportamento das pessoas não está diretamente relacionado a esta questão da qualidade da obra de arte, já que em uma clínica encontrei uma série de ‘marinhas’ assinada pelo extraordinário Domingos Diniz, e o comportamento pareceu-me o mesmo: indiferença total.

- Muitos se ocupavam com a TV que transmitia programas de utilidades do cotidiano. Ninguém estava lendo, muitas com o celular em mãos. Todos duplamente doentes. A doença do corpo as levou até ali, a doença do espírito sequer percebem, não obstante ser a mais grave.

- Penso, ao voltar de São Paulo, convocar os amigos para me ajudarem a mapear essas obras de propriedade privada expostas em locais de acesso público. Dá até de propor um roteiro para os amantes das artes plásticas.

- Aqui em São Paulo não é diferente. As obras de arte estão em todos os lugares, de praças a cemitérios ... mas poucos olham e se sensibilizam. As obras são como os mendigos, invisíveis aos olhos de quem passa. Mas ... larga uma moeda de um real no chão e percebe a velocidade como ela é resgatada dali. Não obstante ser um objeto muito menor e estar em lugar desfavorável a moeda é vista, conscientemente percebida e desejada.

- Então, há um olhar educado para ver e não ver, perceber e não sentir, reagir e não reagir. A indiferença é fruto da educação e da afirmação de valores. Você educa uma pessoa a ver, a valorizar, a reagir, a sentir. Essa educação faz um jovem ver a moeda de um real no chão e não ver que ela está próxima à base de uma escultura centenária.

- A maioria olha e não vê a arte em plena praça, mas ela está ali imponente, participando do mundo dessas pessoas. Mas o que dizer de tudo isso se muitos não conseguem sequer ver seu pai, sua mãe, seus filhos ao seu lado. Não é só a arte que lhe é invisível. São Paulo corre e parece uma esteira rolante levando todos a lugar nenhum. São Paulo tem apenas o determinado propósito de levar intactos todos os bons cidadãos ao próximo segundo, isso sucessivamente em um moto-contínuo conjugado ao inferno. Não há tempo para ver, só para andar ou correr em busca de mais e mais e mais. O povo de São Paulo anda em direção ao próximo segundo e isso lhe é suficiente.

6 – São Paulo é uma tela de Pollock. Pingos e respingos a esmo. Uma obra abstrata cravada em pleno concreto e asfalto.

7 – O Brasil é um país de segregação que teima em mentir para si próprio quando o assunto é raça. No Terminal Rodoviário do Tietê as gentes são majoritariamente pardas. No Aeroporto Internacional de Cumbica o cenário racial se inverte por completo. Também nas galerias de arte há um branqueamento das gentes. Mas é melhor não falar com muita ênfase sobre o tema porque nossos artistas vão se sentir ofendidos e artista ofendido é pior que siri dentro de uma lata.

8 – Fazer um roteiro cultural de São Paulo não é tarefa fácil. São Milhares de possibilidades e sempre há o obstáculo de não se conhecer o cotidiano da cidade, seu trânsito. Daí ser necessário montar uma estratégia. Pensei alguns pontos a considerar:

A – deixar o carro em casa e pegar ônibus-metrô-táxi ...

B – comprar toda sexta-feira o GUIA da Folha de São Paulo

C – recolher panfletos de orientação sobre eventos artísticos nos locais por onde passo

D – começar o roteiro pelo Centro e dele se retirando gradativamente em direção à periferia

E – colocar o MASP como ponto zero da incursão

F – fazer roteiro dia-a-dia e não projetar no longo prazo.

G – considerar as dicas de amigos que já visitaram São Paulo em outras oportunidades

H – dar prioridade aos eventos temporários em detrimento de exposições de acervo permanente.

I – considerar a possibilidade de voltar a um lugar por conta de algum evento ou obra que deve ser revista e reanalisada

J – descansar entre um grande roteiro e outro.

L – não descartar nenhuma dica, por insignificante ou inverossímil que posso parecer no primeiro momento.

M – prestar atenção em todas as placas indicativas nas ruas.

9 – São Paulo tem seu próprio ritmo. Quem vê os carros parados no trânsito em plena dez horas da manhã chega a pensar que essa gente não trabalha.

- Não adianta sair de casa antes das nove horas da manhã. Deixa o povão chegar ao trabalho, abrir o comércio e as instituições. Chegar aos museus às dez horas da manhã está de bom tamanho.

- Antes de ir ao museu ou galeria é importante checar o horário de funcionamento para não perder tempo precioso e bater com o nariz na porta. A Pinacoteca do Estado de São Paulo, parte da Galeria Olido, Centro Cultural do Banco do Brasil, Teatro Municipal, por exemplo, fecham às terças-feiras.

- bom, também, ter um Plano B, caso o programa falhe por questões alheias a sua vontade. Preferencialmente escolher uma opção que esteja perto e de fácil acesso. Pode ser galeria, centro cultural, cinema, sebo e livraria, ou até mesmo conhecer obras de artes em praças.

10 – Trouxe para São Paulo meu Kindle e sua biblioteca digital. Estou lendo ‘Os miseráveis’ de Victor Hugo e a obra tem influenciado sobremaneira meu olhar sobre o povo desta cidade. Exercito a minha capacidade de ver nas pessoas que circulam no meu entorno personagens que vivem seus dramas diários.

- Apesar dessa gente ser genericamente designada como ‘o povo’ a verdade é que a cidade está habitada por Josés e Marias. Povo, gente, multidão, massa, turba ... são termos que nos ajudam a manter no anonimato os dramas de cada um e dessa maneira sutil nos fazer sentir menos responsáveis por essa realidade dantesca – olhar para o povo é diferente de olhar para José ou Maria.

- Quem tem olhar atento às feições encontradas nas telas de Tarsila, Di Calvalcanti, Almeida Júnior verá que muito do drama vivido nas praças foi imortalizado pelas

artes. Os rostos dramáticos mudaram as artes no Brasil, mas a arte não mudou a realidade dessa gente protagonista de telas penduradas nos cavaletes das grandes galerias. O povo continua sentindo na pele o calor insuportável da discriminação e segregação.

11 – Estou abrigado em um apartamento entre Moema e Vila Olímpia. As paredes do hall do edifício apresentam ao meu olhar de visitante diversas obras, três de boa qualidade estética. No apartamento onde estou também encontrei diversas obras. São quadros de autoria da proprietária, amigos e até uma litogravura de Volpi – bandeirinhas em tons azul e cinza.

- Perceber a arte em diversos ambientes é um bom exercício para se entender com mais eficiência a função da arte. Proponho educar o olhar de nossos jovens chamando sua atenção para essas obras que estão espalhadas pelas paredes dos edifícios. Não ser indiferente a uma obra no hall do edifício vai te fazer não ser indiferente a uma obra em plena praça pública e assim sucessivamente.

- Também é interessante de se perceber a diferença que existe, principalmente psicológica, entre ver um quadro no museu ou galeria e deparar com uma obra de arte no hall de um prédio. A obra exposta no museu e galeria vai ser vista porque a pessoa a procura, a deseja. Já a obra no hall do edifício, na clínica, na casa de um amigo, é apresentada a sua vista de surpresa, sem que seja desejada ou procurada. Então, trata-se de educar sua visão para também saber ver esse grande número de obras que passa por você no cotidiano de forma incidental, episódica, fortuita.

- Obviamente que as obras encontradas nas paredes de clínicas, apartamentos e hall de edifícios cumprem funções sociais estéticas e psicológicas bem distintas daquelas encontradas em galerias e museus. Principalmente porque as galerias e instituições culturais elaboram inúmeros filtros até chegarem ao veredito final sobre se uma obra deve ou não deve ser exposta, enquanto a obra encontrada em uma clínica foi adquirida para ficar por ali para sempre tendo apenas o gosto estético da proprietária como referência.

- Quem tem intimidade com a administração de galeria ou museu sabe muito bem que o acervo não-visível é gigantesco. O que está à mostra ao público em geral é sempre uma ínfima parte de todo o acervo. Por isso é interessante o amante da arte ficar atento à programação dessas instituições, porque sempre há a possibilidade de um quadro sair do ‘arquivo morto’ para a galeria.

- Nesse trabalho de selecionar as obras para compor determinada mostra os funcionários-curadores das instituições nem sempre usam apenas o critério do mérito técnico. Interesses políticos e econômicos, assim como variáveis de cunho pessoal do próprio curador, dono da galeria, diretor obviamente interferem de forma direta em todo o processo. Há nas artes, como em tudo no mundo, um submundo de intencionalidades que nem sempre é confessável. Vaidade e interesse econômico de um agente cultural podem valer tanto ou mais que qualidade técnica de uma obra.

- Tem também a questão da temporalidade ou 'o tempo' da arte que interfere na seleção temática. Nos tempos atuais o mais importante parece estar sendo o engajamento político por causas bem definidas como direitos humanos e gênero.

12 – Quem sai de Itajaí para passar um tempo em São Paulo tem de refazer seus conceitos e jeitos de encarar as coisas mais mezinhas do cotidiano. Distância, sons, tamanhos e proporções, número de pessoas, serviços, disposição para usar tecnologias, utilização de espaços improváveis Mas, o mais complexo, pelo menos para mim, foi quanto ao barulho. Abrigado em um apartamento na Vila Olímpia sofri cerca de três dias com o barulho oriundo da Avenida Santo Amaro e do Aeroporto de Congonhas.

- O tempo em que vivemos nos coloca desafios próprios. Fico imaginando que no século XIX o desafio de quem visitava São Paulo era suportar o cheiro das fezes e urina dos cavalos. Como trocamos os cavalos por máquinas, agora nossas narinas são poupadas em detrimento de nossos ouvidos. Os cavalos mecânicos afligem nossos ouvidos, na mesma proporção que os cavalos de carne-e-osso afligiam as narinas de nossos antepassados.

- No terceiro dia pareceu-me que fecharam o Aeroporto de Congonhas e a Avenida Santo Amaro estava bloqueada para reparos, porque dormia tranquilo sem que os sons dali decorrentes me perturbassem. É uma adaptação extraordinária que ocorre por acomodação dos sentidos. O corpo tem sua própria lógica e por ela acaba filtrando o que quer e o que não quer, o que é necessário comunicar à razão e o que pode lhe sonegar cotidianamente.

- Contudo, para o visitante cultural seria aconselhado não deixar o corpo impor arbitrariamente essa lógica, tirando da consciência a real possibilidade de perceber tudo. Adaptar-se ao ambiente é, em síntese, tirar possibilidades razoáveis de vivências, ou olhar tudo parcialmente, ou ver através de filtros e lentes específicas. Já não se vê o

vendedor ambulante, a prostituta e o travesti, o mendigo ou a mulher de cinquenta anos sentada em um banco da praça olhando para nada.

- A cultura do povo de São Paulo tem de permanecer à mostra, nua por completo diante daquele que a quer conhecer na sua verdadeira dimensão. Os sons dos aviões sobre nossas cabeças têm de permanecer, custe isso o que custar. Caso contrário você começa a ficar imune aos pequenos detalhes ou às coisas inoportunas. Começa a funcionar o grande filtro de um aspirador chamado ambientação. Tudo passa a ser comum, desimportante, corriqueiro, até ao ponto que se torne completamente invisível. Você passa e já não tem a capacidade de ver.

- Viver em São Paulo é como viver em uma selva fechada, nem tente andar em linha reta.



Avião sobrevoando o Bairro Moema – em procedimento para pousar no Aeroporto de Congonhas.

13 – Hoje fui em dois estabelecimentos que vendiam produtos para cachorros que ficavam em lugares que jamais seriam aproveitados para o comércio em Itajaí. Um desses estabelecimentos ficava na Avenida Bandeirantes, movimentadíssima, que não oferecia qualquer possibilidade de se estacionar o carro. Pois esse estabelecimento fez uma rampa bastante inclinada para o cliente levar seu carro para dentro da loja. Uma dificuldade, muitos obstáculos. Mas o paulistano parece não ligar para tudo isso e estabelece um pacto consigo mesmo de que vai viver a sua vida apesar de todos esses obstáculos. Depois percebi que era comum em grandes avenidas liberar uma boa parte da própria loja para o estacionamento dos carros dos clientes.

- Como a memória gira em movimento esferoidal, ela acabou me fornecendo agora, durante a escrita desse relatório, que em uma viagem remota a São Paulo eu já havia me surpreendido com uma pequena loja, atrás da Catedral da Sé, que tinha uns carros em seu interior. Agora a imagem é nítida e chego a ver o rosto do comerciante, a rua estreita, um carro fazendo manobra delicada para entrar na loja. A falta de espaço faz coisas e o paulistano vai se adaptando às dificuldades.

14 – A Livraria Saraiva, no **Aeroporto Internacional de Cumbica**, tem como destaque na sua gôndola de entrada o livro de Mark Manson ‘*A sutil arte de ligar o foda-se*’. Nada mais apropriado para o leitor que vai entrar em um avião, já que é isso que todo passageiro acaba fazendo conscientemente ou não.

- O Aeroporto é um grande shopping para regozijo de quem gosta de comida *fast-food* das grandes redes internacionais [Macdonalds, FKC, Burger King]. Um horror a maneira como essa elite come. A comida é supérflua, algo desprezível e suportada pela estrita constatação de ser necessária. Essa gente come sem prazer e sem sequer olhar para o que está comendo. Entre uma garfada e outra, muita conversa ou digitação no celular. A comida parece secundária, desprezível, acessória, justamente porque para quem está comendo o prato é homogêneo, tipo ‘qualquer coisa serve’, porque o objetivo é enganar o estômago. Na hora de comprar o celular é diferente.... muito diferente.

15 – Quem fica um tempo em Cumbica consegue perceber que a parte parda da população está ali em serviço - como trabalhadores de baixa e média remuneração.

Definitivamente o Brasil jogou para debaixo do tapete a questão racial. O racismo é escrachado e aberto, mas todos fazem de conta que não existe. Mais uma parte invisível da nossa realidade social. Mais uma fratura de nossa sociedade que colocamos na parte invisível de nossas sociabilidades. O Brasil invisível acaba ficando maior que o Brasil visível.

16 – Passou por mim um grupo de funcionários da Alitalia. O grupo evidenciava outras fraturas de nosso mundo de faz-de-contas. Comandante, copiloto e engenheiro de bordo [conforme as etiquetas no uniforme] eram homens brancos. Aeromoças mulheres brancas. Há uma evidente hierarquia de gênero por ali. Mas, novamente, vamos colocar isso na parte invisível desse nosso mundo fantástico.

- Nossas sociabilidades nos levam a ver a beleza dos uniformes para além de gênero e raça. O homem no comando, a mulher no atendimento de bordo ... todos brancos. Cumbica é uma aula completa da verdadeira realidade brasileira – seria só brasileira? Uma realidade que criou camadas e camadas de tapetes utilizados para tornar invisíveis as mazelas sociais. Tudo isso vai para debaixo dos tapetes através de um mecanismo popular intitulado ‘jeitinho’ – disso já nos falaram Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda e Roberto DaMatta entre outros sociólogos e etnólogos brasileiros.

- ‘Jeitinho’ é a técnica social de colocar para debaixo do tapete a norma. O risco desse Brasil é encontrar pela frente um Aladin que faça esses tapetes voarem, colocando à mostra suas mazelas mais comezinhas.

– Quando os senhores de meia-idade passaram por mim fiquei um bom tempo olhando para eles e me perguntando sobre toda a inteligência que lhes era cobrada no exercício profissional. Estar diante do painel de comando de um Boeing, sendo responsável por um patrimônio de milhões de dólares e, o mais importante, por centenas de vidas Além de toda a ciência esses profissionais precisam de muita perícia e equilíbrio emocional. Mas, como seriam como pais e filhos? Como seriam fora da cabine do avião quando estavam em casa de pijama? Muitas vidas trazem consigo esse drama: sucesso absoluto usando o uniforme; fracasso total de pijama. Fiquei um tempo, sentado em um café, pensando em como nossa sociedade vive muito de aparências. A mente nessa hora segue seu próprio curso e voa para lugares lembrados e/ou inventados.

17 – A chuva cai e molha por completo São Paulo. Logo em seguida chega a noite, esta fracassada, que nunca consegue impor sua negritude à paisagem urbana paulistana.

18 – Um homem de idade cai ao final da escada rolante. O Metrô não para e a multidão segue seu curso. Quem é este homem atordoado no chão, longe de seus chinelos? Não tive tempo e oportunidade de saber. Com a ajuda de duas pessoas próximas levanta-se, calça os chinelos de couro e segue sendo mais um na multidão. Que história carrega consigo? Por que não aprendeu a usar a escada rolante? Seria a primeira vez? Está perdido na grande estação? O final de uma simples escada rolante pode revelar um drama pessoal. Eis aí a complexidade da vida em um grande centro urbano. Não tem cobra debaixo da palha da bananeira seca para te picar, mas tem o final da escada rolante

19 – O taxista [agora teria de chama-lo de uberista?] me fala, próximo ao Ibirapuera, que chega a trabalhar catorze horas por dia porque ‘*o custo de vida em São Paulo é muito alto*’. Diz-me que gosta do que faz e que foi honesto comigo ao combinar o preço da corrida. Falou-me de tal jeito de sua honestidade que me pareceu estar diante de um semideus ou um titã em plena luta.

- Sociedade miserável de valores a nossa. Um homem cobra o preço justo, pelo menos o de tabela, e canta loas à sua honestidade. Já não tem noção do certo e do errado. Sabe apenas que tem mérito por fazer de um jeito e não de outro, quando tinha as duas opções diante de si. Sim. Aqui fazer certo ou errado trata-se tão-somente de uma simples escolha e não de obrigação moral. Penso em tudo isso e não lhe dou a tradicional gorjeta. Sempre gosto de dar gorjetas a quem me presta serviço, mas nesse caso achei digno de minha parte demonstrar ao ‘honesto uberista’ que ele estava apenas e tão-somente me cobrando o preço de tabela, que nem sei se é possível afirmar tratar-se do preço justo.

20 – No caminho de Cumbica a paisagem me ofereceu, a certo momento, um mar de casas de tijolos a vista, sem as paredes rebocadas. Uma estética interessante porque o tijolo avermelhado revela aos olhos do observador os valores dessa gente. Carro na garagem, celular, televisão grande na sala ... e casa sem reboco. Uns poderão dizer que é falta de dinheiro, mas, parece, uma evidente imposição de valores. Afinal, dinheiro sempre vai faltar, já que o capitalismo nos oferece consumo infinito. Trata-se mais, portanto, de prioridades. E prioridade se relaciona a valores.

21 – Uma corrida mais longa – entre Cumbica e Vila Olímpia – requer que se converse com o ‘uberista’ para se trapacear com o tempo. Como detectei nas primeiras falas do motorista que ele era ‘bolsonarista’, defensor do ideário da direita reacionária que defende esquadrão da morte e coisas desse tipo, optei de levar nossa conversa passatempo para o campo do futebol. Ficou tão empolgado falando dos times paulistas e Seleção Brasileira que efetivamente me pareceu, pelo menos para ele, que o tempo passou mais rápido e as catorze horas de trabalho tornaram-se um fardo muito mais leve.

- Não devemos subestimar o papel do futebol na psicologia de nossa gente. Seu efeito é efetivo, tirando a grande massa das garras dessa besta chamada realidade. Quando a bola está em jogo a realidade do cotidiano esvai-se pelos muitos drenos do estádio – físicos e psicológicos. A bola é uma droga poderosa que entorpece nossa gente pelos olhos. Uma droga sem seringa, sem copo d’água, sem contato físico. Uma droga de ambiente. Para drogar-se basta estar-se no estádio como na Roma Antiga frequentava-se as arenas.

22 – Quarta tem **Feira de Rua** na Alameda Jauaperi – em **Moema**. Tem de tudo, inclusive muito desperdício de alimentos. Experimentei o tradicional ‘pastel de feira’ paulista, cherei diversas ervas que desconhecia, tomei um bom caldo de cana. Comprei pés de galinha para fazer uma canja e pedi uma receita para o feirante e sua esposa. Na verdade, eu tinha a minha receita familiar, mas queria aprender um pouco mais da cultura dessa gente paulistana. A culinária é uma arte que demonstra muito do espírito dos povos.

- O paulistano me pareceu gente feliz quando está fazendo a feira. Vi nos seus semblantes uma certa compenetração, uma seriedade cerimonialista. O paulistano faz o trajeto entre as barracas da feira de rua como se estivesse entrando dentro de uma igreja.

- A rua fica tomada por barracas e gente. Os moradores da região têm de exercitar tolerância. Sair de casa com o carro é para quem tem muita paciência. Deve ser uma sensação desagradável você ser dono de um imóvel numa rua onde tem ‘feira de rua’ em determinado dia da semana. Você pega o carro e tem de conduzir por um bom trecho como se estivesse pisando em ovos. Acompanhei por um trecho da rua um motorista que estava tentando entrar na garagem do seu edifício, complicado. De certa forma ele deve se sentir roubado em alguns de seus direitos. Mas, fazer o que, se em São Paulo é tradição ocupar os passeios e as ruas para atividades comerciais.

- Mas, em nenhum outro lugar de São Paulo vi gente expressando tanta alegria e descontração como no entorno das barracas de pastéis das feiras de rua. O paulistano se transforma, para melhor, quando está com um pastel em mãos. Enquanto o futebol desperta todo o seu espírito competitivo, o pastel deixa o paulistano completamente leve e solto, como se tivesse tomado uma grande dose de calmante. Chego a pensar que o paulistano corre a semana inteira tendo como objetivo parar para comer um bom pastel. Mas tem também o 'Plano B' que é comer um sanduíche de pão francês com mortadela.



Feira de Rua no Bairro Moema – uma tradição em todos os bairros paulistanos.

23 – A **Pinacoteca do Estado** – na Luz – me ofereceu uma incrível mostra da ‘Vanguarda brasileira dos anos 1960 – coleção Roger Wright’. Uma grande peça vermelha, assinada por Hélio Oiticica, em madeira, pendurada no teto, em formato de diversas setas direcionadas para todas as direções dá o tom da exposição. É isso mesmo: não há direção a seguir ou todas as direções são válidas.

- Mais adiante me impressiono com uma obra de Wanda Pimentel que recebeu uma reprodução em alto relevo para o público com deficiência visual. Esta é a filosofia da Pinacoteca: oferecer arte de boa qualidade a todos. Além de colocar a arte à disposição dos dedos dos cegos, aos ouvidos dos surdos, o acesso é grátis para pessoas acima de sessenta anos. Também tem dias que estudantes não pagam. Arte acessível, barata e inclusiva. Depois, pude perceber que essa política de acessibilidade é praticada em todas as grandes instituições culturais da cidade. Parece que tem uma lei municipal regulando esta prática.

- Ter acesso a obras de Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral me fez pensar que se trata da mesma coisa que ter passarinho preso na gaiola. Houve tempo que todo mundo mantinha a cultura de prender os passarinhos nas gaiolas. Contudo, de um tempo para cá, mais e mais pessoas tem alimentado pássaros livres deixando passear por seus jardins sem importuná-los. A ideia é bem simples: para que prender na gaiola um passarinho se podemos ver dezenas deles, todos os dias, soltos nos jardins. E é isso que sinto quando entro na Pinacoteca e fico diante de um quadro de Tarsila ou vou na Praça da Luz e vejo diversas esculturas no gramado. As obras estão soltas, livres da propriedade particular e à disposição de toda a sociedade.

- Uma peça de bronze de Ernesto de Fiori, datada de 1945, me deu uma boa dimensão da arte. Enquanto muitos se matavam nas trincheiras da Segunda Grande Guerra o artista italiano estava compondo em bronze o seu ‘Homem andando’. O mesmo material que servia nas trincheiras para matar, servia para deixar a vida mais bela. A escolha nem sempre é nossa, infelizmente!

- O abstracionismo total de Manabu Mabe me emocionou. Uma obra grande, vermelha, ocre, preta ... um abstrato absoluto que nos oferece leveza. Não há necessidade de mais nada. Sentar no banco frente ao Manabu é sentir-se leve e livre.

- Em outro ambiente, Alfredo Volpi, com suas bandeirinhas e casarios, me faz parar um instante mais para tentar perceber o movimento dos seus pinceis e para dar um tempo ao meu modo de olhar as obras. Na ‘Procissão’ o santo parece que vai cair do andor e isso

é angustiante. Fico querendo, mentalmente, endireitar toda a cena. Parece que tá tudo torto, tudo errado.... mas que beleza!

- Chego diante de Alberto da Veiga Guignard e faço uma reverência. Afinal, Guignard foi um dos primeiros artistas que aprendi a apreciar para valer. Diante de um Guignard me sinto dentro de uma bolha de sabão em pleno céu azul de Minas Gerais. O artista olhou o mundo para mim. Junto a imagem do quadro e muitas reminiscências de minha juventude, perdendo a noção de espaço/tempo – estou no presente ou no passado? Novamente minha mente e meu corpo estão em diacronia temporal.

- Mais adiante, paro na frente de duas obras de Tarsila do Amaral. Aí não tem leveza, alegria, tristeza... é pura paixão mesmo. Olhar para um Tarsila é como olhar para dentro de mim mesmo e revelar-me toda a minha história de vida e minha relação com a arte. Tem coisas que não se explica. Sinto que Tarsila pertence à minha história e me constitui enquanto ser. Somos um.

- Em uma outra sala, seis rabiscos-ensaios, esboços, de Tarsila ficam frente a frente com uma tela clássica de Henri Gervex. Há que se misturar tudo e deixar a sensibilidade aflorar sem pensar muito. É necessária uma imersão, simbiose mesmo. Na mesma sala vemos Gervex, Tarsila, Lasar Segall e, depois, tenho diante de mim um Di Cavalcanti nos mostrando o ‘Bumba meu boi’ e ‘Bordel’. O Brasil cabe inteiro nas telas de Di Cavalcanti. Aqui, pela primeira vez, começo a dar certo destaque à estética de Lasar Segall. Ele começa a mexer com o meu espírito. Seu domínio técnico é absoluto e disso tomarei consciência no decorrer dessa minha viagem cultural.

- O quadro ‘Mulheres na janela’ também ganhou uma reprodução em alto relevo para incluir o público com necessidades especiais. Fechei os olhos e toquei na peça, mas foi uma experiência pouco produtiva porque estava com a imagem do quadro na cabeça. Mas valeu a tentativa de estar no lugar do outro que tem deficiências que não tenho.

- Sigo em frente e entro em uma sala que tem ‘Família’ de Cândido Portinari e ‘Calceteiros’ de Wellington Virgolino – uma obra prima. Assim passo por mais uma sala da mostra ‘Arte em diálogo’. Sigo em frente que a Pinacoteca é imensa....

- As esculturas de Victor Brecheret nos dão a exata dimensão de até onde pode chegar o domínio técnico de um artista. Um bronze com uma canoa sendo puxada por parelhas de grandes touros ... me impressionou muito. Queria ficar ali, admirando sua alegoria, esquecendo do tempo.

- Passo para o segundo piso para ver o acervo da ‘Exposição arte no Brasil’. Uma tela de Túlio Mugnaini me chama atenção pela textura e movimento dos pincéis. Já a tela de

Paul Michel Dupuy com crianças na praia é uma aula sobre luz/sombra em ambientes externos.

- Custei de acreditar que a arte de Santi Corsi era original - óleo sobre tela – uma perfeição que nos leva a crer que podia ser reprodução. O mesmo vale para Jules Victor Genisson. Como essa gente consegue esse grau de perfeição técnica? O ser humano é extraordinário... quando quer sê-lo.

- Paro diante de uma escultura em mármore de Auguste Moreau e tenho a sensação que a jovem tem expressão de quem está viva. Focar no rosto da jovem é uma lição única de como a arte transfere vida para uma pedra bruta. Em Moreau encontrei uma pedra que pulsa vida intensa.

- As pinceladas de Enrique Martínez Cubells Y Ruiz me desconcertam. A roupa do comprador de peixe a beira-mar é feita de pinceladas com movimentos pouco compreensíveis, desconexos, intrigantes e instigantes. Fiquei intrigado porque o efeito da tinta em movimento é diferente. Não sei o que pensar em termos técnicos.

- Chego a um espaço onde se homenageia Dorina de Gouvêa Nowill - da Fundação Dorina Nowill - que adaptou livros para cegos de forma pioneira no Brasil. O meu livro 'Itajaí em Chamas' foi trazido para esta Fundação e disponibilizado para os deficientes visuais de Santa Catarina. Nesta sala de Dorina as estatuetas podem ser tocadas e apresentam na base texto em placa de metal em linguagem Braile.

- Nesse setor da Pinacoteca contendo esculturas a minha sensibilidade mudou de rumo. Nas pinturas eu colhi emoções através da percepção dos movimentos dos pincéis e o jogo de sombra/luz, etc. nas esculturas a emoção e sensibilidade cruzam outros caminhos que não sei definir bem ao certo. Tenho de aprender a perceber toda a potencialidade dessa linguagem artística. Essa minha dificuldade tem a ver, na certa, com o fato de ter convivido muito pouco com esse tipo de arte. Em Itajaí praticamente não temos escultores em bronze e rochas. Vi o José Silvestre talhando em madeira quando eu era diretor da Casa da Cultura, depois mais um aqui outro acolá, nada mais. Em síntese, não tenho intimidade com essa área da arte. Isso, obviamente, não retira meu interesse sobre as peças. Muito pelo contrário, não saber põe uma capa de mistério sobre tudo deixando a arte ainda mais instigante e provocativa.



Vista da Estação da Luz e Pinacoteca do Estado de São Paulo – obtida a partir do Viaduto Rua das Noivas sobre a Avenida Tiradentes.

- ‘Brasileiro’ de Raphael Galvez é uma obra que me chama atenção por diversos fatores, mas não deixo de perceber que o personagem esculpido tem traços negros. Instigante e provocativo, no mínimo. Por essa provocação pensei em tirar uma foto do local e colocar na capa desse trabalho descritivo da viagem a São Paulo. A arte tem de ser assim: provocativa.

- Depois, deparo-me com o detalhamento técnico da escultura em granito de João Batista Ferri. Impressionante.

- Entro em uma sala com artes plásticas novamente. Ao lado do ‘Mestiço’ de Candido Portinari vejo ‘Caipira picando fumo’ de Almeida Júnior – um dos meus preferidos. Quando falo da Pinacoteca de São Paulo sempre destaco Almeida Júnior, assim como o realismo de Antônio Rocco – que dá ao movimento do pincel o mesmo tratamento que se pode dar a uma espátula pequena. Tem um efeito diferente. Uma técnica que ele domina e parece própria.

- Ficar diante de um Frans Post é sentir-se em um túnel do tempo. Se viajar é sempre muito bom, transportar-se pela sensação pictórica é arrebatador. É isso que nos oferecem os ‘Artistas viajantes’: Frans Post, Vinet, Facchinetti, Hagedorn, Martino, Landseer, Ciccarelli, Biard, Hildebrandt, Righini, Coindet e Rugendas.

- Quando nos deparamos com obras clássicas esquecemos de olhar os detalhes das molduras e de perguntar sobre o artista que as formatou. A moldura é arte ou artesanato? Por ter sido considerada artesanato, todos os artistas de molduras foram sentenciados ao anonimato. Uma injustiça com esses grandes artistas. Mais uma categoria invisível aos olhos de todos.

- Nós entramos na Pinacoteca e olhamos para as obras de arte oficiais: quadros, esculturas, intervenções... mas, esquecemos de atentar para os detalhes do ambiente – sua arquitetura, entradas de ar e luz, lustres, adornos, portas esculpidas... o jardim e a fachada. Quando estamos na Pinacoteca, Instituto Caracol, Mercado Público, Teatro Municipal, Museu do Tribunal ou no Masp estamos dentro de uma grandiosa obra de arte. Algo extraordinário que poucos se dão conta. Em muitos lugares, como é o caso do Teatro Municipal, estar naquele ambiente já vale o ingresso.

- Uma pequena aquarela de Victor Meirelles sobre a Guerra do Paraguai faz par com uma obra de Jean Baptiste Debret. Junto com o quadro de Rugendas tive a sensação de estar folheando os meus livros de História do Brasil no tempo do Colégio Salesiano. Essa gente toda passou por nossas vidas e muitos já a esqueceu, assim como já

esquecemos de Sócrates, Pitágoras e Newton. A escola não serve pra nada se não nos dá valores.

- Em seguida, vejo o ‘Retrato da Marquesa de Belas’ de autoria de Nicolas Antonine Taunay. A expressão da Marquesa é de quem vive, respira e está olhando para frente em nossa direção. Algo parecido com a sensação de estar diante da Mona Lisa de Leonardo Da Vinci. tem-se a sensação de que ela acompanha os visitantes com os olhos.

- João Bastista da Costa me era um simples desconhecido. Tem um quadro do litoral do Rio de Janeiro que é obra-prima. Uma perfeição técnica. Não é por acaso que seu acervo tem a dignidade de ser vizinho às obras de Almeida Júnior. Equivalem-se.

- ‘Visão de Hamlet’ me oferece a oportunidade de reunir paixões: arte plástica e Shakespeare. A obra de Pedro Américo vale a visita à Pinacoteca por si só. Tem determinadas obras que valem um ingresso e ‘Hamlet’ de Pedro Américo é uma delas.

- Oscar Pereira da Silva também merece estar ao lado de João Batista da Costa e Almeida Júnior. O domínio técnico é absoluto.

- Fiquei quatro horas dentro da Pinacoteca e simplesmente esqueci de almoçar. A arte alimenta o espírito. Para mim é o suficiente.

- Quando se visita uma instituição da dimensão de uma Pinacoteca do Estado de São Paulo é necessário não ter limite de tempo para fazer questão de ver os detalhes. Ler todos os ambientes. Nas outras vezes que a visitei não explorei adequadamente o térreo e perdi, por exemplo, as imagens incríveis dos moldes dos ‘Atlantes’ do Teatro Municipal de São Paulo.

- Depois de quatro horas de circuito intenso fui dar uma parada técnica na cafeteria da Pinacoteca preparando a transição para fazer a visita ao **Parque da Luz**, contíguo à Pinacoteca. O corpo pediu para parar. Melhor obedecer.

- O problema de ficar muito tempo na Pinacoteca é que, depois de determinado tempo, você começa a querer ver tudo como se fosse ‘mais do mesmo’. Há uma tendência ao relaxamento e ao cansaço visual, intelectual e físico. Talvez a melhor estratégia seja visitar uma segunda vez a Pinacoteca fazendo o roteiro inverso. Começar por onde você terminou na primeira vez. Assim você trapaceia com o cansaço.

- Ao sair arrisquei perguntar ao funcionário que estava no balcão se não tinha algum impresso sobre os museus e suas localizações. Ganhei o ‘Mapa das Artes de São Paulo’ que estava guardado embaixo do balcão longe das vistas dos visitantes. Então tem de arriscar perguntar, pedir, fazer o óbvio, entrar em mais uma porta ou corredor. No máximo alguém vai lhe dizer um ‘Não pode’. O ‘Mapa das Artes’ complementa o ‘Guia

da Folha' te orientando sobre locais a visitar em São Paulo. A partir dele fiz projeções de roteiros básicos. Um terceiro impresso que pode ajudar o visitante em São Paulo pode ser pego gratuitamente na Praça da República, junto ao ponto de Informações Turísticas. É o Mapa do Circular Turismo, o popular 'Ônibus Tour de São Paulo'.

24 – Estando na Pinacoteca e no Parque da Luz resolvi atravessar a avenida, passando pelo prédio em restauração do **Museu da Língua Portuguesa**, indo até a **Estação da Luz**. Ali pude ver bem de perto duas São Paulo, como se fossem dois mundos antagônicos, opostos. Duas realidades completamente diferenciadas como não querendo uma reconhecer a outra. Mundos paralelos que se entreolham na passarela sobre os trilhos do Metrô da Estação da Luz.

- A estação é de uma arquitetura lindíssima. A estrutura em ferro bruto é algo bem diferenciado. Chama muito atenção a cobertura da Estação. Três passarelas levam o visitante para o outro lado por cima dos trens do Metrô.

- Entre a Estação da Luz e a Pinacoteca temos uma cidade limpa, organizada, com o trânsito fluindo por largas avenidas bem sinalizadas. Ali não vi pedintes, gente jogada no chão, prostitutas e travestis em horário de trabalho. Entrando na Estação da Luz e atravessando a passarela central tive acesso a uma outra São Paulo, bem diferente dessa São Paulo da Pinacoteca. Chegando ao meio da passarela já encontrei diversas prostitutas e travestis. Depois surgiram mendigos, vendedores, gente desocupada de toda ordem. Ao chegar à porta a visão da rua era de uma cidade antiga, abandonada, desleixada. Pensei que a passarela da Estação da Luz fosse um portal entre dois mundos.

- Percebi que de um lado a presença do Estado é visível, de outro, o Estado é ausente por completo. A Estação da Luz é como uma obra em preto e branco, sombra e luz, verso e reverso. Uma experiência visual e sociológica interessante sob todos os aspectos e por isso fiquei por ali, dando um tempo, escutando um pouco da conversa daquela gente que se fazia de desocupada, mas que na verdade estava esperando a oportunidade para dar o bote em um desavisado.

- Depois que sai da Estação da Luz fiquei me perguntando sobre qual das duas São Paulo é a verdadeira. Qual das paisagens que vi representa efetivamente a São Paulo dos brasileiros? Fiquei perturbado durante toda a viagem de volta para casa. Não saiu da minha cabeça a imagem de diversas pessoas que vi no outro lado da Luz. Tinham feições deformadas, borradas, desfiguradas pelo tempo e pela vida. Seus corpos pareciam não caberem em suas roupas, uns por sobra, outros por falta de carne.

25 – Tive de passar na Estação Santa Cruz para fazer baldeação da Linha Lilás para a Linha Azul. Um gigantismo. A estação é maior que um prédio de dez andares que visitamos quase no seu todo a contragosto subindo e descendo muitas escadas rolantes.

- Ali pude perceber de forma destacada que São Paulo é uma cidade bilíngue. Tudo tem tradução do português para o inglês. Na escada rolante do Metrô está dito: ‘Deixe a esquerda livre – Keep the left clear’. Encarei essa orientação como uma manifestação ideológica contra o Governo Bolsonaro de ultradireita. A esquerda é para quem quer andar mais rápido que a escada. Dentro do trem fiquei um bom tempo divagando sobre o duplo sentido da frase ‘Deixe a esquerda livre’. A mente nos dá essa possibilidade de pensar coisas diferentes, fazer novas sinapses, ver o que outros não veem.

- Boa parte daqueles que passaram pela minha esquerda eram jovens. Justo eles que tem mais tempo e jogam tanto tempo fora, querem ganhar tempo subindo e descendo escadas. O Metrô oferece escada comum, escada rolante e elevador. Poucos usam a escada comum de degraus físicos. Os que usam, nota-se, o fazem por desejarem fazer exercício físico. Usam a escada como se fosse uma academia. Também se nota essa postura de exercício físico em alguns usuários do lado esquerdo da escada rolante. Trata-se de fazer uma limonada com o limão. Não deixa de ser uma oportunidade: exercitar-se enquanto se está subindo e descendo as intermináveis escadas do Metrô.

- Na fila do elevador observei muita gente obesa e deficiente físico em geral. Mas tinha gente sem problemas físicos preferindo esperar o elevador por puro comodismo mesmo.

26 – Os nomes de ruas de São Paulo me intrigam. Não só nome de ruas, mas praças, bairros etc. Parece que a língua tupi insiste em permanecer viva na memória coletiva do bandeirante paulista: Ibirapuera, Morumbi, Anhembi, Juaeperi, Juruperi ... instigante.

27 – Para chegar à Estação Eucaliptos passei pela Avenida Cotovia. Achei uma coincidência engraçada já que estou lendo o livro ‘Os Miseráveis’ que tem uma personagem com o apelido de ‘cotovia’ e um dos cenários do livro também se chama ‘Parque Cotovia’. Literatura/ficção, geografia/realidade, São Paulo/Paris tudo ao mesmo tempo em minha cabeça ao ler a placa ‘Avenida Cotovia’. O transeunte que passa ao meu lado e me vê parado diante da placa sorrindo nunca vai imaginar que minha mente está ligando a cotovia de São Paulo à cotovia de Paris. Quem passa por

mim desconhece que aquela placa de rua é um portal que me leva à Paris de Victor Hugo.

- Tenho cada vez mais me reportado à ideia de ‘portal’ para designar essa ruptura de paisagem ou de pensamento. Muitas vezes você está em lugares diversos ao mesmo tempo: o corpo está na Cotovia de São Paulo enquanto a mente está na Praça Cotovia na Paris antiga. A ideia de ‘portal’ remete basicamente à ruptura de tempo/cenário. É isso.

28 – Não pago passagem de Metrô e tenho direito a acento preferencial. Essa condição de privilégio me incomoda, mas nada faço para desfazê-la. Esse incômodo se dá porque tenho dinheiro para pagar a passagem; segundo, porque aos 62 anos de idade estou com minha saúde em dia, merecendo o tratamento de qualquer pessoa normal. Mas percebo que fazer assim, de acordo com as convenções é mais fácil para todos. Alguns jovens ficam incomodados por eu não aceitar o banco preferencial. Psicologicamente parece que há uma satisfação em ser útil a alguém. Dizer não a uma pessoa que oferece o banco preferencial parece causar frustração. Há uma psicologia toda própria das sociabilidades que precisa ser melhor entendida por mim.

- Por outro lado, essa educação afirmativa dos jovens, parece que está limitada ao estrito cumprimento da lei. Como os bancos preferenciais são pintados de forma a se diferenciarem dos demais assentos do trem, a educação dos jovens fica limitada ao uso daqueles poucos assentos. Vi frequentemente jovens cedendo o banco preferencial a idosos, mas não vi um caso sequer de jovens cedendo o banco não-preferencial a qualquer pessoa que fosse. Então, infelizmente, a lei é necessária porque a educação de ceder o banco para o mais necessitado ainda não é um valor incorporado à lógica de vida dos jovens. Há uma educação no estrito cumprimento da lei.

29 – Hoje, diante de um quadro de Anita Malfatti, pensei que todos os impostos que já paguei na vida valeram a pena. Quando poderia eu adquirir, em particular, uma obra de arte para tê-la à minha disposição? Através do imposto tenho à minha disposição Anita, Tarsila, Almeida Júnior, Di Cavalcanti, Portinari, Djanira, Guignard, Rugendas, Debret Sendo cidadão, sou um grande proprietário sem sê-lo em particular. O patrimônio público é uma grande conquista da civilização moderna. Incluo nesse item os acervos particulares que foram utilizados para integrarem fundações, que também possibilitam acesso irrestrito ao público, como é o caso de museus como o Masp, Lasar Segall e Ema Klabin.

30 – Há muito São Paulo trocou os cavalos por motores. O cheiro dos animais foi trocado pelo zumbido dos aviões que passam sobre nossas cabeças na Avenida Santo Amaro. Não há silêncio em São Paulo. Melhor entender essa condição imposta pela modernidade e utilizar isso da melhor forma possível.

31 – Passo pela **Praça Dr. Werther Maynard Krause**, na confluência das avenidas Cotovia e Santo Amaro, mais cedo do que de costume e percebo um grande número de pessoas sentadas em banquinhos de PVC e tomando o café da manhã servido por barraqueiros improvisados no passeio. Naquele local e, também, em outros dois pontos da Avenida Cotovia tive a oportunidade de ouvir pessoas satirizando a prisão do ex-presidente Michel Temer.

- Para buscar evidências finais sobre aquela minha ideia de que São Paulo é uma cidade segregada que coloca seu racismo para debaixo do tapete, andei um bom trecho da Avenida Cotovia observando quem utilizava os carros e quem passava por mim na calçada. Observei mais de trinta carros e só encontrei gente branca dentro deles, enquanto na rua passou muita gente parda por mim. Para finalizar este tema, basicamente é isso, o dinheiro escolhe cor de pele para se juntar. Essa questão racial bateu forte em meu olhar aqui em São Paulo e, ao almoçar no restaurante do MASP, não pude deixar de observar que entre centenas de usuários daquele espaço da Avenida Paulista tinha apenas uma pessoa parda. Uma quase-negra entre centenas de muito-brancos e asiáticos. Se um Aladin fazer voar esse tapete que encobre a questão das raças no Brasil vai ser um ‘Deus nos acuda...’.

32 – Na estação Chácara Klabin observei um jovem andando e lendo – hábito, aliás, que mantive na juventude. Li muito na Estrada Geral de Cabeçadas -. Mas o jovem aqui de São Paulo andava próximo à linha amarela que separa o piso dos passageiros dos trilhos do trem. Fiquei duplamente aflito: primeiro por sua segurança; segundo, porque me pareceu que ele estava lendo a última página de um livro bem grosso. Estava em transe e, logo ali adiante, vai ser despejado novamente no mundo real. O livro o entregará para a realidade como o padre libera o sentenciado à forca. Coitado do jovem leitor, passou dias abrigado na estória do livro e agora vai ser despejado sem mais nem menos. Fico com o coração corroído pelo vazio que sentirá. Por essas e outras que, quando estou lendo um bom livro, como é o caso de ‘Os miseráveis’ de Victor Hugo, economizo-o ao

máximo. Leio-o parcimoniosamente. É que não quero voltar a ser um estranho para Jean Valjean. Daí decorre que é comum estar lendo ao mesmo tempo até cinco livros.

33 – Nessa sexta-feira foi o dia de perceber mais ações políticas de pessoas no meu entorno. Além de ter ouvido diversas conversas sobre política na Avenida Cotovia também pude notar que diversos funcionários do Metrô estavam usando um colete vermelho com o slogan ‘Privatização mata’ com referência à privatização da Vale do Rio Doce e as duas tragédias em barragens de Minas Gerais. Depois, dentro do Metrô, na estação Santa Cruz, fiquei perto de uma jovem que tinha um adesivo dessa campanha na parte superior de sua mochila. Pude ler que era uma campanha do Sindicato dos Metroviários – uma categoria que está lutando contra o fantasma da privatização de todo o sistema de transporte urbano da cidade de São Paulo.

- Mas foi na estação Chácara Klabin que senti pela primeira vez a grande dificuldade do paulistano que usa o Metrô durante a semana para ir ao trabalho. Como sai mais cedo de casa acabei pegando grande afluxo de passageiros nas linhas que levavam ao centro da cidade. Como estava com tempo sobrando, já que planejava entrar no MASP depois das dez horas, resolvi sentar em um banquinho e ficar observando tudo. Em pouco tempo pude registrar a passagem de cerca de dez composições, todas lotadíssimas.

- Contudo, vale o registro, enquanto a gente do Metrô viaja como sardinha em lata, os proprietários de carros amargam o congestionamento infindável das grandes avenidas. Fica elas por elas. Transtorno por transtorno. Nisso São Paulo é democrática. Distribui agruras e desconforto a todos indistintamente. Cada paulistano que deseja se locomover terá de pagar o preço em paciência, mais do que em dinheiro.

- Pareceu-me que o povo está conformado com essa situação de quase paralisia total do sistema de transporte. Mais um pedaço da realidade que preferiu colocar para debaixo do tapete entre as muitas coisas que lhe são invisíveis no cotidiano, apesar de estar ali presente pontualmente todos os dias. Esse conformismo parece evidente porque não vi, ao longo desses dias, um motorista ou passageiro do Metrô no seu ‘Dia de fúria’. O único sinal de impaciência que posso relatar é fornecido por aqueles mais apressadinhos que correm pela escada rolante usando o lado esquerdo, sempre livre.

- Por falar em escada rolante, ela nos oferece alguns espetáculos inusitados. É comum encontrar nas estações do Metrô jovens que inventam uma descida diferente pela escada rolante vazia. Fazem curvas, giram, dão pulinhos querem colorir os degraus cinzas das escadas de metal do Metrô. Parecem ‘Fernão Capelo Gaiyota’.

- Outro dia, ao chegar à estação Santa Rosa, deparei-me com um homem de meia-idade que insistia em passar por uma catraca eletrônica com o sinal vermelho. Tentou de todas as formas passar e a catraca simplesmente impedia sua passagem. Já um pouco irritado olhou para o lado direito e pude perceber que as pessoas estavam passando normalmente pelas demais catracas – todas verdes. Pareceu-me um ‘Dom Quixote’ lutando infrutiferamente contra os moinhos de vento.

34 – O **Parque Trianon**, localizado defronte ao MASP, oficialmente se chama **Parque Tenente Siqueira Campos**, mas os próprios seguranças do local o intitulam Parque Trianon. Na entrada do parque tem uma escultura maravilhosa assinada por Luigi Brizzolara em homenagem ao desbravador Anhanguera. A base, esculpida em pedra de menor dureza, foi bastante danificada, com alguns larápios surrupiando as cabeças de gentes e animais de pequeno porte. Os larápios fizeram o mesmo que os bandeirantes fizeram pelo sertão brasileiro por séculos. Nessas empreitadas o próprio Anhanguera utilizava como máxima ‘Acharei o que procuro ou morrerei na empresa’. Pelo visto os gatunos de ocasião encontraram algo valioso aos pés do próprio Anhanguera. O destino muitas vezes é perverso e sarcástico. Rir-se sozinho de tudo e de todos.

- O Parque Trianon me revelou uma natureza exuberante em plena Avenida Paulista e uma joia da coroa: a escultura ‘Fauno’ de Victor Becheret. Extraordinário encontrar um Becheret no meio do Parque, ao ar livre, porque encontrei diversas obras dele na Pinacoteca. Como encontrei a ‘espécie’ Becheret em cativeiro [Pinacoteca] e solta na natureza [Parque Trianon] me propus a rever o que pensara a respeito das esculturas serem apresentadas ao público dentro do prédio fechado da Pinacoteca. Comparando os dois ambientes, realmente o ‘Fauno’ emoldurado por lindas palmeiras e angicos parece como um pássaro livre. Muito melhor assim.

- Lembrei do parque de esculturas em mármore que existe na entrada da cidade de Brusque. Um parque lindíssimo, cujo exemplo poderia ser seguido por algumas instituições aqui de São Paulo que possuem a mania de colocar tudo a sete chaves e debaixo de tetos. Se bem que, conforme vimos com a escultura Anhanguera, algumas peças tem valor cultural tão elevado que seria uma irresponsabilidade deixá-la a céu aberto e a mão de dilapidadores da coisa pública. Fica então essa contradição de sentimento: gostaria de ver as esculturas entre palmeiras e angicos, mas sei da impossibilidade de salvaguardá-las das mãos dos gatunos e pichadores prosélitos de Anhanguera.

- O Parque Trianon é um bom exemplo do turismo vesgo que costumeiramente realizamos. Já estive no MASP pelo menos em umas dez oportunidades. Mas nunca tive a iniciativa de entrar no Trianon, andar por suas trilhas, sentar em seus bancos de madeira, olhar as esculturas, perceber pássaros e pequenos animais, as gentes que caminham como forma de exercício matinal... Quanto de São Paulo está escondido atrás de uma pequena placa que não lemos?

- Ao sair do Parque Trianon encontrei um ludita em plena Avenida Paulista. Um hippie, sentado na calçada, mostrando aos transeuntes sua arte em arame. Atrás dele, afixada na grade de proteção do Parque Trianon um isopor velho com a inscrição: '*Computadores fazem arte. Artistas viram mendigos*'.

- O paredão de edifícios da Avenida Paulista não me impressionou, já que me acostumei com o paredão de cimento de Balneário Camboriú, cujo povo se orgulha de ter construído os dez maiores edifícios do Brasil. Um orgulho besta. Ainda na Paulista tive um choque de realidade brasileira ao ver um casarão em plena decomposição ao lado do Parque Mário Covas. O patrimônio arquitetônico sendo devorado por Chronos impiedosamente. O Brasil parece desconhecer o valor do seu patrimônio cultural. A falta de cultura parece ser a tônica da nossa cultura. Uma não-cultura, um sorriso banguela marcado por ausências.

35 – Peguei o **MASP** no contrapé. Quase tudo fechado para reforma, devendo reabrir somente em abril de 2019. Ainda bem que ainda estarei em São Paulo na data da reinauguração da Exposição Permanente e de duas exposições complementares à exposição de Djanira, visando homenagear as mulheres artistas brasileiras. Uma delas me interessa sobremaneira. Trata-se de uma retrospectiva de Tarsila do Amaral. Minha paixão à Tarsila é incondicional e vou ter essa oportunidade ímpar. Estou tenso em esperar pela abertura da mostra.

- Mesmo assim entrei no MASP para ver a exposição no subsolo intitulada 'Djanira – a memória de seu povo'. Gostei bastante da temática explorada por Djanira: rostos, brincadeiras infantis, cenas do cotidiano urbano, trabalhadores, parques mostra o Brasil e suas diversas faces. Djanira não domina muito bem as técnicas mais elementares do pincel. Tem um figurativismo ingênuo também. Parece que utiliza pincéis carecas que arranham a tela. Interessante que no texto de apresentação da mostra o curador acusa muitos observadores da obra de Djanira de serem preconceituosos por justamente revelarem essa realidade incontestável de sua obra: é tecnicamente primária.

Claro que técnica não é tudo. A obra insere-se em um contexto muito mais complexo e não pode ser reduzida ao domínio exclusivo da técnica. Muitos artistas primitivistas e ingênuos mostram uma plasticidade incrível. A arte tem seus próprios caminhos e uma lógica que se consolida para além da lógica formal.

- Por não gostar muito da 'pincelada' de Djanira entendi que seria melhor ver seus quadros a uma distância suficiente para não dar ênfase aos detalhes. Ver a obra de uma olhada só. Ver tudo ao mesmo tempo. Ficou mais interessante. Esse resultado obtido ao ver as obras um passo mais para trás me fez supor que a arte de Djanira servia mais para decorar ambientes.

- Fiquei me perguntando sobre a lógica de mundo que a ergueu ao patamar dos grandes artistas brasileiros a ponto de lhe valer uma retrospectiva individual no MASP. O que tem ali na sua arte que não consegui perceber em um primeiro contato? A arte tem esses emblemas ou mistérios. Bate ou não bate com as nossas sensibilidades. Djanira não conseguiu visitar dentro de mim Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. Estiveram no mesmo lugar, ao mesmo tempo, mas não conversaram. Djanira sequer falou comigo, apesar de ter ocupado minha mente por longas três horas.

- Como apreciador das artes não sou obrigado a gostar de tudo e de todos. Não é só a questão técnica que me leva a gostar ou não gostar, mas ela é muito relevante sim. Uma série sobre as minas de ferro de Minas Gerais, por exemplo, mostra um primarismo técnico que chega a ser ridículo. O resultado estético é muito ruim. Escrevo essas observações sentado à mesa do restaurante com paredes envidraçadas que tem no subsolo contíguo à mostra. Dali vejo passar centenas e centenas de estudantes e seus professores. Na primeira oportunidade que me ofereceu o ambiente me aproximei de um grupo de estudantes secundaristas e consegui ouvir parte da preleção da professora-guia. Um discurso social com forte tendência de esquerda, tentando enquadrar a obra de Djanira na luta por direitos e gênero, sensibilidades para a diversidade, etc.

- Cada um fala o que quer, faz as inferências e relações que bem entender ou puder criar e imaginar. A arte permite essa liberdade intelectual e sensitiva. De minha parte fiquei no meio do caminho, porque não vi nada de especial na arte de Djanira mas aceito a ideia de usa-la para fluir sensibilidades e sociabilidades em nossa juventude. A arte pode e deve ser instrumento político em busca da civilidade. Sempre considerei que toda arte é engajada, sem esse negócio de neutralidade. Toda neutralidade é uma farsa. Sendo assim, melhor que seja utilizada para o bem.

- Subo no mezanino, de onde tenho uma visão ampla da exposição. O ambiente é lindo. Todos aqueles quadros coloridos, as pessoas paradas diante deles, trocando impressões. Um ambiente onde se respira arte. Um grupo de quatro pessoas adultas me chama a atenção porque gastava mais tempo diante de cada obra e seus integrantes demonstravam entusiasmo na troca de opiniões, indicando com os dedos alguns detalhes das telas. Desci e sutilmente me postei perto do pequeno grupo para ouvir sobre o que tanto falavam, mas o barulho dos estudantes tornou o ambiente sonoramente carregado. Fiquei com a impressão de que eles eram impregnados pela máxima que está inscrita na base da estátua de Anhanguera defronte ao MASP. Pelo jeito acharam o que procuravam. Senti inveja por Djanira ter dialogado com eles e não comigo.

- Antes de sair do MASP em definitivo tomei um café e voltei a dar um novo giro pela exposição. Não desisto fácil. Gostei do ambiente e do colorido das telas. Mas quadro a quadro fiquei meio que decepcionado novamente.

- Os estudantes secundaristas se desincumbiram rapidamente da visita à mostra e subiram até o mezanino para utilizarem seus celulares e conversarem. Ficou engraçado: uns cinco ou seis estudantes olhando atentamente a arte de Djanira e quase uma centena conversando e digitando no teclado do celular, bem longe de Djanira – física e mentalmente. Fiquei pensando em como é difícil educar, potencializar sensibilidades e sociabilidades.

- Essa juventude de São Paulo tem à sua frente o mundo [parques, galerias, museus, artes espalhadas pela cidade] e preferem se entocar na cabana digital junto com aqueles que não possuem as mesmas oportunidades. Estar dentro do MASP ou dentro do seu quarto, em Itajaí ou São Paulo ... no final dá no mesmo porque todos estão mentalmente dentro de uma redoma digital. Muitas oportunidades perdidas. Que desperdício! O celular parece uma barreira eletrônica que os separam do mundo real. O ambiente do MASP, a atmosfera de cultura e artes, somem quando um jovem desses digita ou recebe uma mensagem em seu celular. Ele não está mais ali no MASP, ele está nas nuvens do mundo digital. O celular é um teletransportador. O jovem que está no MASP, não está no MASP e Djanira será apenas alvo de um trabalho escolar que será realizado ao seu devido tempo, quando solicitado pela professora, para que seja dada a necessária nota. Ponto final. Muita gente perde oportunidades. Tem tudo ao seu redor e não sabe olhar, nem ver, nem sentir, nem perceber, nem estar presente no seu presente. Um desperdício total e absoluto. Quantos em Itajaí gostariam de estar no lugar desses jovens paulistas

dentro do MASP diante de Djanira. Mas os que aqui estão preferem o celular. O mundo não é justo.

- Esse grande grupo de estudantes gastou um dia inteiro para visitar Djanira no MASP, mas ficou entre dez e vinte minutos diante dela. O restante do tempo foi gasto com transporte, organização do grupo, conversas, brincadeiras e muita digitação no celular. Quando cheguei próximo de alguns desses subgrupos de estudantes não ouvi sequer um comentário sobre a obra de Djanira. Eles vieram até o MASP ver a arte de Djanira mas esqueceram de trazer seus olhos. Um grupo de cegos que utiliza apenas o tato disponível nas pontas de seus dedos para se orientar. O ambiente ficou mais alegre com toda essa juventude falante. Contudo, o ambiente do MASP precisa ser alegre?

- Voltei três vezes à exposição de Djanira. Visitei a primeira vez, fui almoçar, repassei todo o acervo exposto, fui tomar café, retornei Voltei porque estava inconformado com a constatação de que sua arte não conseguiu estabelecer um diálogo entre nossas sensibilidades. Na terceira vez, olhei mais de longe, vendo o quadro como um todo, deixando de observar detalhes. Sei lá tentei. Já tinha feito esse momento de maneira mais informal nas outras vezes. Mas agora o afastamento foi consciente e milimétrico. Um afastamento para favorecer a visão ampla da obra.

- Foi nessa terceira passada pela exposição que percebi que uma jovem, com crachá do MASP, estava monitorando um grupo, falando tela-a-tela. Ela dava destaque total ao engajamento político-social da artista e pincelava sua exposição com alguns detalhes técnicos e observações temáticas. A exposição ganhou outra dimensão em minha mente, desesperançada de dialogar com a artista, quando a monitora começou a falar da obra 'Pelourinho', fazendo referência à história da tela e a intensão da autora de substituir Jesus Cristo por um negro escravo 'crucificado' em um pelourinho. O Cristo negro me tocou de um outro jeito. A jovem foi competente em fazer a mediação entre eu e a artista. O caminho para o diálogo foi aberto e, depois, escancarado, quando o grupo monitorado passou pela tela 'Feira da Bahia' onde o racismo é denunciado com todas as tintas.

- Depois de ouvir a monitora falar sobre duas ou três telas concluí que jamais iria dialogar com Djanira sozinho, porque não dei oportunidade para isso. Ao constatar, de imediato, que a artista não dominava plenamente algumas técnicas das artes plásticas, me fechei em copas. Obstruí de todas as formas o caminho e não deixei a artista entrar e ficar ao lado de Tarsila e Anita. A verdade é que a minha determinação de revisitar a exposição três vezes deu frutos dulcíssimos. Mudei minha postura diante da arte e isso

não é pouco. Depois desse confronto desconfortável com Djanira considero-me outro apreciador das artes. Minha mentalidade mudou e mudou muito rápido. O trajeto entre a exposição e o apartamento em Vila Olímpia foi cenário da convulsão que viveu minha mente.

- Acabei sendo antropofagicamente devorado pela sentença de Anhanguera. Procurei tanto que encontrei o que procurava – uma ligação sensitiva entre eu e Djanira. Isso não foi possível sozinho, mas o acaso me ajudou, ao encontrar o grupo que estava seguindo uma monitora. Em tudo na vida é assim. Por mais que sabemos ou estudamos, em certos momentos, o outro tem a chave. Seria algo próximo daquilo que aprendemos como ‘Zona Proximal’... ou algo análogo a isso. No final da incursão a monitora entregou o código da curadoria da exposição. O idealizador da mostra incluiu os quadros sobre as minas de ferro de Itabira por conta do que está ocorrendo atualmente em Minas Gerais com as barragens da Vale do Rio Doce. Como já dissemos anteriormente, há uma intencionalidade política numa mostra dessa envergadura e ela não deve ser subestimada. A própria mostra de Djanira faz parte de uma ação mais ampla do MASP para destacar a mulher artista em 2019.

- Djanira é destaque por sua forte crítica social, por militância política contra a ditadura, por ser mulher. Os quadros sobre Itabira são, na minha visão, os menos interessantes do acervo, mas ficaram para fechar a exposição, recebendo muito destaque na visão do curador. Até na disposição das peças o curador da mostra elabora intencionalidades e atua politicamente dando resignificado à própria arte em exposição. O curador fala junto com a artista.

- O interessante de ver mostras ampliadas como esta de Djanira é que a gente pode perceber a história da artista, seus caminhos, suas mudanças estéticas e temáticas. As diferentes fases estão lado a lado, mostrando o universo do artista por inteiro, no mesmo lugar e ao mesmo tempo. Um grande painel mostrando os caminhos da artista. Vi isso também na mostra de Paul Klee - no Centro Cultural Banco do Brasil - e nas duas mostras do arquiteto Ruy Ohtaque.

- Ao sair em definitivo da mostra de Djanira fui até o café e a loja que habitam o mezanino. Ali, entre esses dois espaços, encontrei um ambiente com diversos móveis feitos de papelão com a frase ‘*Klabin. Muito além da embalagem*’. Como já tinha falado antes, e o MASP confirmou essa minha assertiva, toda instituição de grande porte tem seus cantinhos, suas escadas... que escondem preciosidades. Já tinha pensado isso

quando encontrei os ‘Atlantes’ na Pinacoteca, agora, confirmo, encontrando esses móveis de papelão no MASP. Olhar tudo sempre.

36 - Como no MASP só tive acesso à exposição de Djanira no subsolo, porque o restante do prédio estava em obras, fui para o **Centro Cultural FIESP** ver a mostra ‘Leonilson: arquivo e memória vivos’. Trata-se da exposição do artista José Leonilson Bezerra Dias da Silva – já falecido e totalmente desconhecido por mim. O prédio da FIESP fica a poucos metros do MASP e na travessia da Avenida Paulista tive oportunidade de ver a arte de diversos artesãos que expunham na calçada e, até comprar um panfleto poético de um escritor alternativo, de vanguarda. Sempre é bom colaborar com essa gente anárquica porque se está alimentando a utopia.

- Ali na FIESP fui surpreendido por novas técnicas. Também Leonilson trabalha diversos materiais e elementos. Uma revolução estética completamente anárquica e provocativa. Na mesma obra ele trabalha com guache, lápis de cor, caneta, tinta a óleo, vinil papelão, encerado, madeira, tela. Vale tudo para fazer arte em tudo, absolutamente em tudo.

- Leonilson me emocionou porque tocou na minha alma de artista que vê dificuldade em tudo que pretende fazer. Ao contrário de mim, ele usa tudo que encontra pela frente, de retalhos a lonas, de lápis a pincel e vai em frente fazendo arte. Simples assim. Enquanto eu fico cheio de dedos para pegar o cavalete, abrir os tubos de tintas e sujar os pincéis... ele utiliza todas as opções estéticas possíveis a ponto de ter telas sem uma forma definida. Extrapola a forma geométrica definida, exata, como o círculo, quadrado ou retângulo. É o mais contemporâneo dos contemporâneos que vi até agora. Extrapola inclusive os mais abstracionistas ou aqueles que buscam a figura geométrica linear através da exposição de cores. Foi uma revolução estética e uma visão de mundo artístico pleno. Mexeu com todas as minhas sensibilidades. Ele talvez seja o primeiro artista cem por cento anarquista que conheci na vida. Um exemplo a ser seguido em vários pontos. E dizer que morreu antes dos quarenta [1957-1993]. Uns dizem que é trans-vanguardista, mas neologismo a parte sua obra é impactante.

- Ao sentar para tomar um café no belíssimo prédio da FIESP – uma obra de arte a parte – ainda sob o impacto da estética anárquica de Leonilson, fiquei a pensar de como um guri sai do nordeste e acaba brilhando pelo mundo, apesar de ser ‘um anjo torto’ como diria Drummond.

- Depois fui visitar a mostra fotográfica de Pedro Motta intitulada 'Estado da natureza'. O artista nos mostra que é possível fazer arte de qualidade utilizando recursos tecnológicos advindos da revolução T.I. Ele manipula imagens digitalmente e nos oferece alguns trabalhos impactantes. Nunca fui muito a favor dessa manipulação digital de imagens, mas com o tom artístico dado por Pedro Motta o processo tornou-se interessante. Não é algo extraordinário, mas fica bom.

- Ao terminar a visita ao Centro Cultural FIESP fiquei com a sensação de que o meu projeto de ficar um mês conhecendo as casas de artes de São Paulo é pura pretensão, jamais será realizado a contento. As galerias se renovam mês-a-mês. Há uma dinâmica tão acentuada que se faz necessário estar presente o ano inteiro em São Paulo para tentar apreender um pouco do todo colocado à disposição do público.

- A arte constitui um mundo próprio em São Paulo. Está em todos os lugares a toda hora. A cadeira que estou utilizando na cafeteria da FIESP é uma obra de arte extraordinária. A área onde estou tomando o café é um desenho arquitetônico arrojado esteticamente e paredes envidraçadas me oferecem a vista para um jardim em homenagem a Burle Marx. De volta para casa vi diversas artes nos paredões do Metrô. São Paulo é arte, basta ter olhos para vê-la em seus micropolos e microporos.

- Dando uma rápida olhada nos dois catálogos das exposições na FIESP fiquei pensando o número de pessoas envolvidas nesses eventos. Na exposição do Leonilson, por exemplo, foram envolvidas diretamente mais de duzentas pessoas entre curador e iluminador, projetista gráfico e montadores. A arte é um mundo ...

37 – Na Avenida Paulista comprei um pequeno livreto do poeta Luiz Silva. Li seu trabalho em um banco da Praça Trianon e me pareceu que ele deveria viver de outra coisa que não vender poesia. Primeiro porque poesia não se vende; segundo, porque sua poética carece de aprimoramento volumoso. Mas uma parte da sua poética me bateu legal por ter muito a ver um pouco com a paixão que estava vivendo ao conhecer a arte de Leonilson:

‘eu já deveria ter perdido a cabeça
bebido o juízo
e perdido a razão.’

38 – Fiquei um breve tempo no hall do Edifício Cabo Verde esperando uma amiga para irmos à feira de antiguidades na Praça Benedito Calixto – Bairro Pinheiros. Aproveitei

para dar uma olhada mais demorada e observar detalhes técnicos de três obras ali afixadas. Duas recebem a assinatura de Franlucia e uma a assinatura de Kasal. São obras que apresentam bom domínio técnico e uma estética muito agradável. As obras de Franlucia são abstratas.

- A partir dessa minha visita a São Paulo acho que estou mudando muito o meu olhar sobre a cidade e sobre as coisas da cidade – isso vale também para Itajaí e outras cidades catarinenses que frequento com regularidade, como Florianópolis e Blumenau. O espaço urbano é carregado de obra de arte para todos os lados. Aqui em São Paulo, por exemplo, ao sair da feira de antiguidades na Praça Benedito Calixto passei pelo Cemitério São Paulo, na Avenida Cardeal Arcoverde, cujos muros, bastante extensos, continham centenas de intervenções artísticas de bom domínio técnico. Estou me propondo a voltar ao local exclusivamente para ver mais de perto essas obras.

- A feira de antiguidades da **Praça Benedito Calixto** é uma atração cultural muito interessante. A primeira coisa que chamou minha atenção foi a presença, em dois pontos da praça, de conjuntos musicais compostos por triângulo, zabumba e sanfona, no bom estilo nordestino. O som que espalharam por toda a praça fez a diferença no ambiente. Sempre via esses conjuntos na televisão, mas nunca tinha visto um de perto. Uma experiência musical bem interessante porque é música popular alegrando um ambiente público.

- Quem ouve falar em uma feira em praça pública vai logo pensando em brechó e coisas velhas de baixo valor. Mas a Feira da Praça Benedito Calixto não é bem assim, muito pelo contrário. Ali estão reunidas pessoas que sabem o que estão fazendo e valorizam muito o acervo que estão colocando à venda. Sabem que o público que frequenta a feira é composto por colecionadores e gente que tem bom gosto estético. Admirei, por exemplo, um ostensório alemão que custava cinco mil reais. Lindíssimo. Em outra barraca encontrei trabalhos originais de Volpi [por quase dois mil reais] e Burle Marx [por quase três mil reais]. Interessante perceber essa simbiose entre o tradicional pastel de feira e a arte de galeria, tudo em barracas armadas nas calçadas de uma praça. São Paulo é realmente surpreendente.

- No entorno da praça tem muitos bares e restaurantes dando um tom de boemia ao local. Gostei muito da culinária apresentada no restaurante [a quilo] BelloBello. Comi melhor que no Restaurante do MASP e paguei a metade do preço [cinquenta por vinte e cinco]. Há muito já aprendi que a elite gosta de refinamento mas não entende nada de culinária. Come apenas com os olhos dos outros, querendo se aparecer.

- Quando se vai a um lugar desses tem de ter tempo ilimitado para garimpar. Foi por conta dessa minha mentalidade de garimpeiro no bom estilo Anhanguera que encontrei, no meio de milhares de cartões postais do Brasil, seis cartões postais de Itajaí. Comprei até os duplicados, porque posso repassar para colecionadores de Itajaí - em futuro próximo. Também aproveitei para comprar moedas brasileiras que estavam faltando na minha coleção. Dependesse exclusivamente da minha vontade teria comprado uma coleção inteira de bengalas, algumas custando até mil e quinhentos reais. Todas lindíssimas.

- Encontrei muitos artistas interessantes na praça. Seria arte ou artesanato o que estavam vendendo? Sei lá, acho que vou deixar essa nomenclatura de lado por me parecer um pouco obsoleta para o atual estágio da arte. Afinal, há muito, as fronteiras entre as artes se estilharam. Se você fizer uma pulseira e colocar numa moldura é arte, mas se colocá-la no pulso é artesanato?!

- Muitos artistas apresentavam obras de metal representando São Francisco de Assis. Tá certo que eles fazem peças que agradam ao consumidor mais do que a eles mesmos. Mas realmente parece que São Francisco é o santo mais popular entre os milhares de santos da Igreja Católica. Apesar de me confessar agnóstico não escondo minha simpatia pela história de São Francisco. É difícil não se simpatizar com quem gosta de bicho ...

- Uma pessoa me chamou mais a atenção do que as demais durante esse longo período que fiquei perambulando pela Praça Benedito Calixto. Trata-se de uma mulher idosa completamente tomada por uma doença de pele que a deixou visivelmente desfigurada. Uma doença contemporânea chamada 'aplicação de botox'. A mulher era um conjunto desregulado. Enquanto sua postura corporal sinalizava para o lado da senilidade, seu rosto teimava em querer seguir no sentido da eterna juventude. A mulher me pareceu a obra do Oiticica que vi na Pinacoteca do Estado, onde diversas setas apontavam em diversas direções. No seu caso específico, o rosto apontava para cima enquanto o restante do corpo apontava para baixo. Como é triste não saber envelhecer.

- Um senhor idoso entrou no ônibus ao meu lado, abriu um saquinho e retirou até a metade um pastel de feira. Incrível como aquele homem comia o pastel. Parecia estar diante de um padre se confessando ou rezando diante de um altar agradecendo por uma graça recebida. O paulistano realmente tem uma relação com o pastel que chega às vias da religiosidade. Para se saber se realmente alguém é paulistano basta tão-somente lhe

oferecer um pastel de feira. Dependendo da reação, fica fácil saber se é ou não paulistano. No caso afirmativo ele comerá o pastel liturgicamente.

- Fui à Praça Benedito Calixto em companhia de duas amigas paulistanas. Uma delas podia ser considerada de família de alto poder aquisitivo, ambas acostumadas a viagens internacionais etc. Daí ter me surpreendido quando as vi entrar dentro do ônibus com certa naturalidade. Concluí que o transporte público de São Paulo realmente apresenta uma certa qualidade, desde que não seja nos horários de rush, obviamente. Mas, nesses horários, nem quem está dentro de carros de luxo tem qualidade no transporte por conta dos intermináveis engarrafamentos.

- Alguns expositores não deixam os turistas tirarem fotos de suas barracas e obras. Não entendi muito bem seus motivos porque eles estavam utilizando espaço público e de qualquer maneira, se alguém tinha a intenção de copiar suas técnicas o fariam comprando apenas uma pequena peça. Por outro lado, não permitindo fotos, deixam de ganhar uma preciosidade que é justamente a melhor de todas as propagandas, aquela que é espontânea de amigo para amigo.

39 – Andando por uma cidade como São Paulo não dá de deixar de perceber alguns problemas que encontramos também com regularidade em cidades médias como Itajaí. O povo joga lixo na rua, a poluição visual é gritante por conta do excesso de placas, os veículos possuem motores desregulados e poluem o ambiente impunemente, o comércio informal toma conta das praças e passeios até mesmo em avenidas centrais como é o caso da Paulista, o motorista não respeita os direitos do pedestre e o pedestre não toma o mínimo conhecimento da legislação de trânsito, pessoas à margem do processo produtivo habitam marquises e praças, o comércio regular utiliza parte dos passeios como extensão dos seus estabelecimentos, poluição sonora, falta de segurança, stress do motorista em geral O que pensamos ser um mal de nossa cidade é, na verdade, a pura realidade brasileira.

40 – Ao sair do apartamento percebi que ainda não tinha parado diante de três pequenos quadros afixados nas paredes do corredor que dá acesso à entrada/saída do imóvel. São dois quadros de pequeno porte assinado por S. Miranda tendo como motivos a belíssima Parati; mais um quadro de Buenos Aires que não dá de identificar muito bem o autor. Interessante como se tem obras por todos os lados e os olhos muitas vezes nos negam a consciência do que veem. Temos de cobrar dos nossos olhos, o tempo todo, que eles

passem a informação para o nosso consciente, caso contrário tudo fica em um ponto do cérebro que podemos chamar de ‘informação ambiental’. A pessoa percebe que o ambiente é agradável, é bonito, é caprichoso, cheiroso, limpo ... artístico, mas tudo isso é transformado em outras sensibilidades para além da consciência. Pode nos aparecer em forma de uma leve sensação de prazer de estar no ambiente, bem-estar, conforto. Você está andando pelo Parque Ibirapuera, ao lado de um bosque maravilhoso com diversas obras de arte extraordinárias e simplesmente sente-se bem, sem que a sua mente fique o tempo todo lhe dizendo, conscientemente, coisas racionais como ‘olha que lindo’ ‘isso é maravilhoso’. O prazer de estar-no-mundo é tudo o que resta dessa percepção total do ambiente. A razão não é tudo e muitas vezes não é nada diante da experiência única de estar-no-mundo. A maioria das nossas vivências não passa pela consciência, por nosso racionalismo. O intelectual é que tem essa obsessão por levar todas as vivências para o seu cantinho no cérebro onde tudo é tratado pelo pensamento racional. Mas isso é pouco diante da experiência vivencial de estar-no-mundo. Quem não é intelectual diria: ‘não tente explicar, viva’.

41 – No Metrô sentei diante de uma senhora que tinha um livro e uma camiseta que lembrou o cantor Tim Maia e suas pirações filosóficas. A camiseta continha mensagens como: ‘Universo em desencanto’, ‘Cultura do terceiro milênio’, ‘Cultura racional’. Uma camisa, uma foto, uma frase pode nos tirar do presente e nos arremessar anos-luz no tempo/espço. A mulher que usava a camiseta da Cultura Racional nem imaginou o quanto provocou minha mente e minhas memórias.

42 – Estar morando sozinho em São Paulo me faz realizar exercícios diários para conviver com os meus medos. Quando saio do apartamento me desfaço dos medos de estar nele sozinho [incêndio, assalto ...], quando chego da rua me desfaço dos medos de estar na rua [assalto, perder as chaves, ser atropelado ...]. Na medida em que vou me habituando a andar sozinho pela cidade parece que meus medos vão perdendo intensidade, mas demonstram, sempre que podem, estarem ali à espreita.

43 – Nos primeiros dias eu vivia pedindo informações e usava como critério pedir informações para o funcionário do Metrô que me atendia na passagem da catraca – já que tinha de apresentar documento para comprovar ter mais de sessenta anos para ter direito à gratuidade. Mas, passada uma semana de estada em São Paulo, tive o prazer de

dar informações a grupo de jovens que estava saindo da estação Eucaliptos. Eu mesmo fiquei admirado da maneira informal como respondi às perguntas. Parecia que vivia na cidade há anos. A geografia de São Paulo começa a deixar de ser constituída por cavernas mitológicas e passa a ter uma certa lógica. Eu acompanho o sol indo para oeste e já arrisco localizar os pontos cardeais da cidade. Lembro do grande Cabajal e arrisco fazer o meu próprio relógio do sol.

44 – Interessante notar que São Paulo ainda mantém a tradição das bancas de revistas nos passeios. É muito comum encontrar uma banca de revista em cada avenida. São quase como que trailers. Destaco a existência dessas bancas porque em Itajaí não sobrou uma para contar a história e isso faz muito tempo. As últimas bancas instaladas em local público foram aquelas existentes na pracinha quase na desembocadura da Rua Cacildo Romagnoni com a Praça Irineu Bornhausen [defronte à Igreja Matriz] e outra no início da Gil Stein Ferreira no que era o antigo Camelódromo, na Praça Arno Bauer.

45 – Estar no **Parque Ibirapuera** é estar numa redoma de vidro na selva de cimento e asfalto que é São Paulo. O Parque Ibirapuera está para São Paulo como a Avenida Beira-Rio está para Itajaí. É a principal área de lazer diário de sua população que preza por qualidade de vida. Já na entrada do Parque dois eventos inesperados. O primeiro foi notar que nas avenidas que dão acesso ao parque tem flanelinhas que usam máquina de cartão de crédito. Os flanelinhas se atualizaram tecnologicamente. A segunda, foi perceber que o Parque do Ibirapuera é também um espaço de lazer para os cães. Para quem gosta de cachorros o Ibirapuera oferece uma atração à parte, porque aparece centenas de raças de cães. Eu fiquei um bom tempo observando, porque alguns cães eu nunca tinha visto. Parecia uma exposição canina. Maravilhoso ficar à sombra de árvores gigantescas rodeado por cães.

- Diversos pontos do Parque nos oferecem a beleza de obras de arte. A primeira que vi foi um bronze de Ricardo Cipicchia intitulado 'A pega do porco' com duas crianças tentando pegar um porco. Achei engraçado. Tem também muitos monumentos às autoridades e militares.

- Como todo mundo sabe São Paulo é uma cidade cosmopolita. Principalmente em locais de artes você se acostuma a conviver ao lado de pessoas que estão se comunicando em outro idioma que não o português. Também notei o grande número de nipônicos que ainda mantém a tradição de falar a língua de origem. É uma experiência

interessante: você está num parque como o Ibirapuera ou Trianon ouvindo pessoas falando em japonês. Aquele som diferente dá uma outra dimensão ao ambiente. Contudo, muitas vezes considerei que ocorreram excessos inexplicáveis. Um café no prédio da BIENAL tinha seu cardápio somente em inglês.

- O paulista aderiu incontinentemente à ideia de alugar patinetes elétricos e bicicletas. Por todo lado esses equipamentos estão disponíveis nos passeios. No Parque do Ibirapuera é uma chuva de bicicleta dessas empresas de aluguel. É uma prestação de serviço que dispensa a pessoa ter bicicleta em casa para usá-la só nos finais de semana. Os patinetes elétricos a gente vê nas calçadas às centenas. Principalmente os jovens aderiram completamente à ideia. Será que ela chega a Itajaí? Bem, já tem uma pessoa que aluga bicicletas para passeios na Avenida Beira-Rio. É o começo.

- O primeiro prédio que visitei no Parque do Ibirapuera foi a **Escola de Astrofísica** onde pude ver uma coleção de meteoritos encontrados em diversas partes do mundo. Como eu sou apaixonado por rochas desde a infância, fiquei um bom tempo ali, tentando imaginar esses viajantes chegando à terra.

- O Parque Ibirapuera é uma outra São Paulo: duas amigas cantam e tocam violão, a criança faz bolhas de sabão, pai e filho andam de bicicleta, tribos treinam o uso de patins e skate, crianças sobem em árvores, namorados de mãos dadas, leitores solitários... e se você buscar uma vista panorâmica perceberá que no horizonte aparecem os grandes edifícios espiando a todos. Eles formam um grande anel, tingindo de cinza boa parte do céu.

- Após a Escola de Astrofísica visitei o **Museu Afro Brasil**. Incrível este museu ser em São Paulo e não no Rio de Janeiro ou Recife. Ali tem de tudo que se possa imaginar para se contar a História Colonial. Peças interessantes como gamela e bateia às dezenas. Mas tem também uma exposição de artistas negros pouco conhecidos por quem está acostumado a frequentar galerias: Teófilo de Jesus, Estevão Silva, Arthur e João Timótheo. Fiquei um bom tempo no local porque realmente algumas peças eram inéditas para mim, como foi o caso das bateias.

- Vendo a planta de um navio negreiro não pude deixar de me perguntar: como é que eles sobreviveram à travessia do Atlântico nessas condições? Aí veio à mente a poética de Castro Alves.

- Segui para o **MAM – Museu de Arte Moderna**. No jornal da manhã bem cedinho da Rede globo tinha visto reportagem sobre uma exposição nesse museu e achei interessante. A primeira obra que chamou muito atenção era assinada por José

Damasceno. Ela era feita com dez mil lápis. Depois um vestido em miçangas e giletes assinado pela artista Nazareth Pacheco. Interessante fazer uma comparação da sensação visual entre ver na televisão e pessoalmente. Eu pude experimentar melhor essa questão, porque vi o programa da Rede Globo por volta das oito horas e as onze já estava diante dessas obras. Pareceu-me muito mais rico ver pessoalmente, talvez por uma questão de você conseguir ver a obra por vários ângulos, tendo uma melhor noção de perspectiva, sombra/luz, ambiente Por mais bonita que possa parecer na televisão, pessoalmente tudo é mais complexo e intenso. E, você, tem oportunidade de impor seu próprio ritmo, dando cadência ao seu próprio tempo.

- Dessa mostra no MAM destaco o trabalho assinado por Rochelle Costi intitulado '50 horas – autorretrato roubado' onde a artista começa com imagem fotográfica de um corpo nu de mulher e vai, ao longo de cinquenta horas, transformando essa imagem em diversas pinturas e desenhos. Há uma passagem da fotografia para o desenho e diversas técnicas plásticas. O painel contém umas cinquenta imagens e é denso.

- Um tal de Vik Muniz faz reprodução de obras-primas internacionais utilizando chocolate líquido. O efeito é inédito e interessante. Mas, fico com as originais.

- No MAM me aconteceu um imprevisto. Logo depois que estava dentro da mostra principal senti um desconforto nos pés e detectei que tinha acoplado uma pedra no solado do meu calçado. Como aquilo estava me incomodando, achei por bem me apoiar em uma escada próxima de mim para tentar tirar a pedra do sapato. Nisso o segurança se desesperou e foi agressiva dizendo que não podia encostar-me na obra de arte. Foi aí que percebi que aquela escada-banco era uma obra de arte. Esse é o problema da arte contemporânea: as vezes não dá de identifica-la como objeto de arte. Passei vergonha.

- Depois do MAM atravessei uma avenida pela passarela Ciccillo Matarazzo e visitei o **MAC – Museu de Artes Contemporâneas** mantido pela USP – Universidade de São Paulo. São oito andares para um acervo que considero magnífico. Ali encontrei obras de: Bruno Giordí, Marc Chagal, Amedeo Modigliani, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Joan Miró, Paul Klee, Lasar Segall, Pablo Picasso, Georges Braque, Henri Matisse, Iberê Camargo, Antonio Gomide, Joahn Graz, Di Cavalcanti, Ismael Nery, Jean Metzinger, Umberto Boccioni, Jacson Pollock, Tomie Ohtake, Manabu Mabe, Antonio Bandeira, Fritz Winter...

- Se tivesse de levar uma obra para decorar minha sala escolheria 'Flora noturna' de Antonio Bandeira.

- No quarto piso visitei a mostra 'Ecos mecânicos – a máquina de escrever e a prática artística'. Lembrei dos meus tempos do jornalismo ainda tendo como instrumento de trabalho a máquina de escrever e o fax. Também lembrei do movimento 'Cogumelo Atônico' que integrei na década de 70 com os amigos Luiz, Greem e Guedes. Ali na mostra encontrei exemplares de artes que também fazíamos aqui em Santa Catarina como 'arte postal' e 'varal literário', além de desenhos a partir dos tipos da máquina de escrever. Lembrei ainda da poética-estética do itajaiense, radicado em Blumenau, Douglas Maurício Zunino.

- A obra cuja temática mais me impressionou era assinada por Beth Moysés. A imagem de uma bandeira do Brasil elaborada com cápsulas deflagradas recebendo o sugestivo título de '5.664 mulheres'. Uma arte engajada que fala intensamente.

- Passando o dia no Parque do Ibirapuera, visitando MAM e MAC conclui que alguns artistas fazem parte da paisagem paulista. O principal deles é Victor Becheret.

- Terminei a visita no terraço do MAC olhando para a Grande São Paulo com quem olha para aquilo que não deseja que Itajaí um dia seja: grande demais. Por outro lado, seria possível eu ter acesso a todo esse acervo público se nela não circulasse tanta riqueza? Não é justamente sua riqueza e grandiosidade que me oportuniza estar diante de um Matisse ou Joán Miró gratuitamente? Nada é cem por cento ruim. Nada é cem por cento bom. Tudo depende de como vemos ou como queremos ver. Dá de ver só o lado ruim, só o lado bom, mas dá de ver também ambos os lados ao mesmo tempo sem fazer juízo de valor. Vivendo. Olho para uma tela de Manabu Mabe e agradeço a generosidade do povo paulista.

46 – Nos três bairros que mais circulo a pé só observei a construção em andamento de quatro edifícios. Parece que a construção civil está em crise em São Paulo. Em Itajaí, para qualquer lado que você olhe, tem um prédio sendo erguido.

47 – Quando você encontra um paulista fixando residência no litoral catarinense ele sempre alega que está mudando por questão de segurança e qualidade de vida. É claro que a maioria deles passou recentemente por algum caso estressante, como assalto a mão armada. Mas o que seria exatamente essa tão procurada 'qualidade de vida' que o paulista julga não ter mais, apesar de ter muita riqueza circulando na cidade? No pouco que vi até agora, arrisco dizer que o paulista vem para Itajaí em busca de algo muito importante que ele não tem mais em São Paulo: tempo.

- Tempo é tudo em São Paulo. Quando fui acompanhar um casal de amigos ao Aeroporto de Cumbica começamos os preparativos para sair de casa às nove horas da manhã e chegamos ao aeroporto a uma hora da tarde. Não é só trânsito, é tudo consumindo muito tempo do paulista a ponto de muitas vezes você fazer apenas uma coisa importante por período ou até por dia. O paulista gasta boa parte do seu tempo, quando não a maior parte dele, no entorno do evento-alvo. Atravessar uma avenida pode demorar um tempão para o pedestre, mas pode representar a obrigatoriedade de virar diversos quarteirões para o motorista. Se errar uma entrada ou retorno, o próximo poderá estar a quilômetros. Obviamente que tudo isso causa irritação, nervosismo, impaciência, improdutividade, sensação de tempo perdido, stress. Qualidade de vida, portanto, é estar à beira da praia em minutos, como é comum ocorrer em Itajaí ou Balneário Camboriú. Qualidade de vida é nem precisar tirar o carro da garagem para ir ao trabalho ou ao supermercado. Paulista não tem tempo para viver sua vida, porque está em algum lugar tentando chegar a outro. Um dia gastei quase duas horas para ir até a Pinacoteca do Estado. Com esse tempo eu iria de Itajaí a Florianópolis.

- A hora de lazer do paulistano tem uma crosta, uma craca, como se fosse casco de veleiro, que prejudica por completo sua navegação. Uma hora de lazer no Parque Ibirapuera pode ser revestida de duas horas no trânsito. Talvez a solução seja transformar uma enorme fila para compra de ingresso em lazer. Mas isso só os malucos conseguem fazer. Então, na minha visão, qualidade de vida tem muito a ver com essa questão de como se gasta o tempo.

48 – Por conta dos nossos medos temos uma tendência de estabelecer rotinas e roteiros o mais rápido possível. Lutar contra essa tendência é importante para quem quer conhecer a cidade. Desde que cheguei à Vila Olímpia usava a Avenida Cotovia e a Avenida Santo Amaro como minhas vias preferencias de acesso à estação Eucaliptos da Linha Lilás do Metrô. Nesse domingo troquei a Avenida Cotovia pela Avenida Eucaliptos e, entre receios e tensões, vi coisas muito diferentes, como uma árvore com fitas amarelas contendo mensagens positivas direcionadas aos pedestres e diversos murais de rua, etc.

49 – Andar por São Paulo, nas ruas periféricas às grandes avenidas, é andar com a proteção de uma sombra de árvore frondosa e antiga. Em Itajaí estariam todas no chão em menos de uma semana. Nossos administradores sempre encontram um motivo

plausível para derrubar árvores em locais públicos. Os nossos políticos deveriam vir mais a São Paulo.

50 – Quando elaborei a mostra fotográfica ‘Itajaí por inteiro’ tinha em mente a ideia de que não conhecemos o lugar onde moramos. Estamos com o nosso olhar voltado preferencial para três prioridades: fatos cotidianos de violência, coisas grandes e importantes, tarefas úteis do cotidiano. Absorvidos pelo hábito do dia-a-dia já não temos a capacidade de ver o belo que está a nossa volta. Muitos itajaienses nunca entraram na Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento para admirar as obras de artes que o prédio possui. A maioria absoluta de nossa população não conhece a paisagem rural das Laranjeiras, com seus arrozais e a capelinha de São Sebastião. Quantas pessoas saem de casa para conhecer a zona rural de Itajaí? Assim também acontece com São Paulo e os paulistanos. Cada um trata de demarcar seu território e sair para além dessa demarcação é uma decisão difícil e nem sempre desejada.

- Sempre me empenhei em conhecer muito bem Itajaí e, depois, Santa Catarina. Por isso resisto no que posso em fazer viagens internacionais. Essas que se gasta duas horas no Louvre, quando deveria gastar um mês. Esse tipo de turismo nunca me satisfaz. Passar, sorrir, fotografar e exclamar ‘Mira, que belo!’ é muito pouco, considerando o dinheiro e o tempo que se gasta na viagem. O certo é se instalar e permanecer por um tempo como habitante do lugar. Falar com as pessoas, receber dicas, encontrar pepitas no meio do cascalho bruto. Criar o hábito de voltar sempre que necessário, refazer caminhos, perceber que não viu tudo, buscar novas alternativas e novos enfoques. Sempre fazendo um acordo razoável com seu próprio corpo/mente para não deixar o cansaço tirar a qualidade do momento.

- Em uma viagem cultural dois pontos são fundamentais: tempo suficiente e liberdade de ação. Não adianta nada você entrar na Catedral Metropolitana de São Paulo ouvindo um guia turístico dizendo que ‘temos dez minutos’ ou ‘está chovendo forte é melhor não sairmos de dentro do ônibus’. Somente agora que tive a oportunidade de ficar um mês inteiro em São Paulo sozinho é que percebi que as minhas outras viagens a São Paulo foram ridículas. Passei pela Catedral da Sé, por exemplo, e não entrei em sua Cripta – a joia da coroa. Passei pelo Centro Histórico e não entrei no prédio da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

- A questão da liberdade também tem a ver com quem se tem em companhia de viagem. Se uma pessoa não gosta de arte moderna/contemporânea não vá com ela no MAM e

MAC. Vai ser um fator limitante e até de tensão. A qualidade da visita vai ficar completamente comprometida. Estar sozinho, ficar o tempo que bem entender, olhando o que interessar olhar, é a melhor coisa que pode acontecer para aquela pessoa realmente interessada em curtir artes. Ter a liberdade de ficar defronte do Teatro Municipal meia hora, olhando todos os detalhes de sua arquitetura, sem que ninguém lhe limite tempo é tudo de bom. Quero ficar e fico!

51 – Na visita que fiz ao MAC-USP, pela primeira vez tive tempo de ver mais de perto obras de grandes pintores como Joan Miró e Picasso, sem quaisquer limitações. Olhar técnicas, camadas de tintas, movimentos dos pincéis, temática, tratamento de formas e campos intermediários das formas.... enfim, olhar os detalhes de um Miró me fez refletir muito sobre o que pensei sobre a arte de Djanira quando visitei o MAM e, também, sobre a arte dos grandes artistas de Itajaí. Tendo Picasso, Djanira, Miró, Tarsila... como referências parece-me que nossos artistas ficam muito dependentes da tinta, estão asfixiados pela tinta.

52 – Definitivamente muitas obras de arte não foram feitas para serem vistas de muito perto. Há que se manter uma relativa distância. Uma ‘distância ideal’. Vale o que disse Caetano Veloso: ‘De perto ninguém é normal’. Nas artes plásticas, do moderno ao contemporâneo, de perto nada é belo. Mas qual a distância ideal a ser mantida de uma obra de arte? Eu busco esse distanciamento agora que percebi sua necessidade estética. Percebi que temos, cada um, sua própria distância ideal. Um passo para trás ou para a frente pode modificar por completo nossa visão de ver determinada obra.

53 – No **Jardim das Esculturas do Parque Ibirapuera** vi umas crianças jogando brita em uma escultura de ferro. Chamei imediatamente a atenção delas argumentando que estavam deteriorando uma obra de arte. Uma das crianças mostrando total indignação com o meu gesto salientou: ‘Mas ela foi feita para isso mesmo!’. Ao me afastar meio contrariado com a resposta, logo percebi que as crianças realmente estavam tirando sons diferentes daquela escultura. Fiquei sem saber o que dizer ou pensar. Seria verdade que aquela obra estava ali para receber pedrada e em troca emitir sons agradáveis e diferenciados? Fiquei perplexo e em total confusão mental. Mas a arte é assim mesmo, tem uma capacidade infinita de nos surpreender.

54 – Uma coisa que não dá de deixar de perceber é a quantidade de cachorro que tem nas ruas e parques em São Paulo. Não falo de cachorro de rua, abandonado; mas de cachorro passeando com seus donos. Ao final da tarde os cachorros estão indo para os botecos com seus donos participar do ‘happy hour’. Quando se passa por avenidas que possuem bares e restaurantes com cadeiras nas calçadas, o que é muito comum em São Paulo após as dezoito horas, é interessante perceber a quantidade de cachorros debaixo das mesas. E a maioria nem é de cachorro de pequeno porte. O paulista parece ter uma predileção por cachorros de raça de grande porte. Claro que isso é mais visível nos bairros onde ainda existem muitos condomínios fechados no lugar de edifícios de apartamentos.

55 – Falar de arte de rua em São Paulo é querer entrar em uma grande polêmica. Muita confusão ocorre porque a maioria das pessoas não consegue separar os trabalhos dos grafiteiros dos rabiscos dos pichadores. Recriminam genericamente como se fossem exatamente a mesma ação estética, avaliando que ‘as paredes não estão limpas’. O pichador é um anarquista indomável, rebelde na essência. O grafiteiro é um artista que tem um projeto visual para a cidade. Um enfeia, outro enfeita. Tem muito grafite de qualidade na cidade de São Paulo. Chega a impressionar.

56 – Desembarquei na estação São Bento, da Linha Azul do Metrô, para visitar o Centro Histórico de São Paulo. Fiquei perambulando pelo local durante oito horas ininterruptas e não concluí tudo o que me propus a fazer nesse local. Um dos motivos foi o fato de que três grandes instituições [Centro Cultural Banco do Brasil, Teatro Municipal e Museu do Circo da Galeria Olido] não abrem às terças-feiras.

- Na **Praça do Largo de São Bento**, saindo do subterrâneo do Metrô, dou de cara com pessoas jogando xadrez com peças gigantes. Parei para olhar dois contendores se divertindo jogando dentro do tabuleiro. Ali já percebi que o local iria me apresentar muitas atrações inéditas e que o meu roteiro não poderia ser cumprido à risca. Por isso abandonei as minhas anotações no bolso direito da calça e fui em frente, andando a esmo, sem lenço e sem documento pelo Centro Histórico de São Paulo. Ficou melhor assim.



- A **Igreja do Mosteiro de São Bento** é algo inimaginável para quem gosta de arte sacra. A arquitetura monumental, esculturas, pinturas, vitrais, estatuária, órgão gigante ... como é que passei tantas vezes em São Paulo e nunca ninguém me disse para entrar nessa igreja?

- Passo pelo **viaduto Santa Efigênia** e entro na **Igreja Imaculada Conceição**. Estava em restauro e é simplesmente linda sob todos os aspectos. Um quadro da Santa Ceia de Henri Bénard me chamou muita atenção. Dos azulejos do piso à abóboda central, tudo é arte da melhor qualidade estética. Dá de ficar dentro dessa igreja o dia inteiro, meditando e escrevendo. Parece que está fora do mundo, protegida de todos os males. Paz.

- A **Igreja da irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos**, no Largo do Paissandu, me mostrou diversos santos negros que não conhecia ou deles ouvira muito pouco: Santa Ephigênia, Santo Antônio Cathegerô, Santo Elisbão, Santa Josefina Bakhita. Mas também vi alguns conhecidos: Nossa Senhora Aparecida e São Benedito. O bom de conhecê-la foi justamente para fazer esse contraponto entre a São Paulo branca e a São Paulo negra. Perceber que há um esforço institucional e público para dirimir esse *apartheid* que teima em sobreviver nos labirintos de nossas sociabilidades.

- Na **Galeria Olido** tive a oportunidade de ver uma lindíssima exposição de máscaras feitas com folhas de palmeiras do artista africano Chikezie Paul Nwangburuka. O título da exposição era 'Áfrika com máscaras'. A galeria apresenta um cantinho interessante que é o '**Ponto de Leitura Moacyr Scliar**' mantido pela Prefeitura do Município de São Paulo, com jornais e revistas, além de uma pequena biblioteca. Também apreciei uma mostra fotográfica sobre o Haiti e me propus a voltar outro dia para ver o **Centro de Memória do Circo** que fecha justamente às terças-feiras.

- Paro diante do monumental prédio do **Teatro Municipal** e fico, de longe, observando detalhes de sua arquitetura. Até o poste de iluminação frontal é uma magnífica obra de arte. As obras que encontrei na Praça Ramos Azevedo, no entorno do Teatro, são estupendas. O Teatro também não abre para visitação às terças-feiras. Levei azar. Volto outro dia. Mas na fachada do prédio identifiquei os 'Atlantes' cujos moldes havia conhecido quando visitei a Pinacoteca do Estado. Fiquei meio que pensando sobre essa questão da cópia, da forma. No caso específico dos 'Atlantes' eu gostei de ter visto os dois resultados: modelo original para testar a forma e o resultado final já aplicado ao

prédio. É que o molde foi colocado em um local tão imprevisto na Pinacoteca que não tem como não nos impressionar visualmente.

- Como não poderia deixar de ser, o onipresente Victor Brecheret tem uma escultura na entrada lateral do Teatro Municipal.

- Nem tente tirar fotos de monumentos em São Paulo sem que apareçam três figuras: mendigos, transeuntes e pombos. Vais perder muito tempo, ficar completamente irritado e frustrado, sem conseguir o resultado desejado. Sempre que você encontra uma estátua de uma grande personagem histórica verás que na sua cabeça tem um pombo. Foi assim quando quis fotografar o Anhanguera defronte ao MASP, e não foi diferente quando quis fotografar Dante Alighieri na praça atrás da Biblioteca Mário de Andrade. Pombos e moradores de rua fazem parte da paisagem.

- Aliás, essa questão dos despossuídos em praça pública me apresenta uma característica que poucos notam. A maioria é moradora de rua, mas não está exercendo a mendicância. Passei por centenas desses elementos durante as oito horas que fiquei no Centro Histórico e somente um, na entrada da Igreja de São Bento, me pediu diretamente esmola. Aí me veio a pergunta óbvia: se não mendigam, como sobrevivem? Não arrisquei oferecer uma resposta plausível à minha própria pergunta.

- No **Anhangabaú** vi uma face triste de São Paulo. Uma fila composta por quinze mil pessoas esperando uma senha para disputar postos de trabalho oferecidos em um projeto da Prefeitura em parceria com o Sindicato dos Comerciários. Tinha gente na fila há dois dias.

- São Paulo também nos oferece algumas atrações espontâneas que não podemos colocar em nossos roteiros turísticos. Mais uma vez aquilo que vi no noticiário de manhã bem cedo acabou fazendo parte do meu dia horas depois. A reportagem de televisão já havia se materializado na minha frente quando fui visitar uma exposição no MAM – no Parque Ibirapuera; agora, vejo ao vivo a multidão de desempregados no Vale do Anhangabaú que tinha visto na televisão horas antes de sair de casa. É uma cena dantesca de partir o coração de qualquer pessoa socialmente sensível.

- Na **Praça do Patriarca** [homenagem a José Bonifácio de Andrade e Silva] visito a pequena **Capela de Santo Antônio**, pequena e bela.

- Depois, no **Largo de São Francisco**, entro na **Igreja das Chagas de São Francisco**. Também de pequeno porte, mas tem uns oratórios esculpidos em madeira e diversas telas bastante interessantes para quem gosta de arte sacra. Ao lado visito o **Santuário de São Francisco**. Muito dourado, pinturas em azulejos portugueses, uma *via-crucis* muito

bonita... e foi o local onde vi, até o momento, mais manifestações de fé expressas pelas pessoas ali presentes. Só fiquei sem entender porque tanto ouro e prata em louvor de São Francisco de Assis, justamente o mais piedoso e despojado dos santos católicos.

- Quando peguei um corredor lateral para ter acesso ao sanitário, tive oportunidade única de ver um pequeno retângulo na parede mostrando a construção original da igreja em ‘taipa de pilão’ [No Museu Anchieta encontrei a expressão ‘taipa de pirão’] com barro, pedrisco, óleo de baleia. Um ponto da arquitetura do prédio que passa totalmente despercebido por todo turista que não tem necessidade de ir ao banheiro daquela instituição.

- Em seguida entro no prédio da histórica **Faculdade de Direito de São Paulo** a tão decantada **Faculdade do Largo de São Francisco** onde dezenas de itajaienses ilustres estudaram. Fiquei imaginando um Konder subindo aquelas escadarias de mármore, tendo seus passos iluminados por vitrais coloridos e temáticos. Subir aquelas escadarias de mármore olhando os vitrais é uma emoção muito forte. Uma sensação de se estar em um templo do saber.

- Quando entrei na Sala Visconde de São Leopoldo tive acesso também à sacada do prédio que dá para a praça e fiquei imaginando quantos discursos históricos foram realizados naquele local. Ali também se respira muita história.

- Na Sala Conselheiro Cipriano notei algo bastante interessante. Vi alunos sentados em um mobiliário centenário utilizando seus respectivos notebooks. Pedi licença para o segurança do local e dei uma espiadinha para dentro da sala e pude observar que o professor estava proferindo aula utilizando quadro e giz com auxílio de um ‘*data show*’. Ali fica conciliado o passado com o presente. No térreo pude perceber inúmeras manifestações estudantis, destacando críticas à ‘Reforma da Previdência’. Se tem algo tradicional nessa faculdade isso se chama ‘luta estudantil’. No porão tive acesso à duas cantinas que mais pareciam batcavernas. Não arrisquei comer por ali.

- Como eu resolvi sair pela rua de trás do edifício, justamente porque fui dar uma olhada nas batcavernas, acabei conhecendo um pouco do submundo de São Paulo. Um mar de mendigos espalhados pelas ruas por conta de ali próximo a Prefeitura manter o ‘Núcleo de Convivência para Adulto em Situação de Rua’. Se fiquei com o coração partido vendo quinze mil desempregados numa fila no sol a pino do Vale do Anhangabaú, imagina o que senti ao ver essa gente despossuída que sequer tem a pretensão de ficar numa fila para conquistar um emprego. É muita gente desempregada, mas estas ainda

estão de pé. É muita gente em situação de rua, mas estas já não conseguem mais se levantar. Triste realidade.

- O sino da **Igreja de Santo Antônio** badala insistentemente querendo indicar as doze horas cheias misturando seu som metálico ao som maquinal do helicóptero da Rede Globo de Televisão que sobrevoa a região em busca de boas imagens para cobrir o acontecimento extraordinário da fila quilométrica dos desempregados de São Paulo. A imprensa sempre está mostrando os pecados de nossa sociedade mas esquece de ver que ela muitas vezes também faz parte do problema. Os helicópteros das redes de televisão, por exemplo, estavam promovendo uma confusão sonora tão grande no local que conseguiram ocultar até mesmo o som do sino da pequena igreja. Pior que não tem necessidade de filmar de helicóptero porque dava muito bem de pegar boas imagens ficando em cima do viaduto. Fazer o quê?, se essa gente gosta de se aparecer.

- Desde quando entrei na passarela Santa Efigênia notei a presença constante de muitos artistas de rua. Daí senti falta das minhas moedas de um real na gibeira da calça que costumo trazer comigo quando saio para essas incursões culturais. Na primeira oportunidade troquei uma nota de dez e enchi a pequena gibeira da calça para incentivar esses artistas anônimos. Dei contribuições para musicistas e até estátuas vivas.

- Descendo a **Rua São Bento** notei a linda fachada do Edifício York com pilastras em forma de seres humanos. Muito interessante e vistosa.

- De repente me vi envolvido em um ambiente interessante que mereceu uma certa reflexão política de minha parte. As imagens dos desempregados do Anhangabaú se misturaram às muitas imagens de mendigos jogados nas praças, as manifestações dos jovens cidadãos acadêmicos da Faculdade de Direito e o lema republicano 'Ordem e Progresso' em destaque na estátua em bronze de Luigi Brizzolara na Praça Ramos, ao lado do Teatro Municipal. Pensei comigo mesmo: foi essa a República que projetamos? É essa a República que nosso povo merece?

- Na Praça Dom José Gaspar, atrás da **Biblioteca Mário de Andrade**, fiquei diante de uma grande estátua em granito de Dante Alighieri e lhe pedi permissão para adentrar ao portal do paraíso sozinho. Não sei se ele não me deu permissão ou eu erre o caminho que ele me indicou. O fato é que acabei encontrando por ali muito lixo, moradores de rua e jovens drogados. Tudo indicava que os alunos da Faculdade de Direito frequentavam o lugar para se drogarem. A praça continha estátuas e bustos de Dante, Goethe e Cervantes, mas também apresentava ao visitante um cheiro muito forte de

fezes humanas misturado com o forte cheiro de maconha. Dante me abriu as portas do purgatório.

- O mesmo cheiro que dá a tônica na **Praça da República** que fica defronte ao prédio da Secretaria de Educação. Quando fui sentar em um banco, localizado a poucos metros da entrada principal do prédio da Secretaria de Educação, fui envolvido por uma nuvem espessa de maconha que me fez sentir meio que aéreo. Senti que estava em uma sauna onde trocaram a essência de eucalipto pela ‘erva do diabo’.

- Também na Praça da República percebi que o pedestal do busto em homenagem a Bernardino de Campos estava vazio. Lembrei imediatamente do que ocorrera recentemente em Itajaí, quando roubaram o busto em bronze de Elizabeth Malburg da Praça Vidal Ramos. Os males de Itajaí, pelo jeito, são os males que padece todo o Brasil.

- Encontrei na Praça da República algo que não encontro mais em Itajaí há muito tempo: engraxates fixos com suas bancadas de madeira. Vejo alguns ainda na Praça XV em Florianópolis, mas em Itajaí sumiram por completo.

- O maior atrativo das praças de São Paulo é o oferecimento público de internet gratuita. Muita gente frequenta as praças, apesar do lixo e do mau cheiro, porque tem internet grátis por ali.

- Na **Rua Barão de Itapetininga** fiquei impressionado com o número de comerciantes de artes e tecidos africanos. Coisas lindíssimas que não se encontra com muita facilidade em outros lugares do Brasil. Deu vontade de comprar umas máscaras africanas em madeira pensei na dificuldade de trazê-las e desisti da empreitada.

- Tudo é lindo no **Pátio do Colégio** e seu entorno: os prédios antigos, o grande monumento ...

- O **Museu Anchieta** é fabuloso: mapas, quadros, oratórios e peças históricas sacras como ostensórios, sacrários, crucifixos em prata e ouro, peças em granito e mármore, castiçais, relicários – peças de 1600 e 1700 – uma riqueza histórica. Nunca tinha visto um Baldaquino tão lindo como aquele em mostra no museu.

- Na **Cripta do Museu Anchieta** tem um museu dedicado à cultura indígena. Também dá de ver com nitidez a parede original do colégio jesuíta e muitas outras atrações históricas.

- No pátio interno do Museu Anchieta destaco três capitéis jônicos esculpidos em pedra, além de diversos bronzes e uma parede inteira de ‘taipa de pilão’ datada de 1585.

- Bem pertinho do Museu Anchieta temos a Casa Número Um [sobrado de 1880] que abriga a Casa da Imagem de São Paulo, muito parecido com o Casarão Konder de Itajaí em determinados compartimentos internos.

- Na **Casa Número Um** pude ver uma belíssima exposição fotográfica sobre a temática do ‘flerte’ em locais públicos. Interessante ter entrado nessa mostra porque na ida até o Centro tinha visto um casal namorando nas escadas rolantes do Metrô e observei comigo mesmo como são raras essas demonstrações nas áreas públicas de São Paulo. Os casais são muito reservados em público. Essa foi a primeira mostra que toca na questão de gênero e homossexualidade. Não vi muita coisa sobre a temática envolvendo gênero e sexualidade por aqui. Pensei que esse tema fosse decorrente, como o é em Itajaí, mas aqui a temática mais acentuada e destacada é: racismo e negritude, superações pessoais após traumas, combate ao abuso sexual e aplicação da Lei Maria da Penha.

- O casarão tem pinturas nas paredes como o segundo piso do Palácio Marcos Konder e, também, pinturas em forma de quadros. Pena que muito do material está completamente degradado pelo tempo.

- Ao lado do Museu da Imagem de São Paulo tem o **Solar da Marquesa de Santos** que abriga uma das unidades do Museu da Cidade. Gostei do ambiente de banho da Marquesa com uma banheira esculpida em mármore.

- A **Rua 25 de Março** e seu entorno é a boca do inferno. Na Praça Ragueb Chohfi vi um dos monumentos mais lindos das praças de São Paulo mas não dá de chegar perto ou fotografar por conta do exagerado número de mendigos no local e o estado de completo abandono que se encontra o local, sem falar do odor insuportável de fezes e urina humanas. Tem até roupa velha, abandonada pelos moradores de rua, em cima das figuras esculpidas do monumento.

- Na 25 de Março parece que as pessoas estão completamente dopadas querendo comprar e vender algo de forma automática. Parece uma obsessão, uma tara, um condicionamento. Os seres humanos se perdem entre um mar de bugigangas e ‘inutilidades úteis’. A 25 de Março é o exemplo concreto do comércio que faz mal à humanidade.

- A **Catedral Metropolitana de São Paulo** – a Sé – é grande, mas não emociona o visitante desatento, a menos que ele perceba rapidamente que sua arquitetura é toda voltada para o céu e não para a pessoa que está dentro. O movimento é todo para cima, alto, sempre mais alto, muito alto. A Sé, do seu jeito, reproduz a ideia da Torre de

Babel, querendo tocar o céu. Esse movimento em direção a Deus pode ser notado pelo lado de fora e, também, pelo lado de dentro. A Catedral possui muitas peças em bronze, mármore, madeira, além de vitrais e colunas, muitas colunas. Uma arquitetura única. Separando o altar-mor do público uma murada esculpida em mármore, com detalhes em bronze. Um detalhe lindíssimo. Na lateral destaco a Capela do Santíssimo com peças em granito, cobre e mármore. Uma obra-prima da arte sacra. Destaque também para o gigantesco órgão que fica por trás do altar-mor.

- Mas, a joia da coroa da Catedral é sua **Cripta**. Ali pude ver os túmulos de Feijó, Tibiriçá e do catarinense Dom Evaristo Arns. Um ambiente muito diferente que fica localizado embaixo do altar-mor e o acesso é cobrado, como se fosse um museu. Vale o ingresso. Fiquei um momento paralisado diante do túmulo de Dom Evaristo Arns, porque, apesar de não ter religião, costumo admirar e reverenciar pessoas que fizeram bem ao mundo. Dom Evaristo fez bem ao mundo e parar diante de sua cripta é uma oportunidade única de agradecer e pedir forças para seguir o exemplo.

- No entorno da Sé temos um verdadeiro paraíso para quem gosta de ler, porque ali estão instaladas as livrarias Saraiva e UNESP, além do tradicional **Sebo do Messias**. Sempre que vou a São Paulo visito este estabelecimento considerado um templo para os bibliófilos, mesmo os amadores como é o meu caso. Nunca saio de mãos vazias de lá. Boa parte da minha biblioteca especializada em História do Brasil devo ao Sebo do Messias. O Sebo do Messias é o paraíso do colecionar de livros sem dinheiro no bolso.

- Ao lado do Sebo do Messias temos a pequena **Igreja de São Gonçalo**. Parece estranho que tenha uma igreja nos fundos da Catedral, mas tem, e é muito interessante e deve ser visitada por conta de seus vitrais e seus altares em madeira. Aliás, o turista tem bem poucas informações sobre diversas igrejas que existem no entorno da Sé. Visitei todas, ou todas que encontrei nos três dias que andei na região.

- Ao andar pelo Centro Histórico é aconselhável ter no bolso uma listinha com todas as atrações. Mas andar a esmo, lendo todas as placas indicativas, também é muito produtivo. Quando não se encontra um determinado monumento ou instituição, não custa dar uma parada e perguntar a um comerciante do local. Tem muito mais coisas para se ver em São Paulo que não aparece nos catálogos e guias. Eu tenho o hábito de pegar todos catálogos que aparecem pela minha frente, porque eles sempre contêm muitas dicas importantes, mas estão longe de indicar todas as atrações do Centro Histórico. Somente uma placa de rua, por exemplo, vai te indicar da existência de uma Igreja da Boa Morte ou do Museu do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

– Tive uma emoção inesperada quando comecei a ler placas de determinadas ruas como: Libero Badaró e Direita. Sempre ouvimos falar desses locais e estar ali é uma emoção a parte. Ruas que fazem parte da História do Brasil.

- Ainda na Praça João Mendes encontro um bronze lindíssimo de Ricardo Cipicchia intitulado ‘Contando a fêria’ composto por duas crianças – o engraxate e seu amigo jornalista. Uma pequena estátua, mas de uma beleza ímpar.

- Leio em uma placa de trânsito que bem perto dali tem um tal **Museu do Tribunal de Justiça**. Procuro e encontro seu prédio. Uma surpresa agradável pelo lindo casario antigo conhecido como **Palacete Conde de Sarzedas** – localizado na rua de mesmo nome. Já na primeira sala uma linda homenagem a Luis Gama - considerado o ‘Advogado dos escravos’. Ali, novamente encontramos o esforço institucional de valorizar os negros na História de São Paulo. Destaco também dois bancos de ferro com aplicações em bronze. O primeiro pertencente à Marquesa de Santos e, o segundo, pertencente à sua irmã, a Baronesa de Sorocaba. Nunca tinha visto bancos de jardim tão vistosos. O Museu surpreende seus visitantes justamente porque não se limita a mostrar um acervo temático do Poder Judiciário do Estado de São Paulo. Tem, por exemplo, peças, fotografias e documentos da Revolução Constitucionalista de 1932, quando São Paulo se rebelou contra Getúlio Vargas. Vale a visita.

- Na saída do Museu do Tribunal avisto uma placa indicando três igrejas: Catedral da Sé, Igreja da Boa Morte e Igreja Terceira do Carmo. Fui atrás das duas que não conhecia e inicialmente encontrei, na Rua Tabatinguera a pequena **Igreja do Menino Jesus e Santa Luzia**. Por ali, as vezes que perguntei sobre a Igreja da Boa Morte, percebia o ar de ironia dos paulistanos. Como não a conheciam, pensavam que eu estava lhes aplicando uma ‘pegadinha’ ou lhes fazendo um chiste.

- Na Rua do Carmo encontro a **Igreja da Boa Morte**, construída em 1810, com ‘taipa de pilão e adobe’. Destaque para uma pintura no teto e um pequeno altar antiquíssimo de madeira, com a imagem de Nossa Senhora segurando Cristo Morto – uma obra maravilhosa.

- Em seguida encontro a **Igreja do Carmo**, construída a partir de 1632. Destaco as pinturas, estátuas, altares ... parecendo muito com as igrejas de Minas Gerais. Ela fica localizada na Avenida Rangel Pestana.

- Ali perto visito o belíssimo prédio do **Centro Cultural da Caixa Econômica Federal**, com sua galeria e museu. Aprecio uma incrível mostra do gravurista histórico Rugendas que me fez recordar das aulas de História no Colégio Salesiano, já que todos

os nossos livros de História eram ilustrados com gravuras de Rugendas e Debret. Uma das exposições históricas mais lindas que tive oportunidade de ver na vida. Na galeria do Centro conheci a mostra 'reunião' da artista performática Celina Portella. Fiquei maravilhado com seu trabalho, já que ela não se limita a trabalhar apenas o espaço da tela, transferindo o seu trabalho para a parede contígua à tela. Uma inovação técnica que me agradou muito. O prédio da Caixa tem um grande vitral temático sobre a formação cultural e econômica de São Paulo de autoria do artista italiano Henrique Zucca. No sexto andar encontro o museu temático mais incrível que já vi. A Caixa manteve intacta boa parte do ambiente de sua diretoria antiga. Ali encontramos a História da Caixa Econômica, os globos de sorteios das loterias, caixas registradoras, carimbos, máquinas de escrever, calculadoras, etc. Fiquei maravilhado com a qualidade do museu.

- Um pouco mais para frente encontro o **Centro Cultural Banco do Brasil**. Fui ver a exposição 'Equilíbrio Instável' contando com mais de cem peças de autoria do artista Paul Klee. Fiquei horas vendo e revendo a mostra que ocupou quatro andares do prédio histórico do Banco do Brasil. Uma série sobre anjos me pareceu com a estética de Tarsila. Gostei muito de um vídeo onde os organizadores mostravam as técnicas utilizadas por Paul Klee para criar suas artes com efeitos inéditos. Aprendi muito, em termos de processo criativo, com esse vídeo. Uma aula especial que poucos param para frequentar.

57- Museus e galerias de São Paulo tem a boa tradição de manterem em suas dependências bons cafés. Sempre é bom reservar um dinheiro para parar ali e respirar aquele ambiente único da instituição cultural. Geralmente esses centros ocupam prédios históricos das próprias instituições, oferecendo ao visitante um ambiente ímpar. Tomar café, sem pressa, num lugar desses já faz parte do prazer de respirar arte.

58 – As mídias falam sem cessar das doenças causadas pelo mosquito. O Brasil está doente de febre amarela, dengue mas, pelo muito que falam, acabei me impressionando por ter encontrado um mosquito no apartamento onde estou abrigado somente após dez dias de estada em São Paulo. Fiquei até relutante em tapeá-lo, preferindo ficar observando seu jeito de ser, comparando com os milhares de mosquitos que estou acostumado a aturar na minha casa de praia em Mariscal. Falo do mosquito, algo tão pequeno e banal, para evidenciar um ponto interessante que envolve a psique do visitante: quando você está em lugar diferente o teu cérebro lhe mostra tudo, para

que você possa pesar se isso lhe é importante ou não. Talvez ele não lhe dê uma segunda chance, por isso é melhor registrar essa miudeza que lhe foi servida.

59 – Dia desse notei uma coisa interessante em relação ao meu próprio corpo. Estando em pé no Metrô observei que a maioria absoluta das pessoas tinha estatura menor do que a minha. Depois, todas as vezes que entrei no Metrô fiquei comparando a minha altura e, realmente, apesar de ter apenas um metro e setenta e seis centímetros de comprimento, pareço uma das pessoas mais altas que andam de Metrô em São Paulo. O povo paulistano tem estatura muito baixa. Muito diferente da média do povo catarinense, incluindo as mulheres.

60 – Sai cedo de casa e fui direto à Estação da Luz. Atravessei a Avenida Tiradentes pela ‘Passarela da Rua das Noivas’ e encontrei a pequena **Igreja São Cristovão** quase defronte à Pinacoteca do Estado. Mais uma igreja antiga que apresenta seus altares e oratórios em madeira, com patina e dourados em exaustão. Uma igreja aconchegante que serve mesmo para se ficar em paz por um tempinho antes de se mergulhar no caldeirão da vida cotidiana de São Paulo, ou para se limpar das impurezas desse caldeirão no final do dia.

- Seguindo pela Avenida Tiradentes, tendo a Pinacoteca do Estado no outro lado, vou em direção ao Museu de Arte Sacra, mas no caminho paro para observar o grandioso prédio do **Primeiro Batalhão da Polícia**. Nesse momento o trânsito da avenida foi parado abruptamente e de dentro do Batalhão saiu um contingente enorme de jovens vestidos com roupas militarizadas, mas não oficiais, de um tal Instituto Pré-Militar do Brasil, ou algo assim. Diversas viaturas da ROTA saíram em disparada dando demonstração de coragem aos jovens, que corresponderam com gritos de entusiasmo não contido.

- No início vi essa demonstração da polícia com aquele meu olhar impregnado de má vontade para com os militares, mas depois, considerando tudo o que vi até agora em São Paulo, com milhares de jovens largados nas praças por conta do *crack*, fiquei mais conformado e até aceitando a atitude dos jovens. Quando o trânsito foi liberado e pude seguir pela calçada da Avenida Tiradentes perguntei pra mim mesmo: como pai, gostarias que teu filho fosse um militar ou um zumbi da Cracolândia? Não que meu filho tivesse somente essas duas escolhas, mas a pergunta foi colocada somente para a minha mente justificar a ela própria a aceitação da manifestação militar que acabou de

presenciar. Querendo ou não querendo, tenho um passado formatado pela esquerda radical e isso ainda é recorrente em muito do que penso e faço. O Golpe de 64 ainda é utilizado como referência em muitas coisas que a minha mente pensa. Essa contradição no meu olhar sobre a manifestação de educação militar oferecida casualmente pela ROTA – Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar – me acompanhou até eu chegar ao Museu de Arte Sacra.

- Quando estava entrando no Museu da Arte Sacra meu filho telefonou e marcamos um encontro na Estação da Luz. Ele veio a São Paulo a negócio e reservou um breve tempo para almoçar comigo. Da Luz seguimos para o **Mercado Público** onde comemos um pastel de bacalhau e bebemos um bom chope. No início fiquei indeciso entre duas tradições da culinária popular do paulistano: pastel ou pão com mortadela. Mas acabei mesmo degustando o pastel de bacalhau.

- Admirável toda a arquitetura do mercado. O ambiente estava muito limpo, incluindo os banheiros. Destaque para o mezanino com uma ampla área de restaurantes. De cima os vitrais ficam ainda mais vistosos, bem como a parte da estrutura que envolve a sustentação do teto. Um ambiente para se ficar um bom tempo comendo pastel e tomando chope, jogando conversa fora.

- Na volta meu filho Thiago me mostrou, na Rua Mauá, a **Vila dos Ingleses** - uma propriedade privada com cerca de trinta sobrados, tombada pelo patrimônio histórico. Fiquei de voltar outro dia para almoçar em um pequeno restaurante que achei acolhedor.

- A visita ao **Museu de Arte Sacra** começa pelo lado de fora do prédio, ainda na Avenida Tiradentes. Um muro caiado, com telhas muito antigas como cobertura que acompanha uma construção muito linda que antigamente constituía o Mosteiro da Luz. Na entrada principal do complexo arquitetônico temos acesso ao museu e à **Capela de Frei Galvão**. Primeiro entrei na pequena capela que possui um altar-mor lindíssimo. Mais um pequeno ambiente para se ficar em paz. Apesar do grande número dessas pequenas capelas que visitei em São Paulo, tenho olhado a todas com muita admiração, porque possuem muitas artes de boa qualidade e oferecem um ambiente muito agradável. Afinal, o que é bom nunca é demais, mesmo para uma pessoa que não professa religião como é o meu caso.

- Saí da Capela de Frei Galvão e fui visitar o Museu de Arte Sacra. No jardim de entrada vejo diversas réplicas dos ‘Profetas’ de Aleijadinho. Depois, vejo que o museu possui algumas peças originais de autoria do grande escultor em seu acervo. Uma

maravilha. Ao lado dos ‘Profetas’ encontro um sino de bronze, datado de 1881. Como ele está em um pedestal de mais ou menos um metro e trinta centímetros, dá de observar todos os seus detalhes. Próximo dele encontro diversos outros sinos antigos, geralmente italianos. Uma oportunidade única ter um sino dessa qualidade estética bem defronte de nossa vista de forma a possibilitar analisar todos os seus detalhes.

- A coleção do museu começa com as tradicionais ‘Paulistinhas’ – peças sacras de pequeno porte que encontro em diversas mostras em São Paulo. Tinha até ‘Paulistinhas’ esculpidas em nó de pinho e marfim. Tudo muito singelo e gracioso.

- Quem visita o museu nunca pode esquecer de um detalhe muito importante: tem de ficar com um olho no acervo e outro no próprio prédio do antigo mosteiro. Em muitas oportunidades a própria arquitetura do lugar é a atração maior. É o caso de uma sala original onde, do piso ao teto, vê-se história, porque feitos de adobe, taipa de sopapo, pau-a-pique e taipa de pilão. Uma mistura de técnicas de construção antiga que é raro se encontrar, mesmo em São Paulo.

- Sou surpreendido por uma grandiosa exposição intitulada ‘O sagrado na arte moderna brasileira’, onde encontro obras de Victor Brecheret, Bruno Giorgi, Alfredo Volpi, Samson Flexor, Ernesto De Fiori, Candido Portinari, Tarsila do Amaral, Alberto Guignard, Anita Malfatti, Vicente do Rego Monteiro ... ou seja, todos os clássicos do mundo paulistano. Fiquei muito impressionado com a técnica de Samson Flexor. Admirável. Depois dessa minha incursão por São Paulo mudei muito meu olhar sobre as artes plásticas - e isso devo a gênios como Samson Flexor, Manabu Mabe e Lasar Segall.

- Depois de ver duas arandelas esculpidas por Aleijadinho resolvi sentar em um pequeno banco, próximo à janela, que me ofereceu uma linda vista para o pátio interno, onde uma pequena fonte me ofertava um som mavioso. Olhando a obra de Aleijadinho, ouvindo o suave som vindo da pequena fonte, fiquei em paz por um bom tempo anotando as minhas emoções e sensações no bloco de notas de viagem. Fui feliz ali.

- Saí do Museu de Arte Sacra e atravessei a Avenida Tiradentes em direção à **Estação Pinacoteca**. Em outras viagens, quando lia os prospectos, pensava tratar-se da Pinacoteca do Estado, mas era engano. A Estação Pinacoteca fica um pouco mais à frente, na Rua Mauá - Largo General Osório. Ali pude admirar uma mostra sem igual de Artur Lescher intitulada ‘Suspensão’ – contendo diversas formas metálicas suspensas por cabos de aço. Os efeitos, em perspectiva, me deixaram paralisado por um tempo na sala principal da mostra.

- A mostra do acervo fixo sobre os indígenas e suas maneiras de resistirem à colonização do homem branco me pareceu pobre em todos os sentidos, mas principalmente em termos de acervo. Já o **Memorial da Resistência** foi interessante por possibilitar a visita a um calabouço do tempo das ditaduras brasileiras [Getúlio e 64]. Ficou na lembrança uma frase interessante, pelo menos para quem é historiador, como é o meu caso: *‘Lembrar é resistir’*.

- Saí da Estação Pinacoteca e novamente tive a oportunidade de desfazer uma confusão visual que sempre fazia quando visitava a região. Sempre pensei que uma torre muito alta e bonita que se via de longe era a torre do prédio do Memorial da Resistência. Dessa vez, mais detalhista e curioso em ler as placas, acabei percebendo que existia um prédio antigo lindíssimo ao lado da Estação Pinacoteca que é a **Estação Júlio Prestes** – da Estrada de Ferro Sorocabana. Esse prédio abriga a **Sala São Paulo**, voltada para a música instrumental de modo geral.

- Como errei a entrada da Sala São Paulo acabei indo mais a frente, costeando as altas paredes da Estação Júlio Prestes, ouvindo música clássica de altíssima qualidade que vinha do interior desse edifício. Parei repentinamente ao perceber diante de mim, mas ainda com certa distância, uma multidão disforme. Pensei em alguma manifestação, mas, parei para pedir informação para uma policial, já que também estava procurando a entrada da Sala São Paulo. Recebi um choque brutal ao ser informado que aquela multidão era nada menos, nada mais, que a famosa **Cracolândia**. Eu estava escutando música clássica que saiam das paredes da Estação Júlio Prestes e de repente recebo um choque de realidade brasileira. Que cena dantesca. Que impacto.

- Em um grande terreno baldio milhares de pessoas paradas, conversando, se drogando... De imediato a policial me orientou a não fotografar de perto e ficar atento à aproximação de algum membro daquela insólita comunidade. Fiquei parado, perplexo, hipnotizado, golpeado, nocauteado, drogado, sequelado ... fiquei sem referência, fiquei aturdido. Há muito tempo não tinha experimentado vivência tão forte, tão significativa, tão impactante. Pareceu-me que tudo o que tinha visto até aquele momento - e foram muitos os momentos em que fiquei triste por perceber tantos seres humanos à margem da sociedade em situação de rua – não passou de uma preparação, de um ensaio, para adentrar na verdadeira realidade social de São Paulo.

- Sentindo-me sem chão, sem referência, voltei à Pinacoteca do Estado mas não entrei. Acabei me perdendo na estação do Metrô e voltei à Pinacoteca e sentei em um banco no seu jardim frontal. Precisava de tempo para colocar a cabeça no lugar.

- Na volta para casa notei uma falta na cena urbana de São Paulo. Nas outras vezes que visite a cidade encontrei muitas ‘tribos urbanas’ e dessa vez só encontrei pequenos grupos tribais no Parque do Ibirapuera - e eram grupos voltados à prática de esportes urbanos radicais como é o caso do skate. Onde estariam essas tribos? Teriam os bandeirantes novamente dizimado todas? A História se repetiu sem se constituir em uma farsa? Não. Não poderia ser isso. Então, persistia a ausência das tribos urbanas nas ruas da Grande São Paulo. Os solavancos do Metrô ajudavam a minha cabeça a ficar ainda mais confusa... até que pensei que muitos jovens que participavam dessas tribos de antigamente estão agora entre aqueles milhares de zumbis que frequentam a Nova Cracolândia. Seria razoável pensar isso? A droga transformou boa parcela dos tribalistas urbanos em zumbis? Meu Deus, que tragédia?!

- A visão da Nova Cracolândia e de seus zumbis foi para mim o mais radical mergulho na realidade urbana brasileira atual. Ver na TV não diz quase nada dessa realidade. A dimensão da tragédia humana está justamente em você ficar face-a-face, vis-a-vis, perceber os detalhes da feição desses zumbis, seus corpos deformados ... A imagem dos quinze mil desempregados buscando emprego no Vale do Anhangabaú me pareceu uma tragédia menor perto do que estava acontecendo, não muito longe dali, na Nova Cracolândia.

- Diante de duas grandes tragédias populares [droga e desemprego] onde estão as elites? Bem, no caso da Cracolândia e a Sala São Paulo tudo funciona dentro de uma convivência impressionante. Os drogados andam pelos passeios e praças enquanto a elite chega à Estação Júlio Prestes de carro que estaciona em espaço reservado, cercado e controlado por seguranças [humana e eletrônica]. A elite deleita-se escutando música de câmara de um lado da parede, enquanto uma massa disforme de zumbis naufraga na desumanidade escarrada da droga no outro lado da mesma parede. Eis a moeda, suas duas faces e seus muitos disfarces.

- Talvez a chave para entender um pouco o que acontece nas praças de São Paulo e na Cracolândia de forma mais intensa, esteja na frase que Milan Kundera escreveu no livro ‘A lentidão’: ‘... *quem se liberta do futuro nada tem a temer.*’



Nova Cracolândia de São Paulo ao lado da Estação Júlio Prestes

61 – No dia seguinte, ainda sob o impacto da visão imprevista da Cracolândia, fui assistir o musical ‘O fantasma da ópera’ no **Teatro Renault**. Quando o Fantasma cantou: ‘*Cantemos outra vez, em uma voz / Em meu poder estás, estreitos nós / Tu vais olhar pra trás, mas mesmo ali / O Fantasma da Ópera está, dentro de ti.*’ Pensei numa alegoria possível onde o Fantasma da Ópera era o *crack* ou qualquer outra droga. Sendo assim já não é possível procurar soluções fora do viciado, porque o problema está também dentro dele... “*O Fantasma ... está, dentro de ti.*”

- Primeiro destaque que dei foi para o ambiente do Teatro Renault. Passei por uma sensação incrível de estar frequentando o antigo Cine Teatro Paramount, depois palco dos grandes festivais da Record. É como se eu estivesse escutando Jair Rodrigues cantando ‘Disparada’ de Geraldo Vandré: ‘*Prepare seu coração, pras coisas que vou contar*’. Em segundo lugar, olhar com detalhe para a fachada do prédio e depois alguns detalhes de seu hall. Arquitetura preservada e muito bonita.

- A peça foi impactante sob todos os aspectos técnicos e artísticos. Uma produção de excelência absoluta. Gostei das vozes, figurino, cenário, orquestra, acústica, mas bem, por incrível que isso possa parecer, o que mais me chamou a atenção foi a absoluta perfeição da iluminação. O jogo de sombra e luz transformou o cenário rico e belo em algo extraordinário visualmente. Não faltava e nem sobrava luz. O jogo de sombra/luz deixou os diversos cenários como se fossem verdadeiras obras de arte clássicas.

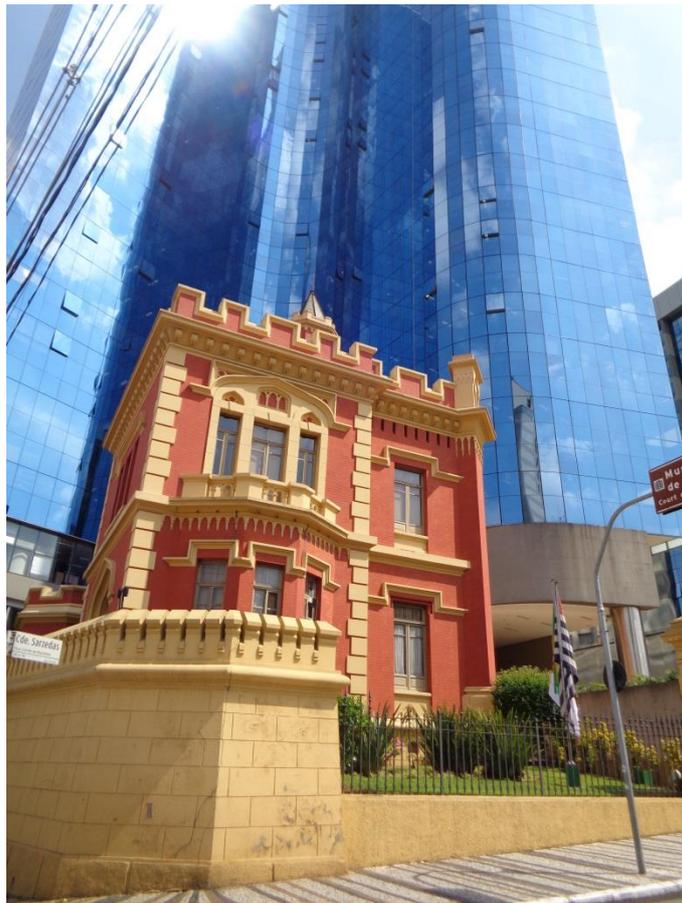


Intervalo da apresentação do Fantasma da Ópera – Teatro Renault – São Paulo

62 – No domingo, cheguei muito cedo ao Solar Fábio Prado para ver o Museu da Casa Brasileira e participar da Feira da Cozinha Brasileira. Ainda estava tudo fechado e aproveitei esse tempo para andar pela **Avenida Faria Lima** e seu entorno. Gostei de ver como o paulistano utiliza as ciclovias nos finais de semana. Na **Praça Luis Carlos Paraná** tinha um grande monumento dedicado às ‘musas’ e uma bateria de bicicletas de aluguel do Itaú [TEMBICI]. A ciclovia foi instalada no canteiro central da alameda, sendo que o trajeto é praticamente feito debaixo das sombras das árvores. Considerando que tem muito pouco carro circulando, podemos afirmar que o paulistano tem um ar bem puro aos domingos. É como se fosse outra cidade. Nos finais de semana e feriados o paulistano tem qualidade de vida.

- O **Solar Fábio Prado** é um casario antigo doado pela família Prado ao governo de São Paulo para ser transformado em um centro cultural em plena Avenida Faria Lima. A propriedade também conta com um belo jardim e um bosque por onde se pode passear entre a mata nativa. Abriga o Museu da Casa Brasileira [térreo] e o Museu da Família Prado [primeiro andar]. No térreo tem uma grande galeria que abriga exposições ocasionais. No domingo que visitei o Solar pude admirar uma exposição sobre a vida e a obra do arquiteto Ruy Ohtaque, responsável por obras de artes como o prédio do Hotel Unique e o novo edifício Conde de Sarzedas.

- Quando visitei o Museu do Tribunal de Justiça fiquei maravilhado com o contraste entre um casarão antigo – Palacete do Conde de Sarzedas - que abriga o Museu, e um grandioso prédio espelhado em azul na parte de trás deste. Agora, percebo melhor o trabalho de arte que foi realizado ali no local, com a preservação do Palacete e a construção do novo prédio para abrigar a sede do Tribunal de Justiça. Sensacional.



O antigo e o novo em convivência pacífica através da arte e preservação histórica.

- No **Museu da Casa Brasileira** fiquei chocado e revoltado com as imagens da derrubada da Mata Atlântica pelos pioneiros paulistas. Mas, contraditoriamente, fiquei maravilhado com os móveis coloniais da seção seguinte. Uma coleção de cadeiras apresenta de forma prática a evolução do conceito desse objeto tão comum em nossas vidas. Tem exemplares que vai do estilo colonial ao contemporâneo. O visitante menos atento dificilmente vai fazer essa ligação entre a derrubada da mata e a confecção dos lindos móveis coloniais que tanto nos encanta e que tanto desejamos. Então, fica essa questão mal resolvida ao longo dos séculos: precisamos da madeira, mas não queremos derrubar as matas. De minha parte considero que o bom senso, como sempre, contém a resposta para esse enigma secular. Mas como pedir bom senso a homens que só veem dinheiro e lucro à sua frente?

- Passei em seguida para o pátio interno do Solar para visitar o bosque e a **Feira da Cozinha Brasileira**. O bosque é algo incrível, porque está incrustado em plena selva de pedra paulistana. Obviamente que o usuário desse espaço verde paga seu tributo à metrópole. No caso, poderá respirar ar puro, aproveitar a sombra de grandes árvores e até ouvir o canto de um sabiá; mas não poderá deixar de ouvir o barulho dos aviões sobre sua cabeça. Quando estava passeando pelo bosque lembrei da música ‘Tropicália’ de Caetano Veloso que diz: ‘*Sobre a cabeça os aviões ...*’ e saí cantando baixinho por entre as árvores ‘*Viva a bossa, sa, sa / Viva a palhoça, ça, ça, ça, ça, ça.*’

- No bosque, debaixo das árvores, algumas famílias estendiam suas toalhas sobre as folhas secas caídas das árvores antigas e faziam seus piqueniques. O local, com o Solar servindo de fundo, me proporcionava uma imagem próxima da Paris do século passado. Não sei exatamente porque minha mente passou a me apresentar lampejos de telas de pintores franceses que usaram a temática de piqueniques em seus trabalhos. Alguns contrastes de sombra e luz projetados no chão, proporcionados pela entrada de um pouco de luz do sol entre as galhadas das árvores, me fez lembrar dos jardins de Monet.

- No jardim interno do Solar visitei as dezenas de barraquinhas da Feira de culinária. Tinha de tudo um pouco – de vinho a queijos, de pão caseiro a licores. Fico admirado como os paulistanos têm verdadeira paixão em comprar. Eles estão o tempo todo querendo consumir. É um jeito de ser, uma identidade cultural.



Jardim e bosque do Solar Fábio Prado em dia de feira cultural

- Em determinado momento observei que um senhor de idade bem avançada estava sentado a uma mesa mais afastada do centro das barracas, anotando alguma coisa em um caderno escolar. Cheguei, sentei à sua frente, e abri conversa perguntando se ele era escritor ou jornalista. Ele então dispôs, espontaneamente, em contar sua trajetória de vida. Foi fotógrafo da noite paulistana e agora estava fazendo anotações de suas impressões para escrever um livro que intitului de ‘Como fiquei pobre tendo 1001 ideias’. Quando cheguei em casa olhei com mais atenção ao seu cartão de apresentação que continha uma frase bem emblemática: *‘O que não tem solução, já está resolvido!’*. Coincidentemente, um lema que minha esposa sempre usou no seu trabalho terapêutico com seus pacientes.

63 - Utilizei o dia inteiro para refazer algumas anotações do roteiro cultural do Centro Histórico de São Paulo. Tinha muitas dúvidas e resolvi voltar ao local para esclarecê-las e, ao mesmo tempo, voltar a alguns lugares que estavam fechados quando lá estive pela primeira vez. Como tudo fica relativamente perto, resolvi desembarcar na estação São Bento.

- A estação São Bento está embaixo do tradicional **Café Girondino**, uma verdadeira lenda na culinária de São Paulo. Tomei um café, observando seu ambiente interno e arquitetura, depois segui em frente tentando fazer um roteiro diferente daquele que fiz na semana anterior. Peguei a Rua Florêncio de Abreu, com seus prédios muito antigos, e lá encontrei a **Casa da Boia** – uma casa comercial especializada em materiais hidráulicos para residências fundada há 120 anos pelo imigrante sírio Rizkallah Jorge Tahan. Os herdeiros mantem até hoje uma verdadeira loja-museu. Também fiquei interessado na loja por conta do nome Rizkallah já que em Itajaí temos uma família com o sobrenome Rizkallah – o patriarca Nelson Riskallah foi engenheiro da Prefeitura de Itajaí nos governos Júlio César e Amilcar Gazaniga.

- Continuei descendo a rua, passando pelo **Sesc Florêncio de Abreu**, saindo direto nas avenidas Mauá e Tiradentes que dão acesso à estação da Luz, Museu da Arte Sacra, Pinacoteca, Estação Pinacoteca, Estação Júlio Prestes...

- Voltei pela Avenida Tiradentes até um trecho, entrei à esquerda e cai direto na ‘boca do inferno’ - a Rua 25 de Março. Subi pela General Carneiro e cheguei rapidamente ao Pátio do Colégio, onde temos acesso ao Museu Anchieta, Casa Número Um – Casa da Imagem de São Paulo, Solar da Marquesa de Santos Retornei pelas ruas que dão

acesso ao Centro Cultural do Banco do Brasil indo em direção à Praça da Sé. Na Praça do Patriarca vejo diversas igrejas e a Faculdade de Direito. Sigo em frente, vendo o **Edifício Matarazzo, Viaduto do Chá** e o Vale do Anhangabaú. Desço uma parte pela Rua São Bento e no entorno vejo o centro financeiro de São Paulo com prédios de grandes instituições bancárias, como a **Bolsa de Mercadorias & Futuros** e **Bovespa**.

- Pegue a Avenida São João com seus edifícios antigos e chego à **Praça das Artes e Sala do Conservatório Dramático e Musical**. Um espaço gigantesco, aberto, em plena Avenida São João. Muitas manifestações artísticas no setor de dança e música. Em seguida chego à **Galeria do Rock** – um edifício para todas as tribos urbanas. Comprei uma camiseta do Pink Floyd – The Wall – e lembrei do meu amigo Osmar Schroeder que gosta muito de música, bem como do meu irmão Pedro Floriano – colecionador de discos de vinil.

- Volto à Galeria Olinda para ver o **Centro de Memória do Circo**. Tem referência a circos que passaram pela minha vida como: Garcia, Tihany, Orfei e Queirolo; bem como seus palhaços: Piolin, Carequinha, Oscarito, Picolino A maquete de montagem de um circo me fez lembrar dos circos que eram instalados no terreno de nossa propriedade na Rua João Bauer. Lembro do cepilho, dos animais, da lona Visitar o Museu do Circo foi voltar no tempo de infância. Coincidentemente, ao retornar a Itajaí, percebo a montagem do Circo Vostok, em terreno na Avenida Adolpho Konder. Passado e presente ficaram embaralhados em minha mente.

- Cheguei a um ponto da cidade que queria conhecer muito: a **esquina das avenidas São João e Ipiranga**. Lembrei com emoção de ‘Sampa’ de Caetano Veloso: *‘Alguma coisa acontece no meu coração / que só quando cruza a Ipiranga e Avenida São João’*. Vejo e admiro o **Edifício Copan** e, também, o **Edifício Itália** e seu mirante que descortina São Paulo aos olhos de turistas do mundo todo. Ali, mais uma vez, uma pessoa perguntou se eu era português. Dessa vez, carreguei no sotaque papa-siri e respondi afirmativamente. Passei por turista português. Os paulistanos confundem meu sotaque papa-siri como se fosse português continental, enquanto os curitibanos sempre identificavam o meu sotaque como sendo do litoral catarinense. Essa é a terceira vez que passei por português aqui em São Paulo. Se quisesse mesmo confundir todo mundo era só mudar um ponto no meu modo de falar. No lugar de falar ‘Estou pensando’ falo ‘Estou a falar’. Ponto. Sou português em Sampa, ora, pois, pois! Na universidade muitos alunos meus vindos do Oeste Catarinense e de outros pontos do Brasil na curiosidade perguntavam se eu tinha origem portuguesa. Meu jeitinho açoriano deixava

eles confusos. Pelo jeito, a minha ‘açoreanidade’ tem presença forte no meu modo de falar. Eu não noto a diferença, mas dizem que eu canto quando falo.

- Entro na **Igreja de Nossa Senhora da Consolação**. Uma das igrejas com um dos frontais mais lindo que já vi. Por dentro ela tem um tom de verde escuro maravilhoso. A igreja fica bastante escura, mas propícia, para quem quer sair da algazarra da cidade grande, entrando em uma gruta espiritual. A igreja me impressionou por tudo, inclusive por um pequeno altar ao lado do altar-mor. Uma igreja diferente de tudo que vi até aquele momento em São Paulo. Vale a pena o turista visita-la, apesar dela não constar em nenhum catálogo turístico importante.

- Se o turista for bom de perna, ele consegue ver todas as atrações do Centro Histórico de São Paulo em três dias, com calma e realmente aproveitando o passeio.

64 – Todo mundo sabe quem inventou o avião, o xerox, a lâmina de barbear, a máquina de escrever... mas ninguém sequer pergunta quem inventou a seta indicativa. Isso mesmo: a seta. Se não fosse a seta indicativa São Paulo estaria mergulhada em um caos total. As estações do Metrô recebem milhares de pessoas por hora e todas seguem apressadamente aos seus destinos orientados exclusivamente por setas indicativas. Milhares de pessoas seguindo setas. Mas, afinal, quem inventou essa coisa extraordinária que nos priva do caos?

65 – Quando comecei minha incursão cultural por São Paulo achava ridícula aquela gente que passava no lado esquerda da escada rolante correndo. Passadas duas semanas, comecei a perceber que essa gente estava fazendo certo, fazendo atividade física indo para o trabalho ou em pleno exercício profissional. Falo isso porque nota-se o número expressivo de obesos na população paulista. Uma verdadeira epidemia.

66 – Em Moema, Vila Olímpia, Cidade Universitária, Pinheiros, Butantã ... não encontrei número expressivo de moradores de rua. Parece que São Paulo concentrou os moradores de rua no Centro Histórico da Cidade. Por quê? Porque a ‘Tribo da Nóia’ – expressão utilizada por um segurança em conversa que mantivemos na Avenida São João - está residindo nas ruas do Centro Histórico. Percebo a presença de homens, mulheres ... todos jovens e de meia-idade, mas não encontro pessoas de mais idade, pelo óbvio, porque a droga forte, como é o caso do *crack*, cobra parte do seu valor em tempo de vida. No que tem de preço mais acessível cobra a diferença tirando dos seus usuários

tempo, como se estivesse em curso um acordo, agora adaptado para o coletivo, copiado do original assinado entre Fausto e Mefistófeles.

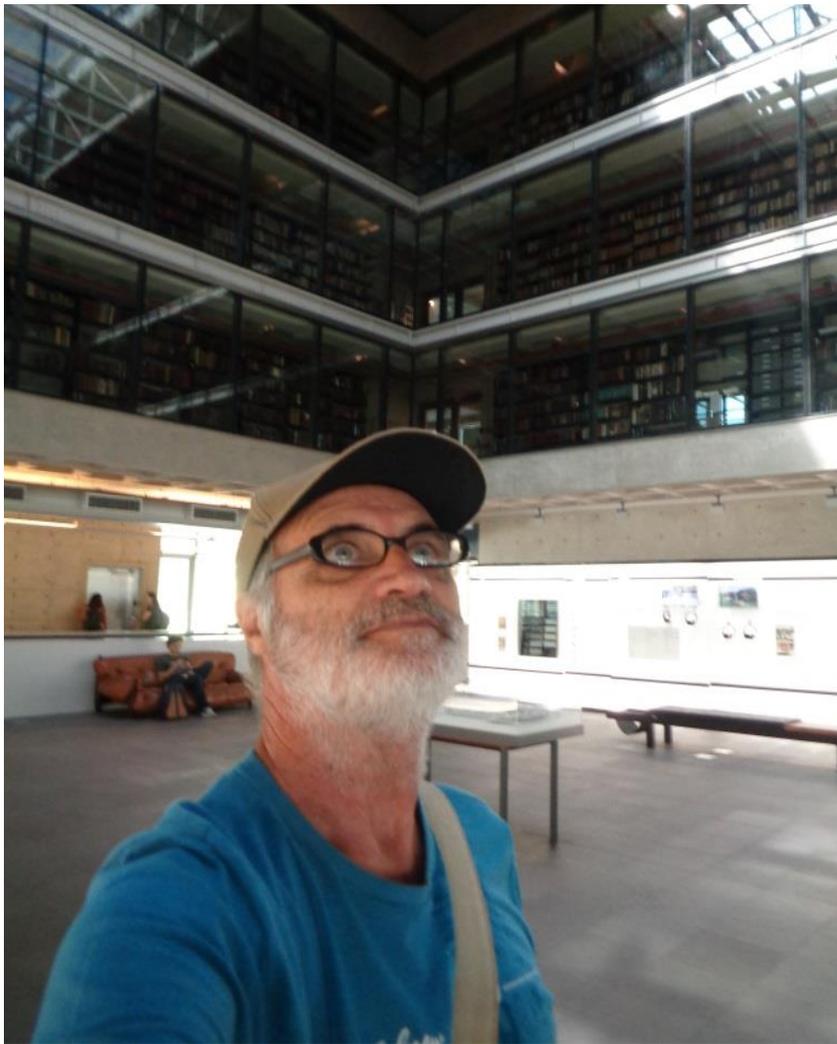
67 – No Metrô, indo para a **Cidade Universitária da USP**, fiquei lembrando da vez que estive na USP para ver os laboratórios da ECA – Escola de Comunicação e Artes – quando estava montando o Curso de Graduação em Jornalismo da Univali. E, depois, quando voltei para contratar professores da ECA para ministrarem aulas no Curso de Pós-graduação que montei na Univali, justamente para formar professores para o curso de graduação. Lá se vão mais de vinte anos. Também lembrei das visitas à ECA para ouvir ideias de professores sobre a criação da rádio e televisão educativa na Univali.

– Chorar pode? Chorei ao ver a **Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin**, bem como a história desse casal que amou como poucos o livro. É muito emocionante, pelo menos para um colecionador de livros como eu, vê-se cercado de livros antigos por todos os lados.

- Gostei muito de saber a história sobre a escolha do lema para incluir no ‘ex-libris’ de José Mindlin. É uma frase adaptada de Montaigne ‘Le ne fay rien sans gayeté’ – ‘Não faço nada sem alegria’. Também gostei muito de ouvir seu depoimento sobre como formou a biblioteca junto com a esposa Guita quando lembra de Bachelard ao afirmar que ‘O paraíso deveria ser uma grande biblioteca’. Penso assim também. Não faço nada sem alegria, sem paixão e, o paraíso, realmente deve ser uma grande biblioteca.

- O mais emocionante da Brasileira é que o acervo, que tem valores financeiro e histórico incalculáveis, foi doado à USP, ao povo do Brasil. Um patrimônio particular de grande monta passa ao público e é colocado à disposição do público. Não tenho palavras para dizer o quanto o Brasil deve ser grato a este casal. Visitando a Brasileira renovei meu entusiasmo pela coleção de livros antigos de Itajaí e Vale do Itajaí que mantenho à décadas. Retomarei a compra em leilões na internet para reforçar o meu acervo que já chega a mil exemplares. Deve ser, com certeza, a maior biblioteca particular sobre Itajaí. A biblioteca do Arquivo Público e da Biblioteca Pública Silveira Júnior, também não possuem acervos temáticos [sobre Itajaí] com esse número de exemplares. Mas, devo ir em frente, com certeza, agora inspirado em Guita e José Mindlin.

- No subsolo do prédio da Biblioteca Brasileira vi uma exposição de livros antigos sobre a ‘Viagem de Spix e Martius pelo Brasil’. Como sempre, fiquei muito emocionado - o que sempre acontece quando estou diante de livros raros.



Magru Floriano contemplando a Biblioteca Brasileira.

- No **Espaço das Artes da ECA** vi a mostra ‘Sons de silício – luteria experimental’. Mostra de um monte de invenções mirabolantes que tentam tirar sons através da eletricidade e outros tipos de energias. Lembrei do artista João Silvestre, que fez muitos experimentos de luteria, tentando tirar sons diversos de peças que elaborava em seu ateliê montado na Casa da Cultura e depois na Rua 13 de Maio.
- Próximo dali vi um **Relógio de Sol** que, ao contrário daqueles que vi em Santa Catarina, feitos por Félix Peyrallo Cabajal, marcava as horas no chão da praça. Tinha uma marcação na calçada da praça e a hora batia exatamente com a hora do meu relógio digital. Parece que o relógio foi idealizado por um tal de Boczko mas na internet tem informações conflitantes sobre o assunto. Fiquei muito interessado por esse relógio de sol justamente porque eu e Carlos Guerios promovemos uma pesquisa sobre os relógios feitos por Cabajal em Itajaí, Balneário Camboriú e Gaspar.
- Haviam me indicado uma visita à **Casa da Cultura Japonesa**. Chegando no prédio a recepcionista comunicou secamente que ali não havia nenhum tipo de mostra ou exposição sobre a Cultura Japonesa, abrigando apenas o Centro de Línguas Estrangeiras da USP. Uma decepção total. Mas, depois, dando corda ao cérebro, acabei percebendo que ocorreram informações cruzadas de forma a compor uma confusão entre a Casa da Cultura Japonesa e a Japan House, na Avenida Paulista. O cérebro humano mistura tudo e depois comete pecados desse tipo.
- Em compensação, passei pelo portão do **Instituto Butantã** e pensei sinceramente em passar reto, sem entrar. Pareceu-me que não dava acesso a visitantes. De qualquer forma, como sempre faço, resolvi perguntar ao segurança se tinha algo para ser visto lá dentro e, surpresa, tinha diversos museus e prédios antigos. Um espaço gigantesco contendo o **Museu Histórico, Museu de Microbiologia, Casa Vital Brazil, Casa Afrânio do Amaral, Museu Biológico**.
- Fiquei muito entusiasmado e estimulado intelectualmente de ver aqueles aparelhos do início da ciência biomédica no Brasil. O maior mérito dessa gente, na minha avaliação, foi o combate aos falsos remédios. Quem lê os jornais antigos de Itajaí pode constatar isso rapidamente. Anúncios de páginas inteiras tentando vender remédios cuja eficácia era duvidosa.



Instituto Butantã

- Quando pensei em sair do Instituto deparei-me com uma linda trilha por entre uma mata fechada de palmeiras, como se fosse uma gravura de Debret ou Rugendas. Busco seu portão de entrada e um funcionário me afirma que '*Aqui não tem nada*' é só um caminho dos funcionários. Como eu estava vendo diante de mim um caminho lindíssimo e o horto do Instituto, fiquei pensando comigo mesmo: o cotidiano matou o olhar desse funcionário, ele não consegue mais ver que está diante de algo belo e especial.

- Um olhar [pode ser um olhar fenomenológico?] me leva a dar importância aos paralelepípedos pisados por Vital Brazil, as aranhas gigantes penduras nas palmeiras, o jogo de sombra e luz das árvores, uma folha que cai ... e o ar puro do bosque que mais salvou vidas de brasileiros.

- No **Núcleo de História da USP** fiquei olhando por um tempo os alunos frequentando o Centro de Apoio à Pesquisa em História Sergio Buarque de Holanda. O prédio reúne alunos de História e Geografia. Sérgio é cultuado no lado dos Historiadores; Milton Santos, no lado dos geógrafos. Li esses dois autores e os considero meus mestres, mentores. Muito do que penso sobre o Brasil tem formação em suas obras. Cheguei a conhecer Milton Santos, porque ele esteve na Univali à época em que trabalhava na reitoria. Tudo isso vinha à superfície de minha mente enquanto contemplava o ambiente estudantil. A imagem de alunos sentados na escada se misturava às páginas do livro '*O homem cordial*' e, também, as imagens de Milton Santos na Reitoria da Univali.

- Quando estava descendo a rampa de um dos edifícios do Centro a minha mente entrou em total parafuso ao ler diversos cartazes do movimento estudantil. Uns com palavras de ordem contra a ditadura – lembrei imediatamente que naquela semana ocorreu o '*Golpe de 64*' – e outros, cantando loas aos regimes de Cuba, Burkina Faso e Coreia do Norte. De um lado cartazes berrando '*Ditadura nunca mais. A educação é a nossa arma*', de outro, '*Viva as revoluções*' incentivando os alunos a frequentarem grupos de debates e palestras sobre os regimes revolucionários de esquerda. Fiquei com a impressão de que os cartazes eram feitos com os mesmos materiais e alguns, possuíam caligrafias idênticas. Isso me levou a cogitar da possibilidade deles terem a mesma autoria. Sendo assim, um jovem que escreveu '*Ditadura nunca mais*' também escreveu '*Viva as revoluções*' aprovando os regimes ditatoriais de Cuba e Coreia do Norte. Complicado em se tratando de aluno de História.



Monumento na rótula de acesso ao Campus Central da USP.

- Nunca andei tanto como andei na USP. Um campus arborizado e agradável para se andar e pensar em cultura. Vale entrar em todos os blocos só para ver a lógica dos alunos de cada faculdade. Tipos, lutas do movimento estudantil. Assim que comecei a andar pelo campus deparei-me com duas torres gigantescas contendo um relógio. Considerei um absurdo o governo gastar tanto dinheiro para construir uma torre daquele tamanho com um relógio no topo. Depois, quando mais afastado do Portão Um, comecei a usar aquelas torres como referência visual e já não me sentia perdido na Cidade Universitária, estivesse onde estivesse. As torres do relógio eram meu Farol de Alexandria.

68 – O **Circular Turismo** promove um *tour* pela cidade saindo da Praça da República, ao lado do prédio da Secretaria da Educação. O preço do ingresso é de quarenta reais e dá direito a entrada franca em sete instituições: MAM, Instituto Catavento, Museu Afro Brasil, Museu do Futebol, Pinacoteca do Estado, Estação Pinacoteca, Museu da Arte Sacra. Tem ônibus a cada uma hora, iniciando as nove horas da manhã. Eu não recomendo esse passeio para quem já conhece um pouco São Paulo e consegue se locomover sozinho por ela. Mas é um recurso muito interessante para quem visita a cidade pela primeira vez ou tem pouca intimidade com o labirinto do Metrô.

- Usei o serviço mais por curiosidade e fui até o Museu do Futebol no Pacaembu. O ônibus passou pelos edifícios Copan – símbolo da arquitetura moderna de Oscar Niemeyer – e Itália, cujo terraço já visitamos. Passa pela Igreja da Consolação, Instituto Clemente Ferreira, Chácara Lane, Escola de Magistratura, Cemitério da Consolação e dá uma boa vista dos grafites do artista Rui Amaral nas paredes dos viadutos. Passa ainda pelo Instituto do Câncer e Cemitério do Araçá.

- O **Museu do Futebol** está instalado debaixo das arquibancadas do **Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho**, mais conhecido como **Estádio do Pacaembu**. É um estádio relativamente pequeno, considerando as proporções de São Paulo e seus times de futebol. O Museu não tem acervo significativo e se presta mais como um memorial do futebol. Ali o visitante poderá entrar em cabines individuais e escolher ouvir transmissões de rádios ou televisão, também podendo escolher o jogo e seu narrador. Pode chegar ao campo utilizando a mesma escadaria de acesso que os jogadores utilizavam. De acervo somente uma meia dúzia de bolas e chuteiras. É um espaço para liberar a emoção do torcedor. Um museu sem acervo.

- Relembrei muita coisa da minha infância quando passei por um expositor intitulado '*Tudo é bola*', mostrando que as crianças do Brasil servem-se de qualquer objeto para fazer uma bola com o objetivo de jogar a pelada. Vi bolas feitas de jornal com barbante, meia e cabeça de boneca velha. Lembrei também do Jules Soto e seu Museu do Futebol - que montou em Porto Belo muito recentemente. O Jules tem um acervo admirável e quem conhece os dois museus [Porto Belo e São Paulo] obviamente fica com o museu catarinense. Na verdade, a instituição paulista é mais um memorial voltado ao futebol e tenta mexer mais diretamente com a emoção de quem entra em um estádio de futebol.

- Aproveitei que estava próximo e fui a pé até a **FAAP – Fundação Armando Alvares Penteado** ver o **MAB - Museu da Arte Brasileira**. Na entrada o prédio da escola apresenta um jardim contendo diversas esculturas modernistas, incluindo três obras de Bruno Giorgi. Uma dessas obras é feita em mármore carrara, no mesmo estilo da obra que tem em Brasília que o consagrou para o mundo.

- No hall de entrada da Fundação encontramos cópias em tamanho original dos profetas do Aleijadinho e três portais gigantescos da arte colonial brasileira. As duas escadas são iluminadas, a exemplo do que vimos na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, com uma enorme bateria de vitrais reproduzindo os grandes artistas modernos e contemporâneos. Na sala à direita pude apreciar uma mostra de artistas contemporâneos, enquanto na sala à esquerda tive a oportunidade de apreciar uma mostra incrível intitulada '*São Francisco na arte de mestres italianos*'. Interessante perceber que todos os artistas da mostra, com obras entre o século XV e XVIII, não dão destaque à relação de São Francisco com os animais. A temática está mais voltada para os '*estigmas*' e '*conversas sagradas*'. Fiquei sem saber o que pensar e me propus, mais para a frente, dar uma pesquisada sobre o assunto. De qualquer maneira ficou a impressão de que São Francisco de Assis foi reinventado, remasterizado, no filme '*Irmão Sol, irmã Lua*' de Franco Zeffirelli, na década de 1970.

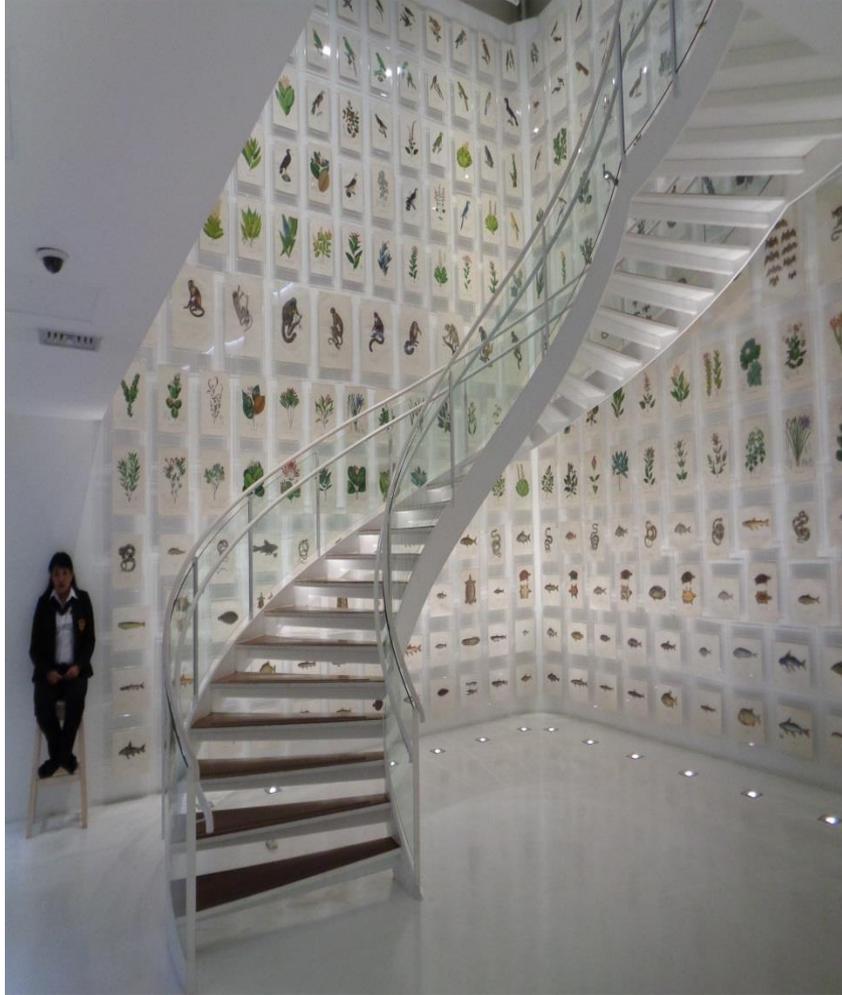
- Retornei com o Circular Turismo e descii na Avenida Paulista próximo ao MASP. Andei pela Paulista vendo alguns prédios antigos como o **Teatro Gazeta**, **Grupo Escolar Rodrigo Alves** e **Instituto Pasteur**... nada demais que justificasse indicar a um turista.

- Entrei no **Centro Cultural Itaú** e visitei a mostra '*Ocupação Manoel de Barros*'. Enquanto a visita à Biblioteca Brasileira teve a capacidade de renovar meu amor pelos livros, a visita à mostra em homenagem ao poeta Manoel de Barros me renovou os votos com a poesia do caderno e lápis. Desde o primeiro momento a minha identidade

com Manoel de Barros foi absoluta e irrestrita, chegando ao seu apogeu quando ouvi um vídeo em que falava que dava mais importância a um inseto do que a um avião. Manoel de Barros é um poeta constituído de papel e lápis, como eu, Bento Nascimento e tantos outros por esse Brasil afora. Apaixonante.

- Visitei a mostra ‘Consciência cibernética [?] Horizonte Quântico’ onde tive a oportunidade de ver um *robot* tocando piano e outras engenhocas misturando arte e eletrônica. Considerando a mostra que vi na ECA-USP e outras manifestações artísticas que vi nas diversas sedes do SESC espalhadas pela cidade, começo a perceber que há uma tendência para fundir eletrônica com arte. De tudo até aqui que vi, sinceramente, não destaco um resultado estético que valesse a pena ser visto e admirado. Mas as artes servem para isso mesmo: abrir caminhos por entre o desconhecido.

- Tive acesso a duas galerias com a mostra ‘Coleção Brasileira Itaú’. No meu entendimento a melhor concepção museológica até agora que encontrei em São Paulo. Um acervo de gravuras, livros raros e moedas antigas brasileiras de extraordinário valor financeiro e histórico, disposto de uma forma muito acessível à vista e às sensibilidades do visitante. As gravuras gigantes, as moedas raras, os livros impactante. Lembrei dos meus amigos colecionadores de moedas brasileiras: Carlos Guerios, Jules Soto, Felix Reichert e Fernando Delatorre. Fiquei imaginando eles tendo em mãos uma moeda cunhada pelo império português exclusivamente para o Maranhão ao tempo que não integrava o território brasileiro. [obs: a concepção museológica de Lina Bo Barbi no MASP é *hours concours*].



Decoração interna do Centro Cultural Itaú

- Visitei o **SESC da Avenida Paulista** e seu **Café-Terraço**. Gostei muito do ambiente. Mais descontraído, frequentado por jovens artistas. A instituição tem espaços para as artes visuais em quatro andares do edifício. A tendência por ali é arte contemporânea, o que significa dizer, uma mistura de imagem eletrônica, sons e grafismo. Uma tendência que percebi mais destacadamente nos espaços administrados pela FIESP. Em todos os locais de cultura do sistema FIESP a tônica artística é o contemporâneo. Essa tendência é transferida para as unidades do Sistema Três Esses [Senai, Senac, Sesc] de todo o Brasil, incluindo Itajaí. Por não conhecerem todo o circuito das artes plásticas do Brasil, nossos artistas ficam na obrigação de seguirem a tendência desse sistema, conferindo uma ótica única e ditatorial às artes locais.

- Em seguida visitei a **Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura**. Um ambiente maravilhoso que lembra a Paris dos cafés. O casario antigo, cercado de jardins floridos, é cenário para um bom ponto de conversa sobre poesia contemporânea saboreando um excelente café com bolo de fubá.

- Ali na Casa das Rosas entrei em contato com o projeto '*Livros Livres*' onde os visitantes deixam e pegam livros que são considerados '*libertos de seus donos*'. Eu peguei um exemplar da '*A dialética da duração*' de Gaston Bachelard e deixei o meu livro de poesias '*Fogo-fátuo*'.



Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura.

- Saindo da Casa das Rosas deparei-me novamente frente a frente com o painel gigantesco do Kobra. O retrato de um homem pintado na parede de um edifício. Já tinha me impressionado com a arte do Kobra na Avenida Tiradentes e agora fico impressionado com esse painel que dá vista para a Avenida Paulista. Gigantescamente maravilhoso.

- Visitei em seguida a **Japan House** que me apresentou um pouco da cultura japonesa e uma mostra intitulada 'Arquitetura para cães'.

- Um ponto importante da cultura paulista é o café. **Os cafés** constituem, como na Europa, espaços de sociabilidades. Gostei de diversos cafés que frequentei quando das visitas às instituições culturais. Todas as instituições possuem bons cafés, é uma tradição paulista. Mas, na minha avaliação, o melhor ambiente que encontrei foi o café no jardim da Casa das Rosas. Você está em plena Avenida Paulista, em um jardim/bosque lindíssimo, à sombra de árvores antigas, degustando um excelente café não tem preço.



Painel assinado por Kobra com vista para a Avenida Paulista.

69 – Retornando para casa utilizando o Metrô entendi de forma prática porque o paulistano quase não lê no Metrô. Acontece que eu peguei o Metrô da linha verde na estação Brigadeiro, puxei o livro do Gaston Bachelard para ler e.... bem, quando vi estava na estação final de Vila Prudente, oito estações além da que deveria parar. O livro é incompatível com o Metrô, porque aqui tudo é muito rápido e não nos dá tempo para vacilo. O livro nos abre a porta da imaginação e nos remete para outro lugar que não a realidade do vagão. Quando você está lendo fica no limbo entre a realidade do vagão e a floresta encantada das palavras. Isso não dá certo em se tratando de cotidiano em uma grande metrópole.

70 – Quando se anda por São Paulo nem é preciso procurar por atrações culturais porque São Paulo é arte. No setor de teatro e música, que frequentei menos nessa minha estada, a oferta é gritante. O Sesc, por exemplo, chega a editar uma revista de 116 páginas contendo a programação mensal – sendo composta majoritariamente por música e encenações. Um visitante pode ficar vinte e quatro horas por dia, de segunda a domingo, vendo atrações culturais - a maioria gratuita. Teatro e música, contudo, acordam pra valer depois das seis da tarde, até esse horário o casal é sonolento.

71 – Desci na estação Clínicas, da linha verde do Metrô, e fiquei de frente para o portão principal do **Cemitério do Araçá**. O primeiro mausoléu que me chama atenção é da Família Haddad – por sua beleza e, também, por ser a família do candidato pelo PT na eleição presidencial de 2018 [Fernando Haddad]. Destaco a beleza de uma capela antiga, mausoléus de famílias em quantidade a se perder de vista, lindíssimas obras de arte em mármore e bronze ... O cemitério é totalmente arborizado e tem uma atmosfera de museu a céu aberto.

- No entorno do cemitério, na Avenida Doutor Arnaldo, diversas bancas que comercializam flores tomam a calçada dos pedestres, o que é muito comum em São Paulo - que não quer saber dos pedestres. Em uma dessas bancas um florista colocou a seguinte mensagem: *‘Dê flores para os vivos’*. Logo em seguida que li essa mensagem olhei para o outro lado da avenida e, no **Cemitério Redentor**, li uma grande placa afirmando: *‘Sepulturas disponíveis’*. Nisso concluí rapidamente que os cemitérios são feitos para os mortos, mas os comerciantes estão de olho é no dinheiro dos vivos.



Cemitério do Araçá – museu e galeria de arte a céu aberto.

- Ao lado do Cemitério do Araçá tem o **Cemitério da Irmandade do Santíssimo**. Apesar do portão estar fechado, consegui ver que ele também contém muitas obras de arte interessantes. Para quem gosta de esculturas e monumentos, os cemitérios antigos de São Paulo são visitas obrigatórias. Muita arte de artistas italianos e de brasileiros renomados justifica uma visita mais demorada nesses locais.

- Em seguida visitei o **Museu Casa Guilherme de Almeida**. No meu entendimento uma das casas mais preservadas de personagens históricos de São Paulo. Contém acervo maravilhoso. Muita pouca gente visita o museu porque ele está escondido atrás do Cemitério do Araçá e não consta da maioria dos mapas turísticos da cidade. Algo inacreditável, considerando o valor do acervo. Particularmente gostei muito da sua biblioteca particular e da pequena coleção de obras de arte dos amigos modernistas como Di Cavalcanti, Lasar Segall, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Brecheret. Mas a joia da coroa é sem dúvida alguma o pequeno sótão onde o escritor se isolava do mundo para escrever – bem perto do céu.

- Vale notar que ao entrar na Casa Guilherme de Almeida o visitante facilmente se identifica com o ambiente e com o seu antigo proprietário. Há uma identidade entre casa-artista-visitante. Falo isso, porque não senti essa identidade quando da visita do casario que abriga o Espaço Haroldo de Campos – Casa das Rosas – na Avenida Paulista. Falei isso para a museóloga que estava me guiando na Casa Guilherme de Almeida e ela explicou que são concepções diferentes e por isso temos atmosferas diferentes nesses dois locais. A Casa da Rosa não foi residência de Haroldo de Campos, enquanto a casa que estava visitando foi por muito tempo residência de Guilherme de Almeida.

- Como a minha guia era museóloga aproveitei para perguntar sobre a proposta do Museu do Futebol – que me frustrou por não ter um bom acervo sobre o tema. Ela explicou que o museu tinha como proposta resgatar a emoção que envolve o futebol – seu patrimônio não-material. Por isso o nome correto do museu deveria ser '*Museu da Paixão pelo Futebol*' ou algo desse gênero. Dessa forma compreendi um pouco melhor a proposta museológica apresentada no Estádio do Pacaembu. Fiquei um pouco menos frustrado. Mas ainda permanecia com a ideia de que aquele espaço deveria se intitular de Memorial do Futebol.



Casa do poeta Guilherme de Almeida.

- Em seguida, na Avenida Paulista, visitei o **Instituto Miguel de Cervantes**, onde nada encontrei de artes, por tratar-se de uma escola de língua espanhola com uma pequena galeria onde estavam expostos cartazes espanhóis. Não justifica uma visita.
- No outro lado da avenida visitei o **Instituto Moreira Salles**, onde encontrei uma proposta arquitetônica que faz uma boa pegadinha com os visitantes. Acontece que suas duas escadas rolantes levam seus usuários do piso térreo diretamente para o quinto andar, isso mesmo, quinto andar. Tem mais, na volta, não adianta você pegar o elevador entre o quarto e o primeiro andares, porque você terá de voltar ao quinto andar para pegar as escadas rolantes para sair do prédio. Confusão total.
- Ali pude admirar uma mostra extraordinária do pioneiro da fotografia e cinema brasileiros Marc Ferrez intitulada ‘Marc Ferrez: território e imagem’. Estavam à mostra aquelas antigas técnicas da arte fotográfica, como negativos em placas de vidro, com prata e gelatina. Destaque para diversos álbuns fotográficos elaborados por Marc Ferrez – lindíssimos. Para quem tem o hobby de colecionar cartões postais, como é o meu caso, o local é simplesmente indescritível.
- Quase ao lado do instituto visitei a **Igreja São Luiz Gonzaga**. Todas as igrejas de São Paulo têm sua própria personalidade e, por isso mesmo, devem ser visitadas pelo admirador de arte. Essa pode ser considerada uma igreja ‘limpa’, sem muitos adornos, com sua arquitetura interna desprovida de muitos enfeites. Destaque para a via-sacra esculpida em madeira e muitos vitrais. A joia da coroa é o altar diferenciado de todos os que já tinha visto até aqui, em mármore escuro. Uma igreja simples e bela.



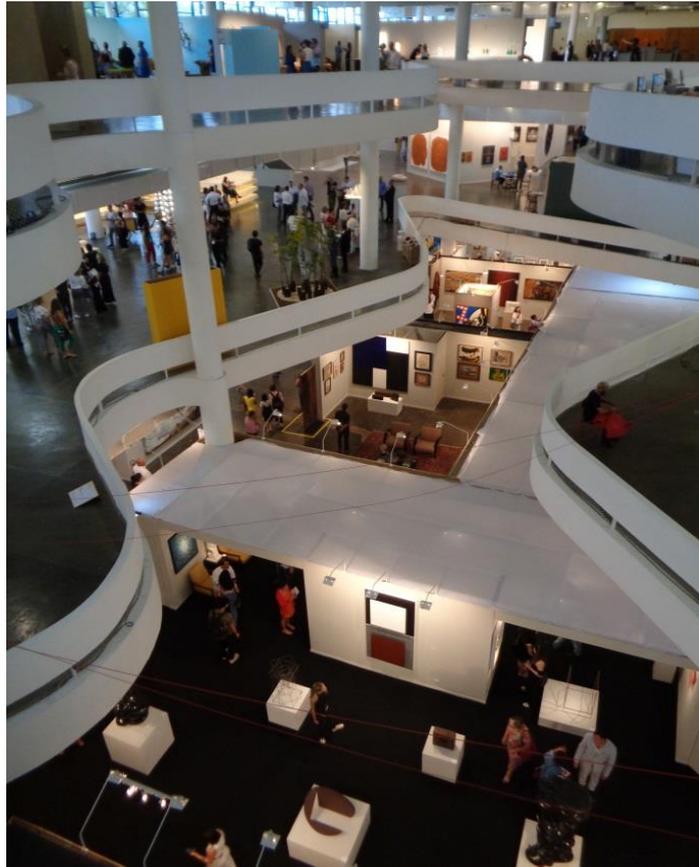
Instituto Moreira Salles e Igreja São Luiz Gonzaga na Avenida Paulista.

- Interessante perceber que a igreja antiga fica emoldurada por um grande prédio moderno, situação arquitetônica que já havíamos registrado quando visitamos o Museu do Tribunal de Justiça e outros locais de São Paulo. O progresso convive com o antigo de forma harmônica. Uma tendência arquitetônica que sai do Louvre – em Paris – reflete em São Paulo e chega à Itajaí décadas depois.

72 – São Paulo mantém determinadas coisas que há muito deixaram de ser praticadas em Itajaí. Encontrei por aqui vários locais com bancas de engraxates e, também, com bancas de revistas nos passeios das vias públicas. Mas, uma prática que venho observando com certa frequência, principalmente nos finais de semana, é o piquenique em família. Em plena sexta-feira vi diversas famílias fazendo piquenique no Parque Ibirapuera. Uma imagem lindíssima: uma família reunida no gramado, embaixo de árvores frondosas, conversando e fazendo seus lanches. Crianças correm e cães ficam soltos. Fiquei pensando que a ausência desses piqueniques em Itajaí dá-se pelo simples fato de termos por aqui os grandes espaços públicos da orla marítima. As pessoas vão para a praia no lugar de irem para praças e bosques.

73 – Voltei ao Parque Ibirapuera para ver a SP-Arte – 15º Festival Internacional de Arte de São Paulo – no **Pavilhão Bienal**. A primeira vez que estive nesse prédio – uma obra de arte que leva a assinatura de Oscar Niemeyer – foi em companhia do artista Paulinho Pinheiro, quando colocamos as mochilas nas costas e promovemos uma excursão cultural entre Curitiba e Rio de Janeiro. Pensei que as galerias que montaram a Feira iriam levar para o local apenas artistas contemporâneos e por isso fiquei surpreso ao ver por lá os clássicos: Di Cavalcanti, Portinari, Cícero Dias, Lasar Sagal, Alfredo Volpi, Ismael Nery, Anita Malfati, José Pancetti, Vicente do Rego Monteiro, Roberto Burle Marx, Tarsila do Amaral, Pablo Picasso, Marc Chagall, Joan Miró e Samson Flexor... Mas estar dentro do Pavilhão Bienal já é arte.

- A Luis Maluf Art Galery levou para a Feira dois trabalhos do escultor Jesse Thompson. Obras extraordinárias. Também gostei muito das obras de Gabriel Wickbold. Fui surpreendido com quatro antiquários que apresentaram obras do barroco mineiro e outras peças valiosíssimas que, com certeza, deveriam estar em museus. A parte da feira dedicada à arquitetura e design também me impressionou positivamente.



Feira das galerias de artes no Pavilhão Bienal – São Paulo.

- Participei de um debate entre colecionadores de obras de arte sobre ‘coleccionismo’. Bastante interessante você ouvir pessoas que possuem em suas casas coleções que valem milhões e falam dela com uma naturalidade que impressiona. Participando desse evento, alimento mais uma paixão no percurso dessa minha incursão por São Paulo. Já alimentei minha paixão por: poesia, fotografia, história, arte plástica, livros ... e, agora, o colecionismo.
- Depois da Feira vou até o Auditório Ibirapuera Oscar Niemeyer ouvir um pouco de música de câmara e coral.
- Saí do Parque, atravessei a avenida, visitei o Monumento e Mausoléu ao Soldado de 1932. Estrutura magnífica por dentro e por fora. Uma obra-prima de Galileo Emendabili que merece ser visitada por quem gosta de arte.
- Retornei ao Parque e fiz novamente o percurso do Portão dois até o Portão seis, andando de forma contemplativa e fotografando pessoas em situação de isolamento. Um dos temas que tenho mantido na minha arte fotográfica. Nos parques é muito interessante as imagens colhidas sobre o tema – solidão.
- Saí pelo Portão seis, mas no lugar de subir pela Rua Pedro de Toledo resolvi subir pela Avenida Sagres. Para minha surpresa, na Praça que toma boa parte de um lado da avenida encontrei dois bronzes lindíssimos. Um em homenagem ao infante Dom Henrique, outro em homenagem ao poeta Fernando Pessoa. Andar por São Paulo, já disse antes, tem de ser assim, evitando repetir roteiros e trajetos. A rua de trás pode estar te reservando uma grande surpresa. Não passe duas vezes pela mesma rua. Quem segue esta regra sempre tem algo novo para ver porque São Paulo é uma cidade que investiu muito em obras de artes voltadas aos locais públicos.

74 – A linha vermelha do Metrô tem a estação Barra Funda que deixa o visitante a poucos Metrôs do **Memorial da América Latina**. Todo o complexo foi pensado pelo arquiteto Oscar Niemeyer – o que torna o local de visita obrigatória. O **Pavilhão da Criatividade Darcy Ribeiro** me alegrou duplamente. Primeiro porque li diversos livros de Darcy Ribeiro e muito do que penso sobre o Brasil e os brasileiros devo à mente brilhante desse etnólogo. Segundo, porque a mostra realmente dá uma panorâmica muito rica sobre a cultura e o povo brasileiros. A coleção de peças sobre a cultura popular brasileira inclui de canoa a cocar de índio; de peças de maracatu a Ogum.

- Nota-se rapidamente que o Memorial é um espaço político. Tudo ali tem uma conotação à esquerda. O próprio símbolo do Complexo – uma mão com um mapa em

vermelho da América Latina, como se estivessem sangrando [o povo e a América] – já dá a senha dessa tendência ideológica do local. Nota-se, por exemplo, no detalhe da mão - que é símbolo do Complexo - no mapa da América Latina a pequena Ilha de Cuba é grandiosa, sem falar que toda a América Latina é vermelha – duplamente vermelha – por sangrar na exploração e opressão, por ter a libertação no socialismo. A arte e suas mensagens subliminares. Mas como já disse antes, sou a favor do uso da arte para a conscientização e expressão política. Cada um que vê de seu jeito e que se influencie do seu jeito.

- Na **Biblioteca latino-Americana Victor Civita** encontrei um local maravilhoso para se ler. Uma arquitetura que torna tudo agradável e belo. Tinha uma mostra em homenagem ao escritor Jorge Borges com obras de arte maravilhosas. Lembrei daquela confusão de um texto atribuído a Borges que, na verdade, não era dele ... novamente a mente mistura tudo e faz a gente pensar em tudo ao mesmo tempo. Essas sinapses que fazemos sem saber porque ou como. A nossa mente fica o tempo todo nos oferecendo ligações entre coisas próximas e depende de nós utilizá-las ou descartá-las. Quanto mais fértil uma imaginação, mais ligações se aproveita; quanto mais pobre uma mentalidade, mais ligações descarta.

- No **Salão de Atos Tiradentes** encontrei seis painéis gigantescos assinados por Poty e Carybé. Eles foram feitos em concreto a vista em baixo relevo. Interessante que quase não encontramos obras desses dois grandes artistas aqui em São Paulo. Estou muito familiarizado com a obra de Poty porque estudei em Curitiba e sua obra é muito divulgada por lá.



O Memorial da América Latina é um exemplo de como arte e ideologia interagem.

75 – Em São Paulo não vale a tradicional lógica do horário padrão [das oito da manhã as doze, das duas da tarde as seis]. Nem tem esse negócio de diferenciar dia de semana de final de semana e feriado. Você encontra muitos lugares fechados as terças e muitos locais abertos aos domingos e feriados. O visitante também tem de contar um pouco com o fator sorte. Quando estive no MASP a primeira vez, na semana que passou, só pude ver a exposição de Djanira, não tendo acesso ao acervo permanente do museu porque o local estava passando por manutenção. Agora, quando fui pela segunda vez, consegui ver, antes das duas horas da tarde de sábado, as mostras em homenagem às mulheres: Djanira, Lina Bo Bardi, Tarsila do Amaral; além de parte do acervo físico do próprio Masp e obras contemporâneas do Museu de Chicago. Acontece que caiu um verdadeiro ‘cacau d’água’ no começo da tarde em São Paulo e imediatamente o piso superior – onde estava a mostra do acervo permanente – foi fechado ao público por tempo indeterminado novamente. Parece que as reformas não foram suficientes. Então, o visitante tem de contar com um pouco de sorte. Se tivesse deixado para ver a mostra do acervo fixo e ‘Picture gallery in transformation: Museu of Contemporary Art Chicago’ no final, teria novamente perdido a viagem. O melhor mesmo é consultar antes, na internet, os horários e dias de funcionamento. Aí não tem como perder a viagem.

76 – Nessa minha peregrinação por São Paulo vi tantas técnicas diferentes em artes plásticas que pude entender todo o contexto de liberdade que está envolvida a arte – pelo menos aquela parte da arte plástica que não está comprometida com o mercado e sua lógica perversa.

77 – Comparando os acervos do Masp e Pinacoteca do Estado com as obras que encontrei na SP – Arte, no Ibirapuera, pude constatar uma questão séria em artes plásticas quanto aos clássicos cujas obras possuem muito valor de mercado. Essas galerias estão com um acervo da ‘linha dois’ dos artistas. A ‘linha um’, o melhor de cada artista já está guardado em grandes instituições ou coleções particulares internacionais. Então você até pode comprar um Joan Miró ou Tarsila do Amaral em uma dessas galerias, mas não terá as obras-primas desses artistas em sua residência. Sei que o que estou afirmando é polêmico, porque supõe que possa existir trabalhos de um Miró que não é tão maravilhoso assim mas é isso mesmo que penso. Uma artista que fez milhares de obras, obviamente, não fez milhares de obras-primas. Tem coisa muito

‘desbotada’ de grandes artistas nessas galerias comerciais. É claro, tivesse dinheiro, compraria assim mesmo, porque ter um Miró na parede da minha biblioteca seria inspirador, fosse ele da ‘linha um’ ou da ‘linha dois’ de produção. Miró é Miró. Ponto.

78 – Quem foi ao Masp – como eu – ver a mostra ‘Tarsila Popular’, pode constatar que as artes plásticas têm público relativo no Brasil, um número inferior a outras manifestações culturais como música e teatro. Falei com visitantes que vieram de outros estados brasileiros só para ver a mostra de Tarsila. Tinha fila para comprar ingresso, depois tinha uma fila para se conquistar o direito de entrar na fila para entrar na mostra. Acontece que o número de visitantes no ambiente da mostra é limitado de forma a facilitar que todos vejam realmente as obras. Todos compram os ingressos, mas a entrada é proporcional: sai dez, entra dez. Demora muito, mas em compensação você pode aproveitar muito bem toda a mostra.

- Três obras de Tarsila merecem minha atenção: Antropofagia, Abaporu, Operários... Também adoro seus pequenos desenhos-ensaios. Para mim, estar com Tarsila é estar com a arte e o povo brasileiro. A emoção bate forte quando estou em uma sala com Abaporu e Antropofagia. É uma imensidão de sensações e sentimentos. É a síntese da minha relação com a arte. Eu e Tarsila temos uma história de amor, desde sempre. Por isso, no meu ateliê em Itajaí tenho dois esboços originais de Tarsila, ao lado de dois trabalhos de Anita Malfatti. Um lugar que chamo de ‘meu oratório’.

- Visitando a mostra de parte do acervo fixo do MASP fiquei, novamente, impressionado com alguns trabalhos de Benedito Calixto. Duas telas do Porto de Santos são obras-primas extraordinárias. Também fiquei um tempo mais longo diante de uma tela de Gauguin, outro bom tempo contemplando um jardim de Monet. Também, pela segunda vez, fiquei estupefato diante da grandiosidade da obra ‘Cachoeira de Paulo Afonso’ de E. F. Schute. Ela me impressiona porque mostra a pequenez humana em relação à natureza. Mas... mas, a obra ‘A canoa sobre o Epte’, de Monet, que obra ... Pouca luz é certo, mas suficiente para iluminar a minha alma.

- A mostra ‘Lina Bo Bardi: Habitat’ me deixou mais próximo da arte ‘arquitetura’. Fiquei emocionado em conhecer um pouco da sua história de vida e sua arte. As cadeiras que ela projetou são belíssimas e sua criatividade era imensurável. Sempre admirei seus cavaletes para a exposição do acervo fixo do MASP. Agora conheço um pouco mais de sua arte e a admiração aumentou.



Mostra Tarsila do Amaral – MASP.

– Diante de duas obras de Hieronymus Bosch contemplo um professor ministrando aula sobre ‘O simbolismo em Bosch’. Ele não dava discurso raivoso, como aqueles professores que encontrei na semana anterior na exposição de Djanira, e os alunos estavam diante dele como que hipnotizados. Eu também fiquei. O professor tinha um carisma raro e conhecimento extraordinário. Comparando os dois professores que vi no MASP - um utilizando as obras de Djanira para elaborar um discurso político radical e raivoso; o outro se apegando à técnica do artista e seu simbolismo para mostrar como Bosch usou sua arte para criticar a sociedade de sua época – concluo que os dois profissionais eram militantes políticos, só que um conseguia prender a atenção de seus alunos, enquanto o outro ...

– No final da minha visita ao MASP fiquei entusiasmado com uma escultura de Flávio Cerqueira intitulada ‘Amnésia’. A escultura mostra um homem negro jogando sobre si tinta branca. A obra chamou minha atenção justamente por causa de seu engajamento à causa política do combate ao racismo. Mas cumpriu seu escopo com tal competência que fica difícil não se estabelecer dois questionamentos diante dela: a beleza estética, a mensagem político-social. Um exemplo a ser seguido, afinal, Flávio Cerqueira mostrou que é possível expressar a radicalidade da ideia sem ser agressivo.



80 – Se tem uma coisa que me perturba aqui em São Paulo é constatar que sempre tem um avião sobre a minha cabeça, independentemente de onde estou ou a que horas. Por outro lado, me fascina o som do trem – uma paixão que vem de criança, quando andava de trem entre Itajaí e Rio do Sul. Outro dia, deixei de pegar o Metrô só para ficar na estação ouvindo o barulho do trem chegando e partindo. Vinha à mente todas as brincadeiras que fazia na estrada de ferro que ia ao Porto de Itajaí. Maravilhoso. O barulho do rodado do trem em atrito com o trilho, ferro no ferro, era a senha para a minha mente liberar reminiscências de infância.

81 – No domingo peguei o Metrô pretendendo descer na estação Liberdade para participar da **Feira da Praça da Liberdade**, mas desci uma estação antes, a São Joaquim, porque me indicaram a visita a um templo budista e um museu. A estação dá acesso direto à Rua São Joaquim onde encontro duas lojas maçônicas gigantescas e um templo zen-budista. Ali, encontro muito dourado, velas, estátuas e um grande sino – a estética é muito diferenciada, mas os elementos são praticamente os mesmos da Igreja Católica. É o Templo Budista Soto Zenshu.

- Encontro um grande prédio em fase de restauração que abrigava o Colégio Campos Salles e, estão anunciando, o futuro Museu Manabu Mabe. Fico imaginando a beleza que vai ser. O abstracionismo total de Manabu Mabe me envolve psicologicamente de tal sorte que me sinto feliz diante de sua obra.

- Em seguida visito o **Museu Histórico de Imigração Japonesa no Brasil**. Ali encontro a peça mais linda que já vi de um vestuário. Trata-se de um quimono todo bordado com figuras de pássaros, tendo fios dourados. Uma obra de arte que agrada aos olhos de maneira muito especial. Nunca pensei que uma peça de roupa pudesse equivaler, na minha cabeça, a uma obra de arte como outra qualquer – um quadro de Benedito Calixto, por exemplo. Mas a peça em exposição realmente vale a visita ao Museu. Vi algumas peças de agricultura e domiciliar da colônia japonesa em São Paulo e muitas pinturas de artistas descendentes nipônicas que não conhecia como Tomoo Handa e Seiji Togo.



Estação da Luz – onde o velho e o novo convivem em harmonia

- A estação Japão-Liberdade dá acesso direto à Praça Liberdade e sua feira de rua. Antes de visitar todas as barraquinhas resolvo dar uma boa olhada na **Capela de Santa Cruz das Almas dos Enforcados**. Ela me chamou muito atenção porque tem duas chaminés na sua lateral. Fui ver do que se tratava. Acontece que ela tem no subsolo um ‘velário’ onde um grande número de pessoas acende velas pedindo graças ou agradecendo por graças recebidas. Como essa capela faz duo histórico com a **Capela Nossa Senhora das Almas dos Aflitos**, localizada a uns duzentos metros dali, resolvi visita-la. A capela fica no final de um beco e estava fechada. Dizem que os escravos eram mortos na praça defronte à Capela dos Enforcados e depois eram enterrados no entorno da Capela dos Aflitos, isso entre 1779 e 1858.

- A Feira da Praça da Liberdade vale por sua culinária diferenciada, com o resto parecendo um camelódromo, porque ali se vende de tudo. Poucas barracas mantêm a tradição de vender artesanato oriental. Vi uma barraquinha, por exemplo, que fazia pingentes com origamis. Muito original. Vale dar um giro pelo quarteirão e conhecer as lojas do Bairro Liberdade, onde encontramos muitas peças e produtos orientais interessantes.

- Deixo o Bairro Liberdade, volto ao Metrô e desembarco na estação Vergueiro, para conhecer o **Centro Cultural São Paulo**. Não pensava que fosse tão grande. Um gigante feito de arte para as artes. O espaço impressiona pelo tamanho e pela quantidade de paulistas que utilizam o local, mesmo nos finais de semana. Ali, primeiramente, visito a horta comunitária e jardim suspenso. Mas tem teatro, cinema, sala de conferência e auditórios, espaços para dança, galerias e uma grande biblioteca. Tem também muitas mesas para as pessoas estudarem e tomada para ligarem seus notebooks. Aproveitei e sentei em um banco defronte a um grande painel de Tarsila do Amaral intitulado ‘Procissão’. Acho que é a maior obra que conheço de Tarsila. Depois, frequento o café e fico observando diversos grupos ensaiando passos de *street dance*.

- No outro lado da avenida visito o Complexo Santo Antônio, com praça, colégio, igreja e teatro. Infelizmente a igreja estava fechada, mas sua arquitetura, vista apenas pelo lado externo, já valeu a breve caminhada. Antiga e linda.



Painel de Tarsila do Amaral no Centro Cultural São Paulo

82 – Limpeza urbana não é o forte dos paulistas e paulistanos. Para quem está acostumado com ruas limpas, como é o caso do centro urbano de Itajaí, custa a se acostumar com essa prática de deixar muita sujeira nos passeios públicos. Nem mesmo no Bairro Liberdade encontrei limpeza próxima ao padrão de Itajaí. Notei esse detalhe apenas porque os japoneses têm a fama de serem muito sensíveis para com esta questão. Isso vale para o Japão, mas não para o Bairro Liberdade.

83 – Desço na estação Faria Lima – linha amarela do Metrô. Na frente da estação vejo a Capela Nossa Senhora de Monte Serrat – a mais simples das igrejas que entrei até agora na cidade de São Paulo. Chego à Avenida Faria Lima e encontro o cruzamento com a Rua Coropé que tem o acesso ao **Complexo Aché Cultural**. Um prédio antes é a primeira igreja moderna que vi em São Paulo, até com artes modernas no altar. Trata-se da **Capela São João da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil**. Anunciam, inclusive, missa em japonês.

- Ao lado da capela temos o grandioso prédio sede do Complexo Aché Cultural que abriga, entre outras coisas, o **Instituto Tomie Ohtake** – alvo da minha incursão. Ali pude ver uma exposição complementar [a primeira exposição está no Museu Casa Brasileira] do arquiteto Ruy Ohtake. A mostra no Museu diz respeito mais à sua vida e sua obra na arquitetura; enquanto no Instituto a mostra dá destaque para mobiliários idealizados pelo artista. Maravilhosa. Em seguida visito a Livraria Gaudi e a mostra ‘Taswir – a fotografia árabe contemporânea’. Subo ao piso superior e contemplo uma exposição sobre a obra de Oscar Niemeyer intitulada ‘Oscar Niemeyer – territórios da criação’. Por último, entro em uma pequena galeria onde está uma mostra permanente de Tomie Ohtake intitulada ‘Brasil Rubor’.

- Não tem como não ficar impressionado com o processo criativo de Oscar Niemeyer. A genialidade dele está sintetizada em pequenos traços. Aliás, Oscar é um dos artistas onipresentes em São Paulo. Faz parceria com Victor Brecheret, Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti. Eles estão em todos os lugares possíveis e imagináveis. Na Feira Internacional do Ibirapuera tinha um painel do Di Cavalcanti sendo vendido por vinte milhões de reais. Um esboço do Abaporu da Tarsila foi vendido já no início do evento,

mas, como de costume, o valor da transação não foi divulgado. Todos os museus possuem obras deles. As vezes encontramos obras valiosíssimas em locais improváveis, como foi o caso do grande painel ‘Procissão’ de Tarsila do Amaral no Centro Cultural São Paulo. Obviamente que também não esperava encontrar trabalhos de Joan Miró e Picasso na Feira Internacional do Ibirapuera. Pensava tratar-se de um evento de galerias especializadas em artes moderna/contemporânea. Mas até antiquários encontrei por lá. Um mundo...

84 – A visita ao Complexo Aché Cultural me fez refletir sobre uma questão que envolve diretamente o turista: a distância. Quando olhamos no mapa, as vezes, nos parece que as coisas ficam longe uma das outras. Mas, quando começamos a caminhar, se estamos acostumados a caminhar, como é o meu caso, as distâncias chegam a ser ridículas. Mas, tenho a impressão que o paulistano não gosta muito de caminhar e coloca carro, ônibus, metrô, taxi, uber em todos os seus passeios com a desculpa de que é longe. Quando estava na praça do Metrô da Faria Lima perguntei a um casal de mais idade sobre a localização do Complexo Aché Cultural e a mulher me respondeu que era um pouco longe e que o melhor era pegar um ônibus. Mas eu tinha lido na internet que o prédio ficava a menos de oitocentos metros daquela praça e, também, tinha a impressão de que estava vendo sua cúpula dali, só queria uma confirmação. Resultado: andei muito menos do que esperava e encontrei muito facilmente o edifício porque ele é gigantesco e vistoso. A mesma coisa ocorre com o visitante quando faz roteiros diferenciados para Liberdade, Sé, São Bento e Luz. Na verdade, são áreas muito próximas e nada que uma caminhada tranquila, por ruas mais frequentadas, não resolva.

- Nisso vale uma boa atitude preventiva contra pessoas inoportunas: nada de ostentar. Deixe em casa correntes de ouro, relógios, celulares caros Coloque uma roupa simples, leve, solta, e, coloque em bolsos diferentes documentos, dinheiro, cartão, celular. Seja discreto e siga em frente.

85 – Visitei no Bairro Moema a **Casa da Arte** – uma casa comercial especializada em material para artistas plásticos. Materiais nacional e importado de primeira qualidade, só que os preços são inacessíveis aos pobres mortais como eu. Mas gostei da visita, para conhecer as opções de materiais à disposição. Numa próxima visita quero ir preparado para adquirir aquarelas estrangeiras. Vale a pena o investimento.



Igreja de Nossa Senhora da Saúde.

86 – As mídias são como urubus – farejam de muito longe o cheiro da carniça. Por conta dessa característica da natureza dos meios de comunicação o visitante acaba ficando sempre com muito receio quanto à sua segurança. Contudo, nesse tempo todo que passei em São Paulo só vi a polícia em ação duas vezes. A primeira abordando um jovem na estação do Metrô – enquanto ele se rebelava filmando com seu celular os policiais. Como de costume, não fiquei por perto para ver o desfecho do episódio inusitado. A segunda vez foi muito perto de mim e, de certa forma ameaçou a minha integridade física. Quando estava atravessando a movimentadíssima Avenida Santo Amaro um motociclista furou o sinal vermelho porque estava sendo perseguido por policiais em duas motocicletas. Era uma perseguição policial daquelas que costumamos ver no cinema. Logo em seguida passaram com sirenes ligadas quatro viaturas.

- Apesar de ter muitos moradores de rua, poucos pedem esmolas e, também, não demonstram qualquer sinal de ameaça de violência física em relação aos passantes. Claro, vale destacar, que sempre escolhi muito bem as ruas que andei, evitando os lugares menos frequentados. Só senti medo realmente quando me perdi no trajeto entre as igrejas dos Enforcados e dos Aflitos, no Bairro Liberdade. Segui ladeira abaixo na Rua dos Estudantes e acabei dentro de um cortiço. Mantive a calma e saí dali no mesmo ritmo que entrei. Sem problemas.

87 – Só a instituição **Museu da Cidade de São Paulo** é mantenedora de catorze casas históricas e um logradouro histórico. Conheci o Beco do Pinto, Casa da Imagem, Solar da Marquesa de Santos e a Oca no Parque Ibirapuera. Mas também mantive interesse em visitar a Casa do Bandeirante, Casa do Grito, Chácara Lane e Cripta Imperial. Três dias consecutivos de chuvas atrapalharam sobremaneira o ritmo da minha incursão cultural. Os roteiros tiveram de ser refeitos, privilegiando visitas internas e com prédios mais próximos das estações do Metrô. Nada que uma boa capa ou guarda-chuva não resolvesse ou amenizasse.

88 – A minha máquina de bolso Sony apresentou defeito quando estava visitando o Centro Cultural São Paulo na estação Vergueiro. Estava tentando fazer uma imagem da belíssima escultura de Brecheret na entrada principal do Centro quando percebi que a imagem estava sendo gravada sem cor e definição. Tentei de todos os modos mexer em sua figuração, mas não deu de arrumar. Mas o ‘Plano B’ foi acionado e fotografei o restante da incursão do dia com o celular. Como faço sempre que viajo, levo mais de

uma máquina comigo, não carregando as duas nas incursões de rua. Se for roubado, tenho outra máquina para continuar o trabalho no dia seguinte. Também tenho a pachorra de passar para o computador as fotos do dia, não andar com uma máquina carregada com fotos de uma semana inteira. Caso seja roubada ficaria sem as fotos de uma semana. É arriscado demais e por isso vale a pena deixar a preguiça de lado. Envio as fotos para o meu próprio e-mail e tiro uma cópia em pendrive. O seguro morreu de velho. Fosse agora, mandaria todas para as nuvens.

89 – Quando desci na estação Santa Cruz – linha lilás do Metrô – tive um choque visual ao me deparar com a belíssima **Igreja de Nossa Senhora da Saúde**. Não esperava encontrar uma igreja de arquitetura tão bela, assim, no nada. Ela não consta em nenhum catálogo de turismo que recebi em São Paulo e ninguém tinha falado sobre essa maravilha da arquitetura. Ela é linda por fora e por dentro. Vale uma visita. Ao lado fica o pomposo Collégio Archiocesano. Mais à frente o **Centro de Memória do Corpo de Bombeiros** – que indico para aquelas pessoas que gostam de museus temáticos.

- Caminho um pouco e encontro a **Casa Modernista** – a casa de moradia do casal Gregori Warchavchik e Mina Klabin. A casa foi projetada e construída em 1927 pelo próprio arquiteto Warchavchik e é considerada a primeira casa modernista do Brasil. Ali, sem querer, acabei entrando na periferia de um grupo de senhoras que estava fazendo uma ‘visita guiada’. Como a casa está completamente vazia de móveis, somente servindo para mostrar a arte arquitetônica da primeira experiência modernista brasileira, realmente ouvir o guia faz toda a diferença. Ele fala de costume da época e dá explicações sobre a disposição dos quartos, etc. Eu já tinha constatado da utilidade desses guias em exposições e museus ao entrar de clandestino em um grupo guiado durante a mostra de Djanira no Masp. Agora, definitivamente, estou convencido de que é muito interessante montar grupo e contar com um guia. Afinal, o guia é uma pessoa que estuda todos os detalhes para nós. O mais incrível da casa acaba sendo o grandioso bosque que ocupa praticamente um quarteirão inteiro.

- Não muito longe dali visito o **Museu Lasar Segall**, também integrante da família Klabin, já que foi casado com Jenny Klabin. Ali, aprendi a ver a arte de Segall com outros olhos. Sinceramente ele é o melhor dos modernistas em termos de domínio técnico. Pintura, gravura, escultura, desenho ele domina tudo com perfeição. Ele é o pioneiro. Ele é referência para a modernidade no Brasil.



Museu Lasar Segall – São Paulo.

90 – Perto da estação Santa Cruz parei por vinte minutos para ser caricaturado pelo artista de rua Márcio Nascimento. Utilizei o tempo para olhar com calma os detalhes da Igreja de Nossa Senhora da Saúde e os transeuntes daquela movimentada avenida de São Paulo. Parece que a mochila caiu em definitivo no gosto do paulistano, isso vale para os homens e para as mulheres. Também há de se notar que as mulheres estão cada vez mais se apropriando de um guarda-roupa mais masculinizado: mochila, calça comprida. Deixaram o vestido em casa, assim como o homem deixou o terno. Nem paletó se vê mais eles usando, muito menos o chapéu. Mesmo os jovens não costumam utilizar boné. Uma peça que é utilizada apenas por jovens integrantes de tribos urbanas ou pessoas em atividades físicas nos lugares públicos. Nos finais de semana ainda consegui ver alguns homens utilizando bermudas, enquanto suas acompanhantes preferiam as roupas colantes das academias de ginástica. Novos tempos, novo guarda-roupa. A moda diz muito sobre o que pensam as pessoas. Dizer que a roupa da mulher está ficando muito próxima do homem, pelo menos para o dia-a-dia da rua e do trabalho, significa muito em termos de sociologia da sociedade brasileira.

91 – Na saída da estação Alto Ipiranga – linha verde do Metrô – vejo uma exposição histórica do Bairro Ipiranga. No final, encontro em destaque a obra da Santa Paulina que andou por ali no ano de 1903 ajudando idosos ex-escravos, merecendo uma capela com o nome de **Capela Sagrada Família e Santa Paulina**. Um piso acima tive a surpresa de ver uma mostra de arte de colagem sobre papel cartão do artista Lionetti. Realmente quando o artista é bom não importa muito o material que ele está usando. Se o artista tem o domínio técnico ele acaba fazendo algo esteticamente válido. Vi de Lionetti uma Mona Lisa estilizada, feita com recortes de jornais e revistas, que realmente me impressionou por sua leveza de estilo. Passei a olhar com outros olhos a arte da colagem.

- O Bairro do Ipiranga e seu entorno tem muitos atrativos para quem gosta de cultura e História a ponto de ser aconselhável dividir a visita em dois dias. Principalmente porque muitas instituições só abrem após as nove ou onze horas da manhã.

- Todo mundo descarta de imediato uma visita ao **Museu do Ipiranga** porque ele está fechado para reforma. Em um primeiro momento, seguindo a tendência, não coloquei o museu nos meus roteiros diários, mas, depois, considerei a informação de que no seu entorno tinha muita coisa boa. Ver o prédio do Museu do Ipiranga pelo lado de fora, em diversos momentos do passeio pelo jardim e bosque, já vale a visita. O prédio tem uma arquitetura deslumbrante. O **Jardim do Museu** merece um passeio demorado, assim como seu bosque, que fica na parte de trás do prédio principal.

- Todo o território que compreende o parque temático da independência do Brasil está dividido em duas partes, com uma avenida entrecortando o terreno. Por isso em muitos guias de turismo encontramos Museu do Ipiranga e Jardim do Ipiranga. Na primeira parte temos o Museu do Ipiranga, um belo jardim e bosque. Na segunda parte, temos a continuidade do jardim, a **Casa do Grito**, o **Monumento à Independência** e a **Cripta Imperial**.

- A Casa do Grito é muito interessante, apesar de singela, como efetivamente deveria ser uma casa à beira de um riacho no meio do nada. Mas é uma casa de pau-a-pique, de taipa de mão ou taipa de sopapo. Interessante sobre todos os aspectos conhecer a casa e dali visualizar o suntuoso prédio do Museu do Ipiranga. Um contraste que diz muito do Brasil e seu povo.

- O Monumento à Independência é algo gigantesco e, efetivamente, monumental. O maior monumento que vi na vida. Foi elaborado originalmente pelo artista italiano Ettore Ximenes. Nas suas laterais vemos homenagens aos pioneiros da independência do Brasil, revolucionários baianos, pernambucanos e mineiros; e os homens que mais colaboraram com a independência de fato: Feijó, Andrada, Ledo e Hipólito ... Para aqueles que gostam de estudar a História do Brasil, como é o meu caso, ver essa obra de arte sobre nossos personagens históricos é emocionante.



Monumento da Independência que abriga a Cripta Imperial.

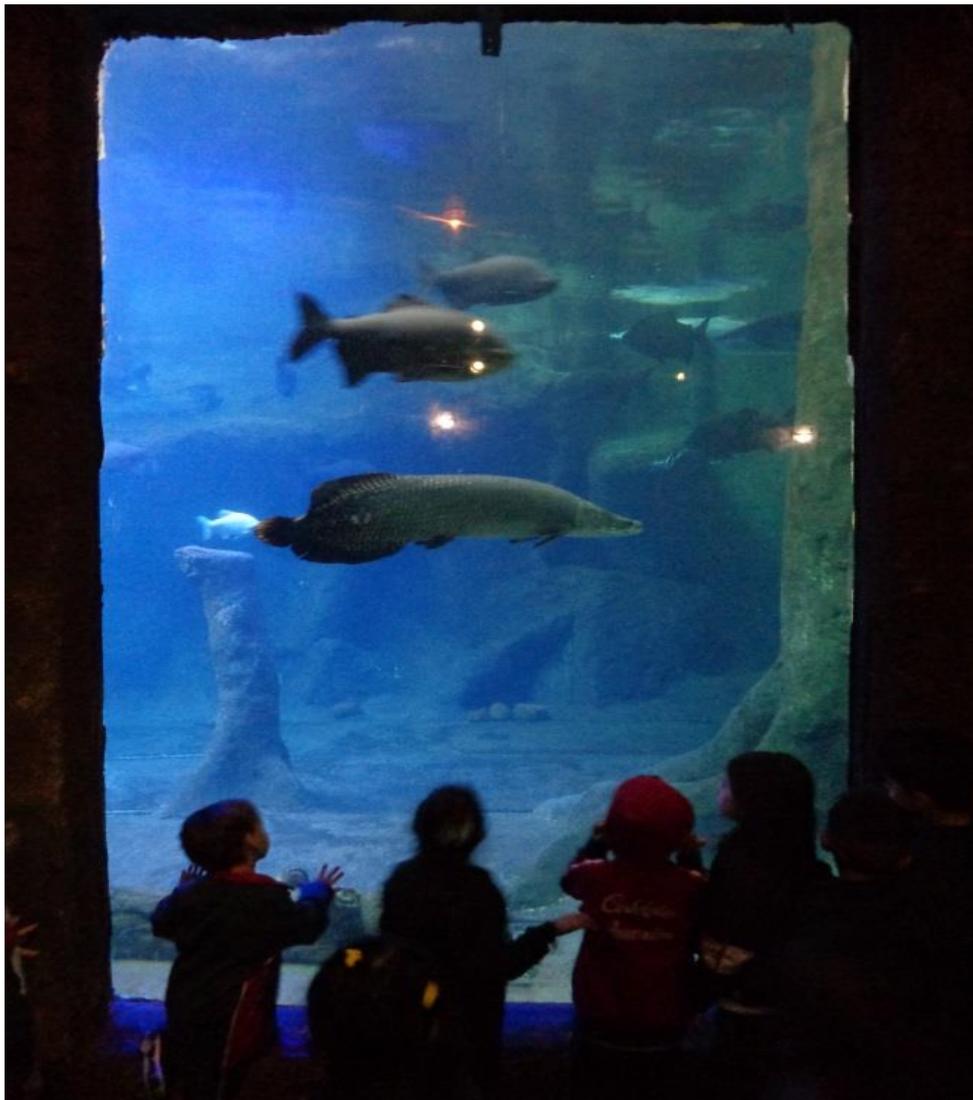
- A Cripta Imperial está no interior do Monumento à Independência e merece uma rápida visita. Ali estão os restos mortais de Dom Pedro e a Imperatriz Leopoldina. Vale também pelo simples fato de você ter acesso ao interior do Monumento e constatar, também por dentro, a sua grandiosidade arquitetônica.
- Infelizmente, andando por todos os cantos do Parque da Independência não consegui encontrar uma placa indicando o tal **Riacho do Ipiranga**. Encontrei-o por acaso, ao andar pelo jardim do complexo histórico. Ali, fiz questão de bater uma foto promovendo o meu grito às margens do Ipiranga. A partir de agora todo o Brasil sabe que eu também dei meu grito às margens do Ipiranga. O que gritei? **Honestidade ou morte!** Nada é mais urgente do que o combate à corrupção não é mesmo? Ela é a verdadeira independência do nosso povo.
- No entorno do Parque da Independência avistei uma igreja de porte médio, mas que não apresentava nenhuma cruz. Fiquei curioso e fui até próximo para ver do que se tratava. Era a **Catedral Nacional da Independência – Assembleia de Deus**. A curiosidade ficava por conta dela conter no final da torre principal, no lugar de uma cruz, um grande relógio eletrônico giratório. Ela tem uma arquitetura mais antiga, diferente do que apresentam todos os demais templos da Assembleia de Deus que já vi em Santa Catarina. Muito diferente mesmo.
- Não achei nada de interessante na **Igreja da Imaculada Conceição** pertencente à PUC-SP. Se o turista está passando perto, dá uma entrada, mas é coisa rápida. Passei para o **Museu de Zoologia da USP**. Um espetáculo. Uma maravilha. Para quem gosta de ecologia é uma visita obrigatória porque mostra muito da diversidade da vida que encontramos no Brasil e no mundo. Ali vemos de cupim a dinossauros, com o pequeno e o grande merecendo toda a nossa atenção.
- Terminei o dia visitando, ali próximo, o **Aquário de São Paulo**. Ao final da visita fiquei arrependido de ter feito tudo isso no mesmo dia, porque acabei ficando meio apressado numa visita que deveria ser mais vagarosa e detalhada. Fiquei impressionado com alguns animais: urso polar, peixe-boi, moreia verde, sucuri e giboia. Também chamou muito atenção a parte cenográfica em que o visitante entra no ambiente que parece um navio afundado. A surpresa ficou por conta do coração bater mais forte diante de um cartaz afirmando: ‘Conheça o maior predador da terra’ e quando eu estava me preparando para ver um grande tubarão branco eis que aparece a minha imagem em

um grande espelho. Isso mesmo, o homem é o maior predador. Foi uma lição muito severa e impactante. A surpresa é sempre didática. O ingresso do Aquário é o mais elevado entre todas as instituições museológicas de São Paulo. Mas, paguei com prazer, porque só ver as duas sucuris gigantes já valeu por tudo. E o gigantismo do urso polar, a bocarra da moreia verde ?

- Na minha concepção o visitante poderia dividir o passeio ao Alto do Ipiranga em duas partes. Na primeira conhecer com calma todos os atrativos do Parque da Independência e seus entornos. Na segunda, visitar o Museu de Zoologia da USP e o Aquário de São Paulo, porque o museu e o aquário se identificam muito pelo viés da ecologia.

92 – Ao contrário do que vemos em Itajaí, principalmente nos bairros, não encontrei muitas igrejas evangélicas contemporâneas em São Paulo. Vi um grande templo da Assembleia de Deus e dois pontos de orações da Igreja Universal do Reino de Deus. Talvez se me afastasse ainda mais do epicentro cultural e histórico da cidade – Largo de São Bento – tivesse encontrado mais igrejas e pontos de orações. Mas chamou minha atenção essa ausência na paisagem urbana de São Paulo. Talvez isso indique que o Centro e sua periferia mais próxima tem poucos habitantes em relação às grandes zonas periféricas. Os centros das cidades estão ficando vazios de moradores. Itajaí, por exemplo, tem no Centro seu quinto colégio eleitoral, perdendo para Cordeiros, São Vicente, Cidade Nova ...

93 – O visitante que está em São Paulo tentando conhecer seus pontos turísticos e culturais a pé tem de tomar muito cuidado com as placas de ruas. Só agora, nos últimos dias da minha incursão por São Paulo é que pude perceber que as placas são exclusivamente voltadas para os motoristas e não para os pedestres. Portanto, seguindo as placas o visitante vai fazer o mesmo trajeto dos carros, o que não é aconselhável porque o motorista tem de fazer muitos desvios [devido às muitas ruas com sentido de mão única e proibições de conversões à esquerda] enquanto o pedestre pode andar em linha reta. Vi isso ocorrer comigo na visita ao Cemitério da Consolação e na Fundação Álvares Penteado, dei volta em quarteirão quando poderia ter seguido em linha reta pela avenida principal – já que era contramão apenas para os carros e não para o pedestre.



Crianças vendo os grandes peixes no Aquário de São Paulo.

94 – O **Cemitério da Consolação** fica bem perto da estação Higienópolis – linha amarela do Metrô. Ao visita-lo conclui que trata-se do maior museu de São Paulo, contendo obras magníficas de diversos artistas consagrados como: Victor Brecheret, Antelo Del Debbio, Aurélio Franceschi, Francisco Leopoldo e Silva, Nicola Rollo, Bruno Giorgi, Luigi Brizzolara, Materno Giribaldi, Raphael Galvez... fora centenas de obras magníficas que não se sabe a procedência. Depois tem a história nos jazigos de nomes consagrados nas artes e política brasileiras como: Campos Sales, Washington Luis, Ademar de Barros, Roberto Simonsen, Caio Prado Júnior, Francisco Matarazzo, Ramos de Azevedo, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Monteiro Lobato

- Sinceramente não dá de entender os motivos que levam a Prefeitura do Município de São Paulo gastar tanto dinheiro mantendo praticamente inertes diversos casarões [funcionários, segurança ...] enquanto os cemitérios históricos estão largados à própria sorte. Praticamente todos os cemitérios históricos [Consolação, Araçá e São Paulo] apresentam muitas depredações e atos de vandalismo. Interessante anotar que esse patrimônio cultural chega às mãos da municipalidade de forma gratuita porque foram as famílias que adquiriram as obras de arte. A Família Jafet, por exemplo, mantém no seu jazido uma obra incrível do grande escultor Raphael Galvez – que tem obras em destaque na Pinacoteca do Estado; enquanto Victor Brecheret tem uma escultura no jazido da família da mecenas Olívia Guedes Penteado que é, na minha avaliação, a sua melhor obra.

- Visitar o Cemitério da Consolação é muito mais complicado que visitar os Cemitérios São Paulo e Araçá. Enquanto nesses dois últimos o visitante pode se concentrar exclusivamente em ver as obras de arte, no Cemitério da Consolação ele fica dividido entre as obras de arte – que são em grande número – e os jazidos de nomes importantes de nossas artes e política. Preocupado em encontrar os jazidos do historiador Prado Júnior e da pintora Tarsila do Amaral, acabei, em um primeiro momento, deixando de olhar muitos detalhes nas obras que encontrava pelo caminho.



Obra de Victor Brecheret no jazigo da Família Penteado.

- Muitas vezes o visitante se sente meio perturbado em seu sentido estético porque tem uma imagem misturando diversos estilos. No jazido do escritor Moacyr Piza tem uma obra em granito de Francisco Leopoldo e Silva em estilo modernista, enquanto bem atrás dela encontramos o jazido da família João Rosa decorado com um bronze de Eurico Bianchi em estilo clássico. Já a Família Siniscalchi foi mais radical e simplesmente construiu a réplica de uma catedral gótica, com lindos bronzes, vitrais e peças em mármore carrara.

- Na verdade fiquei menos tempo no Cemitério da Consolação do que deveria ficar. Acontece que o sol já estava a pino e o cansaço começou a tomar conta do corpo. São centenas de obras lindíssimas para se ver sem o devido abrigo de boas sombras ou do conforto do ar-condicionado dos museus. Também perdi muito tempo tentando localizar alguns jazidos de escritores e artistas, como foi o caso do historiador Prado Júnior, por não ter em meu celular o aplicativo QR-Code, disponibilizado pela administração do cemitério para ajudar estudantes e turistas a localizar os principais jazidos e obras de arte.

- Na saída do cemitério a administração disponibilizou um grande painel para que as pessoas colocassem suas impressões. O painel tinha um grande espaço em branco entre as frases *'Todas as coisas que ainda farei Antes do fim'*. Um idiota, com tinta vermelha, escreveu em letras garrafais: *'Monteiro Lobato racista'*. É triste como algumas pessoas têm preguiça de pensar e ler. Não conseguem contextualizar uma obra, não conseguem ver a dialética de uma vida grandiosa como foi a vida de Monteiro Lobato e suas obras literária e política. Diante do jazido de Monteiro Lobato pensei mais no *'Petróleo é nosso'* do que no *'Sítio do pica-pau amarelo'*. A frase em vermelho calou fundo no meu pensamento por tratar-se, na minha avaliação, de uma injustiça que serve como uma boa lição política para todos nós.



Miniatura de uma catedral gótica como jazido da Família Siniscalchi.

- Ali perto do Cemitério da Consolação a Prefeitura mantém a **Chácara Lane**, mas, infelizmente, a encontrei completamente vazia, sem qualquer exposição ou atividade cultural. Parece que a Prefeitura está desacelerando seu investimento no setor cultural. Pelas placas que vi em diversos espaços culturais da cidade o prefeito Gilberto Kassab foi o último administrador público a dar grande incentivo à cultura da cidade. Mas, como não moro em São Paulo, deixo para os paulistanos essa avaliação.

95 – Voltei ao **Teatro Municipal** para fazer uma visita programada com direito a um guia. Na visita anterior eu só pude ver o prédio pelo lado de fora e admirar os famosos ‘Atlantes’ de seu frontal. Agora, com a ajuda de uma guia, estudante de arquitetura da Mackenzie, pude visitar todas as dependências do Teatro Municipal e constatar sua beleza majestosa. Tá certo que a estudante tinha aquele discurso de ‘ódio contra as elites’ da esquerda-caviar... mas, mesmo assim foi uma experiência incrível. A terceira visita que farei ao teatro, com certeza, vai ser para assistir uma apresentação de orquestra ou coisa que valha.

- A guia também nos levou para uma visita à **Praça das Artes**, administrada pelo Teatro Municipal. Ali tem um pequeno auditório para apresentação de música de câmara. Um espaço com acústica que deixa qualquer pessoa, mesmo que não entenda muito de música, admirada. O apresentador fala no palco, com tom de voz normal, e dá de escutar na última cadeira do auditório como se ele estivesse falando ao seu ouvido. No bom estilo arquitetônico Lina Bo Bardi [o arquiteto da Praça foi seu estagiário] o complexo cultural deixa muito espaço livre para as pessoas circularem e se manifestarem artisticamente.

- Tem ainda uma filial do **Restaurante Santinho** – afamado restaurante da capital paulista – que encontrei em diversos pontos *chics* da cidade; além do ‘Bar dos Arcos’ instalado nos porões do teatro que abre as dezenove horas e fecha de madrugada; uma loja para comprar *souvenirs* temáticos do teatro.



O Teatro Municipal de São Paulo é um castelo das artes.

96 – No **Centro Cultural dos Correios de São Paulo** encontro diversas mostras individuais e coletivas. Uma sobre leituras populares de Saci-Pererê, sem qualquer qualidade artística, mas muito interessante em termos de resgate do folclore nacional. No hall a instituição mantém um pequeno museu, apresentando algumas peças antigas das repartições dos Correios. Mas não é um acervo significativo. Apresenta também uma pequena mostra filatélica, visando mais a venda de selos comemorativos lançados recentemente. Esse espaço transmite ao visitante a ideia de que a empresa está efetivamente em fase de falência institucional completa. Há uma certa preguiça institucional no ar.

- Na galeria principal encontrei uma mostra muito interessante do artista de descendência japonesa Kenichi Kaneko, pintor, desenhista, gravurista e ator da Rede Globo de Televisão. Conversei demoradamente com ele porque gostei muito de um trabalho seu sobre mulheres tomando banho de sol em Copacabana. No final da conversa ganhei um exemplar do guia editado pela Associação de Artistas Profissionais de São Paulo devidamente autografado.

97 – No Metrô fiquei remoendo a visita que fiz ao Teatro Municipal e Praça das Artes. Como falei anteriormente, consegui, por um golpe de sorte, incluir meu nome na lista de visita guiada pelo interior do **Teatro Municipal** e **Praça das Artes**. Começamos a visita pelo quinto piso, com uma sala contendo os bustos de diversos compositores, como Carlos Gomes e Verdi. Também tem uma homenagem à atriz Cacilda Becker. O Teatro impressiona por sua grandeza, os vitrais, lustres, arquitetura e muitas questões de sociabilidades da elite paulista do século passado. Entre esses pormenores temos a determinada segregação social por níveis de empoderamento e endinheiramento do frequentador do teatro. Fala-se muito que o homem branco segregava o homem negro, mas nossa sociedade também segregava muito os próprios brancos considerando sua origem de batismo e suas posses econômico-financeiras. Era uma sociedade cujos fundamentos eram segregacionistas. O Teatro Municipal evidencia esse lado da sociabilidade paulista de uma forma direta e aberta inclusive na sua arquitetura.

- Vitrais, lustres, pinturas, esculturas muita arte que ajuda a embelezar o Teatro foi trazida da Europa ou feita aqui no Brasil por artistas europeus. Daí, podemos atestar que a estética do Teatro Municipal não deve esteticamente a muitos prédios europeus.

98 – Uma das visitas mais impactantes que fiz em São Paulo nesse mês que andei por suas galerias e instituições foi sem dúvida alguma a visita ao **Instituto Catavento e Parque Dom Pedro II**. A instituição está abrigada no antigo prédio da Prefeitura do Município de São Paulo. É um museu-escola de alta complexidade que serve de referência de como se pode usar o dinheiro público para propiciar cultura e educação de qualidades para nossos estudantes. Ali se respira ciência de uma forma prática e direta. Tudo o que li nos livros na minha juventude vi seus experimentos na prática. De astronomia à biologia, de motores a borboletas Sinceramente não dá de visitar São Paulo sem visitar o Catavento.

- O Catavento mudou meu ânimo a respeito desses museus interativos, como foi o caso da minha visita sem graça ao Museu do Futebol no Pacaembu. Ali, no Catavento, os estudantes apertam botões, jogam balões para cima, acionam alavancas, fazem bolhas de sabão gigantes mas de uma forma tão lúdica, tão espontânea que efetivamente merece nossa aprovação.

- No lado de fora tem exposição de diversas locomotivas e veículos antigos da Prefeitura, bem como bombas de gasolina e até um avião inteiro DC3. No entorno tem o gigante Parque Dom Pedro II, porém, os estudantes não estão frequentando aquela parte do patrimônio cultural por conta do grande número de moradores de rua ali instalados. Por questão preventiva os professores-monitores evitam adentrar ao parque com seus educandos. É o mal do século: o descaminho social pelo uso sistemático de drogas.

99 – Visitei o **Museu da Imigração**. O museu está abrigado no antigo edifício da hospedaria de imigração no Bairro Brás. Tem um acervo interessante de peças preservadas da hospedaria e excelente documentação para disponibilizar a pesquisadores. Oferece passeio de trem maria-fumaça aos estudantes durante a semana e aos turistas nos finais de semana.

100 – Na estação República, linha amarela do Metrô, visitei o pequeno e expressivo **Museu da Diversidade Sexual**. Na verdade, é um pequeno espaço para galeria e oficinas de artes. Gostei muito dos trabalhos de Maidel. Vale estar em uma galeria com mais destaque, já que é um artista de qualidade.



Instituto Catavento – um museu voltado para a educação.

101 – Pinheiros, Jardim Europa... são lugares da São Paulo abastada. Passei por uma rua com diversas concessionárias de veículos de marcas esportivas caríssimas, como Lamborghini, Maserati, Rolls-Royce, Land-Rover, Jaguar, Mercedes-Benz, BMW ... depois, andei por ruas com muitos restaurantes de cozinha especializada e, outras ruas com muitas lojas de *grifes* famosas. Destaque para o **Restaurante Consulado da Bahia**, na Avenida dos Pinheiros. Ali encontrei os famosos acarajés e as moquecas em panelas de barro. Mais para a frente avistei restaurantes especializados em comidas internacionais, como libanesa, japonesa, chinesa, espanhola, mexicana ...

- Andando pelas ruas dos jardins, pude observar algo que até então não entendia muito bem em São Paulo. Desde o início ficava muito intrigado com a presença de tantos moradores de rua no Centro Histórico, mas agora dá de entender o que está acontecendo na cidade. Acontece que a elite econômica abandonou o Centro Histórico. A elite montou outros espaços de sociabilidades para além do cruzamento da Avenida São João com a Avenida Ipiranga.

102 – Entrei no **MIS – Museu da Imagem e do Som** determinado a ver uma mostra de ‘Quadrinhos’. Interessante rever todos aqueles personagens com os quais convivemos na nossa infância e juventude, de Tex até os personagens eróticos dos ‘catecismos’ de Carlos Zéfiro. Fiquei muito contente ao identificar uma dessas revistinhas, intitulada ‘A ceia de Natal’. Olhando novamente um exemplar desse ‘catecismo’ veio à mente lembranças da minha iniciação sexual, indagações, curiosidades ... aflições e tensões.

- No terreno lateral do MIS encontro o **MuBE – Museu Brasileiro de Esculturas**. Um projeto magnífico de Roberto Burle Marx. Um espaço amplo, aberto, acessível à comunidade. Na galeria principal encontro uma mostra do trabalho artístico de Burle Marx que vai de pintura ao desenho, da botânica aos projetos arquitetônicos. Muito bom para se conhecer mais profundamente a obra desse gênio brasileiro.

- No outro lado da Avenida Europa, defronte ao MIS e MuBE visito a **Fundação Ema Klabin**, uma casa-museu com acervo extraordinário. Ali encontrei Lasar Segall, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Frans Post, Renoir, Brueghel, Hondeus, Marc Chagall, Portinari e muitas pequenas obras de pintores antigos holandeses. Peças chinesas, japonesas e peças coloniais brasileiras.

- O jardim da casa recebe a assinatura de Burle Marx e está recebendo um anexo para realização de eventos culturais diversos. Ali pude ter a oportunidade de ver o grafiteiro

ISKOR pintando um grande painel. Fiquei um tempo conversando com o artista tentando entender um pouco mais dessa arte que está tão em evidência no espaço urbano de São Paulo.

- O museu-casa da empresária Ema Klabin me levou a refletir muito sobre essa questão do roubo de obras de arte. Como herança da minha militância de esquerda, sempre fui muito crítico com essa questão dos europeus ‘roubarem’ nosso patrimônio histórico. Uma visão crítica do que consideramos colonialismo cultural. Mas, olhando a coleção de Ema Klabin pude perceber que ela ‘roubou’ da Europa, Japão e China muitas obras de arte de valor histórico e cultural altos. Também dá de perceber que muitas peças coloniais foram retiradas de igrejas antigas brasileiras. Muitas igrejas foram saqueadas no Brasil e suas peças foram levadas para coleções particulares nos Estados Unidos. Mas Ema Klabin ficou com algumas peças interessantíssimas e as legou ao povo brasileiro através da sua fundação. Menos pior porque as peças continuam de acesso público. Já tinha visto algumas dessas peças nos antiquários que estão participando da Feira Internacional no Ibirapuera... fazer o que.

- Na volta para casa encontrei a Igreja Nossa Senhora do Brasil. Uma igreja diferente e estranha. Toda decorada por azulejos pintados, possui um altar belíssimo que foi trazido de uma antiga igreja da cidade de Mogi das Cruzes. A igreja tem um estilo eclético misturando o clássico, barroco e moderno. É diferente. Só o altar-mor já vale a visita.

103 – Fiquei quase um mês em São Paulo conhecendo mais os museus, monumentos, centros culturais, galerias de arte. Não frequentei a noite paulistana no setor de música e teatro. Na minha avaliação, vendo algumas programações no Guia Folha, teria de dedicar pelo menos mais um mês para conhecer bem todos os pontos onde se convive com a boa música paulistana e, outro mês inteiro, para frequentar todos os seus teatros e casas de espetáculos.

- Os próprios museus são em tal número que não deu de conhecer todos. Fiquei devendo uma visita a museus menores e temáticos, como o Museu da Luz.

104 – Na segunda-feira seguinte ao meu retorno à Itajaí visitei a Casa da Cultura Dide Brandão e lá encontrei uma mostra do artista gaúcho Marcos Leal com o título ‘Um olhar sobre o feminino’. A mostra pareceu oferecer aos meus olhos qualidade estética muito próxima daquela que encontrei em diversas galerias de São Paulo.

105 – Na semana seguinte fui ao evento da reabertura da Galeria Domingos Dinys – no térreo da antiga sede da Fundação Cultural de Itajaí – na Rua Lauro Müller. Quando me deparei com um quadro retratando um galo, fiquei paralisado diante da obra e imediatamente veio à mente todas as obras que vi em São Paulo nos dias anteriores. Depois, fiquei admirando diversos quadros de flores ... Toda aquela beleza me deixou perplexo, pensando nos motivos que levam um Dinys a não ser incluído entre os grandes artistas brasileiros. Sua técnica é perfeita. Itajaí pode contar, ao longo de décadas, com a presença de um verdadeiro gênio da pintura nacional ... e ninguém deu ou dá importância a isso. Uma grande injustiça. Será reparada um dia?



O MENDIGO QUE PASSA

*quem passa
não tem passado
e todo drama é apenas
novela de janete clair
opereta de carlos gomes
poética de augusto dos anjos*

*Quem passa não conheço
Não reconheço
é apenas personagem
no programa do faustão
ou carne exposta na midiática
antropofagia do caldeirão do hulk*

*quem passa por mim em são paulo
banhado em garoa
e largado na praça da república
como pombo de asa partida
é mais um sem passado
que a república desconhece*

SAUDADE

Estou há dez dias sozinho em São Paulo e bateu em mim tudo aquilo que tenho direito por ousar ser ninguém na cidade grande: solidão, medo, angústia e saudade.

Não saí do apartamento e sequer abri as janelas e ousei ver se chovia ou fazia sol. Fiquei na penumbra de uma saudade fria e intermitente como os sopros de lestada sobre o combro da praia deserta de Mariscal.

Recebo na face nua o vento frio vindo de onde mais tenho saudade e já não me protege a estética de Tarsila do Amaral e Paul Klee, nem a história de Rugendas ou o drama de Leonilson e sua rebeldia transvanguardista. A arte, este abrigo em plena tempestade, parece ter sido levada pelo vento para longe do meu espírito – deixado vazio para ser ocupado por um nada chamado solidão.

Estou só em São Paulo e deito sobre um vazio feito de solidão, olhando para um infinito feito de saudade.



Detalhe da obra de Raphael Cortes em exposição na Pinacoteca do Estado de São Paulo – foto Magru Floriano em 19 de março de 2019.